

EVANGELHO SEGUNDO S. MATEUS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de agosto de 2024. Revista face à edição impressa.

INTRODUÇÃO

Este é o primeiro e o mais longo evangelho canônico, mas não o primeiro a ser escrito. Mateus, numa narrativa muito mais solene e longa, incorporou quase todo o evangelho de Marcos em metade do seu texto, redistribuindo-o ao longo da narrativa. Quanto ao restante material, foi buscá-lo à tradição oral do chamado documento Q (do alemão *Quelle, fonte*) e a uma outra fonte exclusiva sua, tal como explica a já clássica teoria das duas fontes que data de finais do séc. XIX. Esta teoria obrigou à revisão da tese dos Padres da Igreja, segundo a qual Marcos seria uma espécie de resumo de Mateus.

O evangelho está marcado pelas várias referências à presença de Jesus no *monte*: num monte ocorrem a terceira tentação (4,8-10), o primeiro grande discurso de Jesus (5-7), a oração solitária e prolongada durante a noite (14,23), o encontro com as multidões; e para aí levam os estropiados, os coxos, cegos e paráliticos para serem curados (15,29-30). É o lugar da transfiguração (17,1), antecipação da glória do Ressuscitado. E, finalmente, é no monte que se dá o encontro do Ressuscitado com os Onze. A imagética do monte ilustra uma das ideias fundamentais do evangelho, que apresenta Jesus como o novo Moisés, que vem completar e levar a cumprimento o que Moisés começou no monte Horeb. Por isso, no monte da Galileia, os Onze são enviados pelo Ressuscitado.

Autor

O nome do apóstolo Mateus aparece no relato da sua vocação, quando Jesus o chama a deixar o seu posto de trabalho de *publicano*, ao serviço das finanças do império romano (Mt 9,9-13; 10,3). Nos textos paralelos de Mc 2,14 e Lc 5,27 é chamado Levi, e aparece, novamente, com o nome de Mateus nas listas dos doze apóstolos dos evangelhos sinópticos (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15), e na lista de At 1,13. É também como *Mateus* que os Padres da Igreja, desde o séc. II, o conhecem. Isto mesmo é atestado por Pápias, bispo de Hierápolis (c. 125/130 d. C.), citado por Eusébio de Cesareia: *Mateus colecionou os ditos [do Senhor] em língua aramaica e cada um traduzia-os como podia* (Hist. Eccl. III,39.16). Pelo conhecimento que mostra das Escrituras e das tradições judaicas, o autor deste evangelho mostra ser alguém versado no judaísmo e no AT.

Não temos elementos suficientes para comprovar o testemunho de Pápias acerca da existência de uma versão original aramaica. Seja como for, o texto apresenta inúmeras citações do AT e muitos semitismos, o que mostra a proximidade do autor com a tradição judaica, ou pelo menos palestinese. A crítica cerrada aos fariseus e aos doutores da lei no cap.23 – a ponto de serem chamados *hipócritas* – deixa entrever um período em que o sinédrio já não existia após a destruição do templo no ano 70 d.C.. Nessa fase, os fariseus, juntamente com os seus sucessores, eram os grandes críticos do judeo-cristianismo, num período em que muito provavelmente

te já circulava a invetiva sinagoga da *birkat hamminim* contra os pagãos (os não judeus), acordada na reunião de Jâmnia no ano 80 d.C. pelos mestres da sinagoga (os antecessores dos *tanaïm*), o que leva a datar o evangelho no período imediatamente seguinte, tendo já presente a destruição de Jerusalém, eventualmente evocada na figura das virgens insensatas do cap.25 ou no retardar da escatologia (22; 24,6-8).

Os mesmos elementos apontam, como destinatários deste evangelho, para uma comunidade dominada por cristãos de origem judaica ou, pelo menos, fortemente familiarizados com as suas tradições. O mais provável é que tenha sido a comunidade cristã de Antioquia, bem como outras que lhe eram vizinhas. Situada numa das cidades mais importantes do império romano e com uma numerosa colónia de judeus, esta comunidade foi fundada nos primórdios do Cristianismo e constituída por cristãos vindos tanto do judaísmo como do paganismo, e teve, pela sua abertura à missionação, um papel decisivo na expansão da fé cristã por todo o império (cf. At 11,19-29; 13,1-15,35; 18,23). Provavelmente foi lá que também este evangelho foi redigido.

Estrutura literária

Em 4,17 e 16,21, Mateus utiliza uma fórmula muito idêntica, que permite perceber dois grandes blocos temporais. A frase *desde então Jesus começou a proclamar: «Convertet-vos, pois está próximo o reino dos céus»* (4,17) marca o início do ministério público de Jesus, enquanto a afirmação *desde então Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário Ele partir para Jerusalém* (16,21) anuncia a necessidade da subida a Jerusalém, o que acontece em 19,1. Estes dois grandes blocos são antecidos pela narrativa sobre a infância de Jesus e da sua manifestação pública (caps. 1-4). Assim, a estrutura do evangelho pode apresentar-se da seguinte forma: 1) o evangelho da infância de Jesus (caps.1-2); 2) manifestação pública de Jesus (caps. 3-4); 3) o anúncio do reino e a subida para Jerusalém (caps. 5-25); 4) paixão, morte e ressurreição (caps.26-28).

Os caps. 5-25 constituem, assim, a parte central do evangelho, estruturada a partir dos cinco grandes discursos de Jesus, o novo Moisés, que terminam com a fórmula literária *quando Jesus acabou de dizer estas palavras* (ou *instruções*, ou *parábolas*) (7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1), e que servem de transição para as secções narrativas. Um outro elemento que assume uma função estruturante é o sumário relativo à atividade de Jesus (4,23-25 e 9,35), onde se repete de forma quase idêntica o mesmo texto. Este sumário une dois aspetos fundamentais e complementares da missão de Jesus: a palavra do ensinamento sob a forma de pregação itinerante e a ação sob a forma da cura. Desta forma, o núcleo central da obra apresenta a seguinte estrutura:

- 1º) discurso da montanha (5,1-7,29) com as bem-aventuranças (5,1-12);
- 2º) primeiros sinais do reino (8,1-9,38) e discurso missionário (10,1-42);
- 3º) ensinamentos sobre o reino (11,1-12,50) e discurso das parábolas do reino (13,1-52);

4º) outros ensinamentos sobre o reino (13,53-17,27) e discurso eclesial (18,1-35); 5º) subida e ministério em Jerusalém (19,1-23,39) e discurso escatológico (24,1-25,46).

Cristologia

Este evangelho começa com uma síntese da sua cristologia: Jesus é *Cristo, filho de David, filho de Abraão*. Ou seja, enquanto filho de David, Jesus é o Ungido do Senhor, o rei ideal que o profeta Natan tinha anunciado em 2Sm 7,12-16. Como David, provém da cidade de Belém e pastoreia Israel com a força do seu bastão, a força do Senhor (Mt 2,6 com a citação de Mq 5,1-4). Enquanto filho de Abraão, cumpre a promessa de bênção para todas as nações da terra (cf. Gn 12,3; 18,18; 22,18; 26,4; 28,14).

Esta é, todavia, uma dimensão universal que o próprio Jesus parece contrariar: em 10,6 envia os discípulos apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel, uma missão que Ele próprio assume em 15,24, como reação a uma estrangeira que intercede junto dele pela filha. A verdade, porém, é que ela acaba por obter de Jesus a graça que lhe pede, invocando-o como *filho de David* (15,22).

Esta aparente contradição deve-se provavelmente à dupla rejeição de Jesus por parte do povo Israel: a rejeição que lhe causou a morte; e a rejeição posterior à sua ressurreição, na pessoa dos discípulos que o anunciavam e das comunidades cristãs desprezadas e até perseguidas pela comunidade judaica, sobretudo depois de 70 d.C.

O mais provável é que a ida de Jesus e o envio dos discípulos apenas às *ovelhas perdidas da casa de Israel* se possam ler neste contexto pós-pascal em duas perspetivas: 1) como preocupação de conquistar para Cristo os judeus que lhe eram adversos, de acordo com o lugar privilegiado de Israel na história da salvação e o consequente princípio expresso por S. Paulo de que o evangelho é poder de Deus para salvação de todo o crente, (mas) primeiro o judeu e (só) depois o grego (Rm 1,16); 2) possivelmente também como reação a um eventual antisemitismo, nomeadamente na comunidade cristã de Antioquia em que o evangelho de Mt se formou.

De qualquer modo todo ele está imbuído numa lógica de abertura universal: no início pela adoração dos magos, estrangeiros *vindos do oriente*, em contraste com a mortífera atitude do rei Herodes (Mt 2,1-11); e no fim, depois de ressuscitado e com todo o poder no céu e na terra, pelo envio dos onze a todos os povos da terra, para aí fazerem discípulos (28,16-20).

O título Filho de Deus não surge nem a abrir o evangelho (ao contrário de Mc), nem na genealogia (ao contrário de Lc). Mas aparece em pelo menos dois outros lugares marcantes: explicitamente no centro do evangelho, na confissão de Pedro – *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo* (Mt 16,16) – que une a messianidade davídico-abraâmica à especial relação filial com o Deus e Pai de Israel; e implicitamente na introdução, que sintetiza a mensagem do evangelho: aí Jesus, o Filho de Maria por

obra do Espírito Santo, é o *Emanuel* – *Deus conosco* em que se cumpre a palavra de Deus na Escritura (Mt 1,23, com a citação de Is 7,14).

No mesmo âmbito se situa a sua obediência de Filho e servo de Deus que toma sobre si as nossas culpas e enfermidades, como o Servo de Javé do deutero-Isaías de que são feitas duas citações (Is 42,1-4 em Mt 12,18-21; Is 53,4 em Mt 8,17). Apresenta-se ainda *manso e humilde de coração* (Mt 11,29), como consequência, mencionada só por Mt, do conhecimento único entre Ele e o Pai (11,25-27, comparado com o paralelo de Lc 10,21-22).

Finalmente Ele é mestre e pastor compassivo. Contrariamente a falsos profetas (Mt 7,15; 24,24-26) ou pretensos mestres (23,2-7), só Ele merece os títulos de *rabi* (mestre) e *guia* (23,8.10), já que, mais do que uma doutrina, é um estilo de vida, uma maneira de estar no mundo que Ele ensina – e Ele próprio se assume como pastor compassivo (9,36) que, perante o sofrimento dos outros, age a partir do mais profundo e vital do seu ser: das *entranhas que se revolvem* (significado literal do verbo grego traduzido por *compadecer-se profundamente* em 14,14; 15,32; 18,27).

Eclesiologia

O discurso sobre a Igreja é fortemente cristológico, tal como o mostram os caps. 10 e 18 (respetivamente, os discursos missionário e eclesial). Neles salta à vista a forte correspondência entre Jesus e os discípulos (10,40; 18,5), onde os mais pequeninos são alvo de uma particular afeição da parte de Deus (18,10). Nesta forte relação nasce uma *comunidade fraterna*. É verdade que o conceito de *ekklesiá* (Igreja) é sobretudo frequente em Paulo. Nos Sinópticos é usado só por três vezes, e todas em Mateus (16,18; 18,17). Nos LXX, das noventa e seis ocorrências, setenta e seis traduzem o conceito hebraico *qahal* para significar precisamente a comunidade liberta do Egito. Em Mt 16,18, Jesus ensina como podem fazer parte da Igreja todos aqueles que, como Pedro, o reconhecem como o Cristo, o Filho do Deus vivo. A Igreja de Deus (expressão dos LXX) é assim a Igreja de Cristo, a nova comunidade messiânica.

Em Mt 18,17, o sentido é algo diverso, pois o contexto sugere a ideia de uma comunidade local fraterna que se reúne em nome de Cristo, o seu Senhor. A tarefa não é a de condenar o pecador, mas de o levar a reconhecer o seu pecado. Por conseguinte, isto faz dos membros da Igreja um corpo de irmãos, uma fraternidade. Jesus chama mesmo aos seus discípulos *meus irmãos* (cf. Mt 28,10). Também o são aqueles que cumprem a vontade do Pai, como membros da nova família do(a) irmã(o)s de Jesus (cf. 12,46-50). Se esta é uma missão local, à Igreja é confiada uma missão universal no fim do evangelho, em Mt 28,16: *Os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha designado*. A partir desse monte, o novo Moisés envia-os a todos os povos *ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei* (v.20).

I O EVANGELHO DA INFÂNCIA DE JESUS (1,1-2,23)

1 Origem humana de Jesus. Genealogia (Lc 3,23-37) – ¹ Livro da genealogia^a de Jesus Cristo^b, filho de David, filho de Abraão. ² Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacob, Jacob gerou Judá e seus irmãos. ³ Judá gerou, de Tamar, Peres e Zera. Peres gerou Hesron. Hesron gerou Aram. ⁴ Aram gerou Aminadab. Aminadab gerou Nachon. Nachon gerou Salmon. ⁵ Salmon gerou, de Raab, Booz. Booz gerou, de Rute, Obed. Obed gerou Jessé. ⁶ Jessé gerou o rei David.

David gerou, da mulher de Urias^c, Salomão. ⁷ Salomão gerou Roboão. Roboão gerou Abias. Abias gerou Asa. ⁸ Asa gerou Josafat. Josafat gerou Joram. Joram gerou Uzias. ⁹ Uzias gerou Jotam. Jotam gerou Acáz. Acáz gerou Ezequias. ¹⁰ Ezequias gerou Manassés. Manassés gerou Amon. Amon gerou Josias. ¹¹ Josias gerou Jeconias e seus irmãos, no tempo do desterro da Babilônia.

¹² Depois do desterro da Babilônia, Jeconias gerou Salatiel. Salatiel gerou Zorobabel. ¹³ Zorobabel gerou Abiud. Abiud gerou Eliaquim. Eliaquim gerou Azur. ¹⁴ Azur gerou Sadoc. Sadoc gerou Jaquim. Jaquim gerou Eliud. ¹⁵ Eliud gerou Eleázar. Eleázar gerou Matan. Matan gerou Jacob. ¹⁶ Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo.

¹⁷ Assim, todas estas gerações são: de Abraão até David, catorze gerações; de David até ao desterro da Babilônia, catorze gerações; e do desterro da Babilônia até Cristo, catorze gerações.

^a A mesma palavra grega *génésis* (*origem, geração, gênese*) introduz as duas secções que se iniciam respetivamente nos vv.1.18: a primeira refere-se à origem humana de Jesus, a segunda à sua origem divina. As genealogias, no AT, são um legado teológico do *povo eleito*, sobretudo depois do exílio (Gn 5; 10; 36; livros dos Reis e Crônicas). Mt sobreleva as pessoas de Abraão, como primeiro pai na fé, e David, como primeiro rei associado às promessas messiânicas. Com esta genealogia e com as duas que se seguem, Mt quer assinalar desde o início que, para entender Jesus, é preciso percorrer o AT. Começa aqui a transição do AT para o NT. A primeira parte da genealogia provém de Rt 4,18-22 e 1Cr 1,34-2,15, a segunda de 1Cr 3,1-16; 2 Rs 24,14; Jr 27,20 e a terceira de Esd 3,2; Ag 2,2; 1Cr 3,16-19.

^b De origem grega (*kbristós*), este título significa *ungido* e corresponde ao hebraico *Messias*, que Mt nunca usa. Procede de Mc 1,1 e era entendido, por esta altura, em sentido eminentemente político (Lc 20,41; 22,67; 23,2.35.39), mas também profético e sacerdotal (*IQS* 9,10-11), pois em Israel eram ungidos os sacerdotes, os profetas e os reis.

^c As quatro mulheres que integram a genealogia de Jesus (Tamar: Gn 38; Raab: Js 2; Rute e Betsabé, mulher de Urias: 2Sm 11,1-27) evidenciam a universalidade da salvação espelhada nos títulos da descendência abraâmica e davidica aplicados a Jesus. Esta árvore genealógica pertence ao género das genealogias de linhagem sem ramificações, cuja função é legitimadora, tal como acontecia no mundo antigo (cf. Eusébio, *Hist. Ecl.* III,12.19; XX,1-6; XXXIII,3; *bKet* 26b; *NmR* 13,14; *ExR* 15,26).

Origem divina de Jesus (Lc 1,26-38) – ¹⁸Jesus Cristo foi gerado deste modo: Maria, sua mãe, tendo sido desposada por José, antes de viverem juntos^a, concebeu^b por obra do Espírito Santo. ¹⁹José, seu esposo, que era justo e não queria difamá-la, pensou repudiá-la secretamente^c. ²⁰E, tendo ele assim pensado, eis que lhe apareceu, num sonho, um anjo do Senhor^d, que lhe disse: «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado provém do Espírito Santo. ²¹Ela dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus^e, pois Ele salvará o seu povo dos seus pecados».

²²Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que tinha sido dito pelo Senhor por meio do profeta^f:

²³*Eis que a virgem^g conceberá^h e dará à luz um filho, que será chamadoⁱ Emanuel, que significa Deus conosco.*

²⁴Quando acordou do sono, José fez como lhe havia ordenado o anjo do Senhor e recebeu a sua esposa. ²⁵E, sem que antes a tivesse conhecido intimamente^j, ela deu à luz um filho, a quem ele pôs o nome de Jesus.

2 Visita dos magos – ¹Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia^k nos dias do rei Herodes, eis que chegaram a Jerusalém uns magos^l vindos do oriente. ²Disseram eles: «Onde está o rei dos judeus que nasceu? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo». ³Ao ouvir isto, o rei Herodes perturbou-se, e, com ele, toda a cidade de Jerusalém^m. ⁴E, tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da leiⁿ, procurava saber junto deles onde nasceria o Cristo. ⁵Eles disseram-lhe: «Em Belém da Judeia, pois assim está escrito por meio do profeta:

^a Na cultura hebraica, o noivado tinha lugar um ano antes do casamento, e durante esse período a noiva permanecia com a sua família, sem nenhum contacto mais íntimo com o noivo. Apesar disso, desde o dia em que o noivado se iniciava, os noivos eram já considerados marido e mulher.

^b Lit.: *descobriu-se tendo no ventre* (a mesma expressão do v.23).

^c A lei de repúdio ordenava que a mulher apanhada em adultério fosse apedrejada (cf. Dt 22,20s; Lv 18,20; 20,10; *1QT* 66; Filon, *Spec. Leg.* III,72-78).

^d Mt usa os sonhos, de acordo com a cultura oriental, para manifestar os mistérios divinos. O termo *sonho* ocorre exclusivamente em Mt (1,20; 2,12.13.19.22; 27,19).

^e *Yeshua* (*Jesus*) significa em hebraico *o Senhor salva*.

^f O grego acrescenta *que diz*.

^g Is 7,14. O texto hebraico (e o de Qumran) apresenta *'almāb* (*donzela, jovem*), mas Mt segue aqui a versão dos LXX com *parthénos* (*virgem*).

^h Lit.: *terá no ventre*.

ⁱ O grego acrescenta *com o nome*.

^j O verbo usado em grego, traduzido por *conhecer intimamente*, ecoa no seu correspondente hebraico, que, entre outros sentidos, é usado para falar das relações íntimas entre homem e mulher.

^k A narrativa de Mt deseja transmitir o conflito entre as duas realidades, a de Herodes e a de Jesus. Os judeus, a começar pelo seu rei e pela capital, Jerusalém, deviam aceitar o seu Messias, mas foram os magos, em busca da verdade, que o aceitaram.

^l O episódio dos magos é exclusivo de Mt. Este acontece sob o reinado de Herodes, o Grande (um rei aliado de Roma), filho de Antípatro, que viveu entre 73 a.C e 4 a.C. *Um mago* era um membro da casta sacerdotal persa.

^m Lit.: *toda a Jerusalém*.

ⁿ O grego acrescenta *do povo*. Os *chefes dos sacerdotes* e os *doutores da lei* (ou *escribas*) faziam parte do sínédrio, a autoridade máxima para os judeus, com sede em Jerusalém, presidida por um sumo sacerdote

*⁶E tu, Belém, terra de Judá,
não és de modo algum
a menor entre as principais cidades de Judá;
porque de ti sairá um príncipe,
que apascentará o meu povo, Israel»^o.*

⁷Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e interrogou-os minuciosamente acerca da data em que a estrela tinha aparecido. ⁸Depois enviou-os a Belém e disse: «Ide e indagai cuidadosamente acerca do menino. Assim que o encontrardes, vinde avisar-me, para que também eu o vá adorar».

⁹Depois de ouvirem o rei, eles continuaram a viagem. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia à sua frente, até que, ao chegar ao lugar onde estava o menino, parou. ¹⁰Quando viram a estrela, sentiram uma alegria imensa^p. ¹¹Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, adoraram-no. Abriam, então, os seus tesouros e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra^q. ¹²E avisados num sonho para não retornarem à presença de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.

Fuga para o Egito – ¹³Depois de os magos partirem, um anjo^r do Senhor apareceu num sonho a José, e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e a sua mãe e foge para o Egito»; fica por lá até que eu te diga, pois Herodes está à procura do menino para o matar».

¹⁴Então ele levantou-se durante a noite, tomou o menino e a sua mãe e retirou-se para o Egito, ¹⁵e ali permaneceu até à morte de Herodes, para que assim se cumprisse o que foi dito pelo Senhor por meio do profeta^a:

Do Egito chamei o meu filho^u.

e constituída por mais setenta membros. Os *doutores da lei* ou *escribas* eram um grupo que parece ter tido os seus inícios no tempo do exílio, mas que ganhou consistência na época dos Macabeus ao opor-se aos sacerdotes, que compactuavam com os pagãos. Quando se deu a ramificação dos saduceus e dos fariseus, os doutores da lei pertenciam sobretudo a este grupo, embora os houvesse também entre os saduceus (sobre estes, cf. 3,7 nota). Tinham uma tríplice missão em relação à Lei: concretizar as regras da Torá para as tornar eficazes; instruir os jovens na Lei; julgar de acordo com a Lei. No entanto, a Lei, para os fariseus, era não só a Torá escrita (a Lei, nesta tradução sempre referida com letra maiúscula), mas também a oral (lei, com letra minúscula), que estes atribuíam igualmente a Moisés (cf. *mAvot* 1,1s).

^o Citação mista de 2Sm 5,2 (LXX) e 1Cr 11,2 com Mq 5,1-3. Belém está relacionada com David a partir da sua bisavó Rute (Rt 1,1-4; cf. 1Sm 16; 17,12). Cf. Jo 7,42.

^p Lit.: *alegraram-se com uma grande alegria*.

^q Nestes três presentes estão espelhados a realeza de Jesus (ouro), o seu sacerdócio e divindade (incenso), a sua capacidade profética e o seu sofrimento (mirra). A vinda dos magos cumpre as profecias messiânicas acerca da homenagem que as nações haveriam de prestar ao Deus de Israel (cf. Nm 24,17; Sl 72,10.11.15; Is 60,6.11.13).

^r O grego antepõe *eis* (*que*). A expressão grega *idou/ide*, traduzida por *eis* (*que*) traduz-se literalmente por *vê* e é um semitismo que a Vg traduziu por *ecce* (*eis*). A presente tradução muitas vezes elimina a interjeição e assinala-o com uma nota de literalidade.

^s Para o Egito peregrinaram Abraão (Gn 12,10-20) e Jacob (Gn 46,2-4).

^t O grego acrescenta *que diz*.

^u Os 11,1. Mt segue o texto hebraico.

Martírio dos meninos em Belém – ¹⁶Quando Herodes se apercebeu de que tinha sido ludibriado pelos magos, ficou furioso e mandou matar, em Belém e em todas as suas regiões, todos os meninos de dois anos ou menos^a, de acordo com a data que tinha cuidadosamente indagado junto dos magos. ¹⁷Cumpriu-se, então, o que foi dito por meio do profeta Jeremias^b:

¹⁸*Ouviu-se uma voz em Ramá,
um choro e um grande lamento:
é Raquel que chora os seus filhos
e não quer ser consolada,
porque eles já não existem^c.*

Regresso do Egito – ¹⁹Quando Herodes morreu, um anjo^d do Senhor apareceu num sonho a José no Egito, ²⁰e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e a sua mãe e vai para a terra de Israel, pois morreram os que procuravam tirar a vida ao menino». ²¹Ele levantou-se, tomou o menino e a sua mãe, e foi para a terra de Israel. ²²Mas, ao ouvir dizer que Arquelau^e reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Avisado num sonho, retirou-se para a região da Galileia ²³e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Assim se cumpriu o que foi dito por meio dos profetas: «Será chamado nazareno»^f.

II

MANIFESTAÇÃO PÚBLICA DE JESUS (3,1-4,25)

3 João, o Batista (Mc 1,2-8; Lc 3,3-6.15-17) – ¹Naqueles dias, veio João Batista pregar no deserto da Judeia, ²dizendo: «Convertei-vos, pois está próximo o reino dos céus»^g.

³De facto, foi sobre ele que falou o profeta Isaías, quando disse:

*Uma voz clama no deserto:
“Preparai o caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas”^h.*

^a Herodes repete a violência do faraó em Ex 1,16.

^b O grego acrescenta *que diz*.

^c Jr 31,15. Belém, segundo a tradição, é o lugar onde Raquel foi sepultada, e em Ramá reuniram-se os deportados levados para o exílio (Jr 40,1). Ramá situa-se a norte de Jerusalém. Ao vir do Egito, Jesus aparece como um novo Moisés.

^d O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^e Arquelau era filho de Herodes, o Grande, e era tão violento quanto o pai. Governou os territórios da Judeia, Idumeia e Samaria de 4 a.C. – 6 d.C. Foi destituído por Roma e substituído por um procurador romano.

^f O nazareno evoca o *nētser* (o *rebento* de Is 11,1) e o *nāzīr* (o *consagrado*), na linha de Sansão e de Samuel (cf. Nm 6,1-21; Jz 13,1-7; 1Sm 1,22).

^g *Céus* é um circunlóquio típico da tradição judaica para evitar utilizar a palavra *Deus*.

^h Is 40,3.

⁴João usava uma roupa feita de pelos de camelo e uma correia de couro à volta dos rins; o seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre.⁵ Acorria a ele gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região do Jordão, ⁶e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. ⁷Mas, ao ver que muitos fariseus e saduceus^j vinham ao seu batismo, ele disse-lhes: «Geração de víboras, quem vos mostrou como fugir da ira que está a chegar?»^k ⁸Produzi um fruto próprio da conversão. ⁹Não vos iludais, dizendo^l entre vós: «Temos por pai Abraão», pois digo-vos que Deus é capaz de fazer surgir, destas pedras, filhos de Abraão. ¹⁰O machado já está posto à raiz das árvores, e toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo. ¹¹Eu batizo-vos na água, para a conversão. Mas Aquele que vem atrás de mim é mais forte^m do que eu, e eu não sou digno de lhe levar as sandálias; Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo. ¹²Tem a pá na sua mão: limpará a sua eira e recolherá o seu trigo no celeiro; mas a palha, queimá-la-á num fogo que não se apaga».

Batismo de Jesus (Mc 1,9-11; Lc 3,21s) – ¹³Jesus veio, então, da Galileia para o Jordão, ter com João, para ser batizado por ele. ¹⁴Mas João opunha-se, dizendo-lhe: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e és Tu que vens ter comigo?»¹⁵ Jesus respondeu-lheⁿ: «Deixa por agora. É conveniente que deste modo cumpramos toda a justiça^o». João deixou, então, que se fizesse como Ele queria^p. ¹⁶Depois de ter sido batizado, Jesus saiu imediatamente da água; e eis que os céus se lhe abriram, e viu o Espírito de Deus a descer como uma pomba, a vir sobre Ele. ¹⁷E uma voz^q, vinda do céu, disse: «Este é o meu Filho amado, no qual me comprazo».

4 Tentações de Jesus (Mc 1,12s; Lc 4,1-13) – ¹Jesus foi, então, levado pelo Espírito para o deserto, a fim de ser tentado pelo Diabo. ²Depois de ter jejuado durante quarenta dias e quarenta noites^r, por fim sentiu fome. ³O tendador aproximou-se

ⁱ João vestia-se à maneira de alguns profetas, como Elias (2Rs 1,8; cf. 17,10-13). A forma como se alimenta sublinha o seu ascetismo.

^j Os fariseus (em hebraico *os separados*) eram um grupo de zelosos observantes da Torá (a Lei), surgido no séc. II a.C., que por isso se consideravam separados para a salvação face aos demais (cf. Flávio Josefo, *Bell. Jud.* II,8,2). Os saduceus (grupo aristocrata da classe sacerdotal) tinham assento no sinédrio, tal como os fariseus, mas, ao contrário destes, não acreditavam na ressurreição (por não ser referida no Pentateuco), nem nos anjos, nem na tradição oral, nem na providência divina.

^k Este é considerado por vários autores como o começo do hipotético documento Q (do alemão *Quelle*, a fonte dos ditos de Jesus comuns a Mt e Lc, e não presentes em Mc).

^l Lit.: e não penseis dizer.

^m Forte é um dos adjetivos usados no AT para qualificar Deus (cf. Jr 32,18; Dn 9,4). Na tradição rabínica o discípulo era suposto calçar o seu mestre (cf. *bKet* 96).

ⁿ Lit.: respondendo, porém, Jesus disse para ele.

^o Na tradição do tempo, a justiça era vista como uma imposição humana ético-religiosa decorrente das exigências da Lei.

^p Lit.: Então [João] deixou-o.

^q O grego antepõe *eis* (que) (lit.: vê; cf. 2,13 nota).

^r O número quarenta evoca não só os quarenta anos de Israel no deserto antes de chegar à terra prometida (Ex 16,35; Nm 14,33s; 32,13; Dt 1,3), mas também os dias e as noites que Moisés passou na montanha

e disse-lhe: «Se és Filho de Deus, diz que estas pedras se transformem em pães».

⁴Jesus respondeu-lhe^a: «Está escrito:

*Nem só de pão viverá o homem,
mas de toda a palavra que sai da boca de Deus»^b.*

⁵Então o Diabo levou-o consigo à cidade santa e colocou-o no pináculo do templo.

⁶E disse-lhe: «Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito:

*Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito
e eles levar-te-ão nas mãos,
para que o teu pé não tropece em alguma pedra»^c.*

⁷Respondeu-lhe Jesus: «Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus»^d.

⁸De novo o Diabo o levou consigo a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória. ⁹E disse-lhe: «Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares». ¹⁰Jesus respondeu-lhe, então: «Vai-te, Satanás, pois está escrito:

*Ao Senhor, teu Deus, adorarás
e só a Ele prestarás culto»^e.*

¹¹Então o Diabo deixou-o; e vieram ter com Ele os anjos^f, que se puseram a servi-lo.

Jesus começa a ensinar (Mc 1,14s; Lc 4,14s) – ¹²Quando Jesus ouviu dizer que João tinha sido preso, retirou-se para a Galileia. ¹³Deixou Nazaré e foi morar para Cafarnaum^g, situada à beira-mar, nos territórios de Zabulão e Neftali, ¹⁴para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta Isaías^h:

*¹⁵Terra de Zabulão e terra de Neftali,
caminho do mar, além-Jordão,
Galileia dos pagãosⁱ:*

*¹⁶o povo que habitava nas trevas
viu uma grande luz,
e, para os que habitavam na região e na sombra da morte,
uma luz se levantou^j.*

do Horeb antes de receber as tábuas da Lei (cf. Ex 19s; 24,18; 34,28; Nm 14,34; Dt 9,9), ou a caminhada de Elias até ao mesmo monte (cf. 1Rs 19,8).

^a Lit.: *Ele, porém, respondendo disse.*

^b Dt 8,3.

^c Sl 91,11s.

^d Dt 6,16.

^e Dt 5,9; 6,13. As tentações de Jesus, de acordo com os textos citados do AT, evocam as do povo de Israel na sua caminhada de quarenta anos pelo deserto.

^f O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^g Cidade localizada nas margens do Lago de Tiberíades.

^h O grego acrescenta *que diz*.

ⁱ A Galileia, depois da morte do rei Salomão, entrou em cisma político-religioso com a Judeia e era, por isso, apelidada *Galileia dos pagãos*, sobretudo a seguir à destruição da Samaria em 722 a.C., devido à forte presença de população pagã e à influência da sua cultura.

^j Is 8,23; 9,1.

¹⁷Desde então, Jesus começou a proclamar^k: «Convertei-vos, pois está próximo o reino dos céus».

Chamamento dos primeiros discípulos (Mc 1,16-20; Lc 5,1-11; Jo 1,35-51) – ¹⁸Ao caminhar junto ao mar da Galileia viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e o seu irmão André, lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. ¹⁹E disse-lhes: «Vinde atrás de mim, e farei de vós pescadores de homens». ²⁰E eles, deixando imediatamente as redes, seguiram-no. ²¹Ao avançar mais um pouco, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e o seu irmão João, que estavam no barco com Zebedeu, seu pai, a consertar as redes, e chamou-os. ²²E eles, deixando imediatamente o barco e o pai, seguiram-no.

As multidões acorrem (Mc 3,7-12; Lc 6,17-19) – ²³Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, proclamando o evangelho do reino^l e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo. ²⁴Assim se espalhou a sua fama por toda a Síria, e traziam-lhe todos os que tinham alguma espécie de mal, oprimidos por vários tipos de doenças e tormentos, endemoniados, dementes^m e paralíticos, e Ele curava-os. ²⁵E seguiam-no numerosas multidões provenientes da Galileia, da Decápoleⁿ, de Jerusalém, da Judeia e de além-Jordão.

III

O ANÚNCIO DO REINO E SUBIDA PARA JERUSALÉM

(5,1-25,46)

DISCURSO DA MONTANHA (5,1-7,29)^o

S As bem-aventuranças (Lc 6,20-26) – ¹Ao ver as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Aproximaram-se dele os seus discípulos^p, ²e, tomando a palavra^q, Ele começou a ensiná-los, dizendo:

^k O grego acrescenta *e a dizer*.

^l O *evangelho do reino* é uma expressão típica de Mt (9,35; 24,14).

^m Lit.: *lunáticos*.

ⁿ A Decápole era um conjunto de dez cidades a leste e a nordeste da Galileia, sob a jurisdição de Filipe, o filho de Herodes. A lista não é rigorosa em Plínio (*Nat.* 5,16), mas parece que era composta por: Damasco, Filadélfia (Amman), Rafana, Sitópolis (Betchean), Gádara, Hipo-Susita, Dion, Péla, Gérasa e Canata.

^o As bem-aventuranças são anúncio e proposta de felicidade, central em toda a Bíblia. Jesus declara *felizes* os que participam no reino de Deus por Ele iniciado, por duas razões, correspondentes às duas partes em que as bem-aventuranças se dividem: 1^o, porque, na sua indigência, se confiam a Deus (vv.3-6); 2^o, porque, com a energia dele recebida, se entregam aos outros (vv.7-9). É uma felicidade já presente (vv.3.9: *deles é o reino dos céus*) e a consumir no futuro (vv.4-8). Destas nove bem-aventuranças (a 9^a concretiza a 8^a), quatro são, na temática, comuns a Lc e, por isso, provenientes de uma mesma fonte (*Quelle*).

^p Inicia-se aqui o primeiro de cinco grandes discursos de Jesus. Este prolonga-se até ao fim do cap.7 e aborda as temáticas da justiça e do reino de Deus. Por se iniciar num monte, ficou conhecido como o *sermão da montanha*. É também chamado a *magna carta do reino*. Depois da introdução, que são as bem-aventuranças (5,1-12), seguem-se três partes: uma sobre a justiça (5,13-48), outra sobre as boas obras (6,1-18) e outra com várias advertências (cap.7).

^q Lit.: *abrindo a sua boca*.

³«Felizes os pobres^a no espírito, porque deles é o reino dos céus.

⁴Felizes os que choram^b, porque serão consolados.

⁵Felizes os mansos, porque hão de receber a terra em herança.

⁶Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

⁷Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia^c.

⁸Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.

⁹Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

¹⁰Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

¹¹Felizes sereis quando, por causa de mim, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem toda a espécie de mal contra vós. ¹²Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos céus a vossa recompensa; pois do mesmo modo perseguiram os profetas que vos precederam^d».

O sal da terra e a luz do mundo (Mc 9,50; Lc 14,34s) – ¹³«Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se tornar insípido, com que se há de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser deitado fora e ser pisado pelos homens.

¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no cimo de um monte; ¹⁵nem se acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas no candelabro, onde brilha para todos os que estão na casa. ¹⁶Do mesmo modo, que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus».

Jesus e a Lei – ¹⁷«Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhe pleno cumprimento^e. ¹⁸Em verdade^f vos digo: antes que passem o céu e a terra, não passará da Lei a mais pequena letra^g ou o mais pequeno traço, sem que tudo aconteça. ¹⁹Portanto, se alguém suprimir um só mandamento, por mais

^a Trata-se dos pobres de Javé, também referidos em *IQM* 4,17; *IQH* 14,3 e *2Hen* 42,6-14, aqueles cujo espírito está livre e disponível para acolher o Senhor: cf. Pr 15,13; 16,19; 29,23; Sl 34,19; Is 29,24.

^b Mt usa um verbo derivado de *pénthos*, que em grego designa *uma pena muito intensa, uma aflição provocada por calamidades ou tragédias, um grande desgosto*.

^c Lit.: *serão «misericordiosos»*. Da misericórdia fazem parte as atitudes e obras referidas nos vv.8-10.

^d Lit.: *antes de vós*.

^e Começa aqui uma secção diatríblica contra os fariseus, com fórmulas de confronto semelhantes às que se encontram nos escritos judaicos (*TestLev* 16,4; *TestRub* 1,7; *TestBenj* 9,1).

^f A expressão *em verdade* traduz a palavra hebraica *amén*, que o grego não traduziu. O *amén* era já utilizado no ambiente litúrgico (por ex.: Dt 27,15-26; 1Cr 16,36) e deriva de uma raiz que significa *verdade, fidelidade, confiabilidade*. Nos LXX a palavra é traduzida por *génoito (que assim acontece; assim seja)*. No entanto, ao contrário do uso habitual da palavra para concluir um discurso (normalmente dita por outra pessoa, como forma de concordar com quem o proferiu), Jesus utiliza-a como forma de vincar a importância do que a seguir vai afirmar, daí que se tenha optado por manter uma vasta tradição (quer em português, quer em muitos outros ambientes linguísticos) que a traduz por *em verdade*, não no sentido de sublinhar a veracidade do que é afirmado, pois o conceito de *verdade* é expresso por outros vocábulos, mas no de relevar a preempioriedade de uma determinada declaração.

^g Lit.: *um só iota*.

pequeno que seja, e assim ensinar aos homens, será considerado o mais pequeno no reino dos céus; mas aquele que os praticar e os ensinar será considerado grande no reino dos céus^h.

²⁰Digo-vos pois: se a vossa justiça não superar a dos doutores da lei e dos fariseus, jamais entrareis no reino dos céus».

Não matarás. Juízo e reconciliação (Lc 12,58s) – ²¹«Ouvistes o que foi dito aos antigos: *Não matarás*, e aquele que matar será réu perante o tribunalⁱ. ²²Eu, porém, digo-vos: todo aquele que se irar contra o seu irmão será réu perante o tribunal; e aquele que disser a seu irmão “és imbecil!” será réu perante o sinédrio; e aquele que lhe disser “és louco!” será réu da Geena do fogo^k. ²³Portanto, se, ao apresentares a tua oferta sobre o altar, aí te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴deixa lá a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão e vem, então, apresentar a tua oferta. ²⁵Reconcilia-te sem demora com o teu adversário, enquanto vais com ele no caminho, não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, o juiz ao guarda, e sejas lançado na prisão. ²⁶Em verdade^l te digo: não sairás de lá enquanto não tiveres restituído o último cêntimo^m».

Sobre o adultério – ²⁷«Ouvistes o que foi dito: *Não cometerás adultério*ⁿ. ²⁸Eu, porém, digo-vos: todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar já come-teu adultério com ela no seu coração^o. ²⁹Se o teu olho direito é para ti ocasião de pecado^p, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado na Geena^q. ³⁰Se a tua mão direita é para ti ocasião de pecado, corta-a e atira-a para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado na Geena».

^h Mt sublinha que Jesus não aboliu a Lei, mas que a leva ao pleno cumprimento.

ⁱ Citação das leis apodíticas (máximas incontestáveis) de Ex 20,13 e Dt 5,17.

^j Para o sinédrio, cf. 2,4 nota.

^k A expressão hebraica *Gē-ben-hinnom* (*Vale do Filho de Hinom*) ou o aramaico *gey-hinnam* darão origem à palavra *Geena*, um vale situado a sudoeste da colina de Jerusalém. Era o lugar onde uma fogueira ardia de modo permanente, a fim de queimar os lixos da cidade de Jerusalém. Era o oposto do lugar paradisíaco do jardim das delícias na literatura intertestamentária (cf. *4Esd* 7,36; *1Hen* 90,26).

^l Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^m Lit.: *quadrante*.

ⁿ Ex 20,17.

^o Esta radicalidade encontra eco no judaísmo palestinese e na própria literatura sapiencial (cf. *Sir* 26,9,11; *TestIs* 7,2; *SlSal* 4,4; *TestBenj* 8,2; *mKel* 1; *LevR* 23,122; *Jub* 20,4; *1QS* 1,6).

^p Lit.: *escandaliza-te* (o mesmo no v.30). O verbo em grego é formado a partir de *skándalon*, que tem um sentido diferente do que *escândalo* tem em português corrente: significa *pedra de tropeço*, o que por extensão de sentido significa aquilo que pode *levar ao erro, ao pecado, uma armadilha em que se pode cair*.

^q Jesus usa aqui Dt 25,11-12 para alertar para as consequências do pecado. Esta forma hiperbólica de expressar uma ideia era uma técnica muito usada na antiguidade para a gravar na memória dos ouvintes.

Sobre o divórcio (Lc 16,18) – ³¹«Também foi dito: *Quem repudiar a sua esposa, dê-lhe um documento de divórcio*». ³²Eu, porém, digo-vos: todo aquele que repudia a sua esposa – a não ser em caso de promiscuidade – faz com que ela incorra em adultério, e quem se casar com uma mulher^b repudiada, comete adultério»^c.

Sobre o juramento – ³³«Também ouvistes o que foi dito aos antigos: *Não jurarás em falso*, mas *cumprirás aquilo que juraste diante do Senhor*^d. ³⁴Eu, porém, digo-vos: não jureis de todo, nem pelo *céu*, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela *terra*, porque é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque *é a cidade do grande Rei*. ³⁶Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar branco ou preto um só dos teus cabelos. ³⁷Que a vossa palavra seja “sim, sim” e “não, não”, o que for além disto vem do Maligno».

Sobre a retribuição (Lc 6,29s) – ³⁸«Ouvistes o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*^e. ³⁹Eu, porém, digo-vos: não resistais a quem vos fizer mal^f. Pelo contrário, se alguém te bater na face direita apresenta-lhe também a outra^g. ⁴⁰E àquele que te quer levar a tribunal para te tirar a túnica, deixa-lhe também a capa. ⁴¹E se alguém te forçar a acompanhá-lo durante uma milha, acompanha-o durante duas. ⁴²Dá a quem te pede, e não voltes as costas a quem te quiser pedir emprestado».

Amor aos inimigos (Lc 6,27s.32-35) – ⁴³«Ouvistes o que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo^h. ⁴⁴Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem, ⁴⁵para vos tornardes filhos do vosso Pai que está nos céus; Ele faz despontar o seu sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos. ⁴⁶Pois, se amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo também os publicanos? ⁴⁷E se saudardes apenas os vossos irmãosⁱ, o que

^a No tratado sobre o divórcio na *Mishná* (recolha escrita da tradição oral judaica, no final do séc. II d.C.), estão atestadas as posições mais ou menos livres da tradição judaica representada nas escolas de Shamaí e de Hillel (cf. *mGitt* 9,10), para as quais o mais pequeno motivo era razão suficiente para repudiar a mulher. Jesus não só se opõe radicalmente à banalização do *get* (o libelo de divórcio), como ao divórcio *per se*.

^b *Mulher* é acrescento da tradução.

^c Jesus coloca em causa aqui o princípio da Torá oral mais tarde incorporada no Pentateuco (Dt 24,1-4), de que os fariseus tantas vezes se serviam para justificar a sua prática da expulsão da mulher e sobrepor este texto a Lv 18,6-18.20. Este tema será retomado em 19,3-9.

^d Lit.: *restituirás ao Senhor os teus juramentos*.

^e Jesus desafia a ir além da *lei de talião*, expressão de uma justiça meramente retributiva (cf. Gn 9,1-17; Ex 21,23-25; Lv 24,17-21; Dt 19,21; 2Sm 14,7; Ez 35,6s).

^f Lit.: *ao malfeitor/ao malvado*.

^g Lit.: *volta-lhe também a outra*. Dar a outra face era considerado desonroso e vergonhoso no judaísmo rabínico (cf. *mBabQam* 8,6).

^h A tradição judaica é favorável a um tratamento correto dos inimigos (cf. inúmeras passagens e contextos como Ex 23,4s; Jb 31,29 e Pr 25,21s). A expressão *odiarás o teu inimigo* não se encontra em todo o AT, apesar de Dt 23,3-6 se aproximar bastante deste dito.

ⁱ No mundo oriental, uma saudação significa o desejo de bênção a alguém (cf. *mAvot* 4,15).

fazeis de extraordinário? Não fazem o mesmo também os pagãos? ⁴⁸Portanto, sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito».

6 Sobre a esmola – ¹«Tende cuidado em não praticar as vossas boas obras^j diante dos homens para serdes vistos por eles! De contrário, não tereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus. ²Assim, quando deres esmola, não faças soar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas^k, para serem glorificados pelos homens. Em verdade^l vos digo: já receberam a sua recompensa. ³Tu, porém, quando deres esmola, não saiba a tua mão^m esquerda o que faz a tua direita, ⁴para que a tua esmola fique no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te dará a recompensa».

A oração (Mc 11,25s; Lc 11,2-4) – ⁵«Quando rezardes, não sejas como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens. Em verdadeⁿ vos digo: já receberam a sua recompensa. ⁶Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta, e reza ao teu Pai, que está no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te dará a recompensa.

⁷Quando rezardes, não digais muitas palavras, como fazem os pagãos^o, que pensam que é por falarem muito que serão escutados. ⁸Não sejas como eles, pois o vosso Pai sabe do que tendes necessidade já antes de vós lho pedirdes.

Pai Nosso – ⁹Vós, por conseguinte, rezai assim:

Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome,

¹⁰venha o teu reino,
seja feita a tua vontade,
assim na terra como no céu.

¹¹O pão nosso de cada dia dá-nos hoje^p.

¹²Perdoa-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,

^j Lit.: *praticar a vossa justiça*; a expressão refere-se à observância das três obras que, segundo a espiritualidade judaica, tornam o homem justo e que Jesus passa a explicar: esmola, oração e jejum.

^k Também os discípulos do rabi Shamai, um dos grandes mestres do séc. I d.C., condenavam a prática de prometer esmolos em público (cf. *tShab* 16,22), mesmo sendo considerada uma das boas ações fundamentais para um judeu (cf. *mAvot* 1,2; 2,7; *mPe'ah* 1,1).

^l Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^m *Mão* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^o Os pagãos julgavam poder influenciar a divindade ao acumularem epítetos divinos ou usando fórmulas mágicas (cf. 1Rs 18,26). Também o judaísmo incorreu muitas vezes neste tipo de práticas (Sir 7,14; Is 1,15).

^p A palavra grega *epiôusion*, traduzida por *de cada dia*, tem um sentido incerto, pelo que foi interpretada de várias maneiras: *necessário, de cada dia, para o dia seguinte, substancial*. Parece fazer referência ao maná, com que Deus diariamente alimentava o seu povo no deserto (cf. Ex 16,14-31; Sb 16,20s). Nos primeiros tempos, os cristãos também associavam estas palavras de Jesus ao pão eucarístico.

¹³e não nos deixes cair na tentação^a,
mas livra-nos do Maligno^b.

¹⁴Pois, se perdoardes aos homens as suas faltas, também o vosso Pai celeste vos perdoará; ¹⁵mas se não perdoardes aos homens, também o vosso Pai não perdoará as vossas faltas».

Sobre o jejum – ¹⁶«Quando jejuardes^c, não façais um ar pesaroso como os hipócritas que desfiguram o rosto para mostrarem aos homens que jejuam. Em verdade^d vos digo: já receberam a sua recompensa. ¹⁷Tu, porém, quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto, ¹⁸para não mostrares aos homens que jejuas, mas apenas ao teu Pai, que está presente naquilo que se faz em segredo; e o teu Pai, que vê o que se faz em segredo^e, te dará a recompensa».

O tesouro do céu (Lc 12,33s) – ¹⁹«Não acumuleis^f tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e onde os ladrões os pilham e roubam; ²⁰acumulai tesouros no céu, onde não há traça nem ferrugem que os corroam, e onde os ladrões não os pilham nem roubam. ²¹Pois onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração».

A vista, candeia do corpo (Lc 11,34-36) – ²²«A candeia do corpo é o olho. Por isso, se o teu olho for límpido, todo o teu corpo ficará iluminado; ²³mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo ficará nas trevas. Portanto, se a luz que há em ti é trevas, quais grandes serão essas trevas!».

Servir a Deus ou ao dinheiro (Lc 16,13) – ²⁴«Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou menospreza um e ama o outro, ou dedica-se a um e despreza o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro^g».

Desprendimento e confiança em Deus (Lc 12,22-32) – ²⁵«Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa? ²⁶Fixai o olhar nas aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros, e o vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós mais do que elas? ²⁷Quem de vós, por mais que se preocupe, é capaz de acrescentar um pouco que

^a Lit.: e não nos leves à tentação.

^b Alguns mss. acrescentam uma fórmula litúrgica antiga: *Porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre.*

^c O jejum era uma prática comum no judaísmo na preparação das grandes festas (cf. Ex 34,28; At 13,2s; 27,9-44) e frequente entre os fariseus.

^d Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^e Lit.: *ao teu pai que [está] no segredo e o teu pai que vê no segredo.*

^f Lit.: *entesoureis.*

^g Lit.: *e a Mamona.* Esta era, na origem, a divindade fenícia e síria das riquezas, que passou posteriormente a personificá-las.

seja^h ao tempo da sua vida? ²⁸E porque vos preocupais com a roupa? Observai como crescem os lírios do campo: não se afadigam nem fiam. ²⁹Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um deles. ³⁰Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais não fará por vós, gente de pouca fé? ³¹Por isso, não vos preocupeis, dizendo: “Que havemos de comer?”, “Que havemos de beber?”, ou “Que havemos de vestir?”, ³²pois os pagãos é que andam à procura de todas essas coisas. O vosso Pai celeste bem sabe que precisais de tudo isso. ³³Procurai, primeiro, o reino de Deus e a sua justiça, e tudo isso vos será dado por acréscimo. ³⁴Portanto, não vos preocupéis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã tratará das suas próprias preocupações!. A cada dia bastam os seus próprios males».

7 Não julgueis (Mc 4,24s; Lc 6,37s.41s) – ¹«Não julgueis, para não serdes julgados. ²Pois segundo o julgamento com que julgardes sereis julgados, e segundo a medida com que medirdes sereis medidos. ³Porque vês o cisco que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu^k? ⁴Como podes dizer ao teu irmão: “Deixa que tire o cisco do teu olho”, se tens uma trave no teu? ⁵Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então verás com clareza para poderes tirar o cisco do olho do teu irmão».

Pérolas a porcos – ⁶«Não deis o que é santo aos cães^l, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, não aconteça que eles as espezinhem com as suas patas e depois se voltem contra vós para vos despedaçar».

Confiança na oração (Lc 11,9-13) – ⁷«Pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á; ⁸pois todo aquele que pede recebe, quem procura encontra, e a quem bate abrir-se-á. ⁹Ou haverá entre vós alguém a quem o seu filho peça um pão, e lhe dê uma pedra? ¹⁰Ou que lhe peça um peixe, e lhe dê uma serpente? ¹¹Ora se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas àqueles que lhe pedem!».

A regra de ouro (Lc 6,31) – ¹²«Portanto, tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho vós também; pois esta é a Lei e os Profetas»^m.

^h Lit.: *um cúbito*. Unidade de medida que corresponde a c. 50 centímetros.

ⁱ *Gente de pouca fé* constitui uma expressão cara a Mt (8,26; 14,31; 16,8; 17,20s).

^j Lit.: *pois o amanhã preocupar-se-á de si*.

^k O grego acrescenta *olho*, tal como no final do v.4.

^l O que é santo é para estar próximo do Deus Santo: da mesma maneira as oferendas consagradas a Deus, por serem santificadas, podem estar perto do Deus Santo (cf. Ex 29,33s; Lv 2,3). A Escritura considera os cães animais repugnantes e impuros (cf. Sl 22,17,21; Pr 26,11).

^m Esta é a chamada *regra de ouro*: cf. Dt 15,13; Tb 4,16; Sir 31,15; *bShab* 31 (presente, com diversas formulações, em várias religiões do mundo). Nela se resume toda a interpretação bíblica (*Lei e Profetas*), iniciada por Jesus em Mt 5,21. É, de resto, semelhante ao mandamento do amor – *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Lv 19,18) – visto por Ele também como parte da síntese da Lei (Mt 22,39par).

A porta estreita (Lc 13,24) – ¹³«Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela». ¹⁴«Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida^b, e como são poucos aqueles que a encontram!».

A árvore boa (Lc 6,43s.46; 13,25-27) – ¹⁵«Tende cuidado com os falsos profetas^c, que vêm ter convosco com pele de ovelha, mas que, por dentro, são lobos vorazes!» ¹⁶Pelos seus frutos os reconheceréis. Poderão, porventura, apanhar-se uvas dos espinhos ou figos dos cardos? ¹⁷Assim, toda a árvore boa dá bons frutos, enquanto a árvore má^d dá maus frutos. ¹⁸Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar bons frutos. ¹⁹Toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e é lançada ao fogo. ²⁰Portanto, é pelos seus frutos que os reconheceréis. ²¹Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. ²²Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizámos? Não foi em teu nome que expulsámos demónios? Não foi em teu nome que realizámos tantas ações poderosas^e?”. ²³Dir-lhes-ei, então, bem alto: “Nunca vos conheci. Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!”».

A casa sobre a rocha (Lc 6,46-49) – ²⁴«Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. ²⁵Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e abateram-se sobre aquela casa; mas ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. ²⁶Mas todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as põe em prática, será semelhante a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e lançaram-se contra aquela casa; ela caiu e foi grande a sua derrocada».

Reação ao discurso de Jesus – ²⁸Quando^f Jesus acabou de dizer estas palavras^g, a multidão estava impressionada com o seu ensinamento, ²⁹pois ensinava-os como quem tem autoridade e não como os seus doutores da lei.

^a A oferta dos dois caminhos, como desafio feito à liberdade, retoma Dt 28; 30,10-18; cf. *Barn* 18,1; *IQS* 3,18-25.

^b Isto é, à vida eterna.

^c Os falsos profetas recordam os do AT (cf. Jr 14,1-15,4; Lm 2,14; Ez 13,2s; Zc 13,2,4-6). Dos critérios de discernimento entre verdadeiros e falsos profetas fala-se já em Dt 13,2-6; Jr 23,9-13; Mq 3,5.

^d Lit.: *podre* (o mesmo no v.18).

^e Esta expressão traduz o grego *dynamis* (lit. *poder*), cuja tradução tradicional é *milagre* (embora outros traduzam por *portento*, *maravilha*, etc.). Pretende-se assim respeitar o sentido do grego, que acentua não a visão (como a palavra *milagre* supõe), mas o poder de quem realiza a ação. Por isso, e nesse sentido, os evangelhos, na sequência da tradição rabínica, utilizam *dynamis* como circunlóquio para referir o nome de Deus (cf., por ex., Mc 14,62; Mt 26,64).

^f Lit.: *E aconteceu, quando...*

^g Esta é a fórmula com que Mt marca uma nova secção na sua narrativa evangélica, repetida em 11,1; 13,53; 19,1; 26,1. De facto, em 8,1 começa a segunda grande secção do núcleo central do

OS PRIMEIROS SINAIS DO REINO (8,1-9,38)

8 Purificação e cura de um leproso (Mc 1,40-45; Lc 5,12-16) – ¹Quando Ele desceu do monte, seguiram-no numerosas multidões^h. ²Nisto aproximou-se um leprosoⁱ, que se prostrou diante dele e disse: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me». ³Então Ele estendeu a mão, tocou-lhe e disse: «Quero: fica purificado!». E ele ficou imediatamente purificado da lepra. ⁴Disse-lhe Jesus: «Toma atenção, não digas nada a ninguém! Mas vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés prescreveu, para lhes servir de testemunho^j».

Cura do servo do centurião (Lc 7,1-10; 13,28s; Jo 4,46b-53) – ⁵Quando entrou em Cafarnaum, foi ter com Ele um centurião^k que lhe suplicou, ⁶dizendo: «Senhor, o meu servo jaz em casa paralisado, e sofre terrivelmente». ⁷Disse-lhe Jesus^l: «Eu vou curá-lo». ⁸O centurião respondeu^m: «Senhor, não sou digno de que entres em minha casaⁿ; diz apenas uma palavra, e o meu servo será curado. ⁹Pois eu, embora seja um subalterno, tenho soldados sob as minhas ordens^o, e digo a um “vai”, e ele vai; e a outro “vem”, e ele vem; e ao meu servo “faz isto”, e ele faz».

¹⁰Ao ouvi-lo, Jesus ficou admirado e disse aos que o seguiam: « Em verdade^p vos digo: não encontrei em Israel ninguém com uma tal fé.¹¹Digo-vos que virão muitos do oriente e do ocidente e reclinarem-se à mesa com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus,¹²enquanto os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes». ¹³Jesus disse, então, ao centurião: «Vai, seja feito como acreditaste». E naquela hora o seu servo ficou curado.

Cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31; Lc 4,38s) – ¹⁴Quando Jesus entrou na casa de Pedro, viu a sogra dele deitada com febre. ¹⁵Tocou-lhe na mão, e a febre deixou-a; e ela levantou-se e começou a servi-lo.

Curas e exorcismos (Mc 1,32-34; Lc 4,40s) – ¹⁶Ao cair da tarde, levaram-lhe muitos endemoniados. Ele expulsou os espíritos pela Palavra e curou todos os que tinham

evangelho (5,1-25,46), constituída pelos primeiros sinais do reino (8,1-9,38) e pelo discurso missionário (10,1-42).

^h Mt retoma aqui a narrativa de Mc (cf. Mc 1,40-2,22), expondo dez intervenções miraculosas de Jesus (sobretudo curas).

ⁱ A lepra era vista como um castigo divino que tornava um judeu impuro. Um leproso era, por isso, colocado à margem da sociedade e ostracizado (cf. Dt 28,27.35), pois transportava uma doença considerada como um sinal de pecado que excluía da comunidade (cf. Ex 4,6s; Lv 13,1-59; Nm 5,2).

^j Lit.: *para testemunho a eles*.

^k Oficial romano, comandante de um centúria, isto é, c. cem homens.

^l Lit.: *e diz-lhe*.

^m Lit.: *e respondendo o centurião disse*.

ⁿ Lit.: *debaixo do meu teto*.

^o Lit.: *um homem sob autoridade, tendo sob mim soldados*.

^p Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

alguma espécie de mal,¹⁷ para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta Isaías^a:

*Ele tomou as nossas fraquezas
e carregou as nossas doenças^b.*

Seguir Jesus (Lc 9,57-60) –¹⁸ Ao ver uma multidão à sua volta, Jesus ordenou que partissem para a outra margem.¹⁹ Aproximou-se, então, um doutor da lei que lhe disse: «Mestre, seguir-te-ei para onde quer que vás». ²⁰ Jesus respondeu-lhe: «As raposas têm tocas, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem^c não tem onde reclinar a cabeça».

²¹ Disse-lhe outro dos seus discípulos: «Senhor, permite-me que vá primeiro sepultar o meu pai». ²² Jesus respondeu-lhe: «Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos»^d.

A tempestade acalmada (Mc 4,35-41; Lc 8,22-25) –²³ Ao subir para o barco, os seus discípulos seguiram-no.²⁴ Entretanto^e, levantou-se no mar uma agitação tão grande que as ondas cobriam o barco^f. Ele, porém, dormia.²⁵ Aproximaram-se e acordaram-no, dizendo: «Senhor, salva-nos, que vamos morrer!». ²⁶ Ele perguntou-lhes: «Porque estais assustados, homens de pouca fé?». E, levantando-se, repreendeu severamente os ventos e o mar^g; e fez-se grande bonança. ²⁷ Os homens ficaram admirados e diziam: «Quem é Este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?».

Cura dos endemoniados de Gádara (Mc 5,1-17; Lc 8,26-37) –²⁸ Quando Ele foi para a outra margem, para a região dos gadarenos^h, vieram ao seu encontro, saindo dos sepulcros, dois endemoniados. Eram tão perigosos que ninguém se atrevia a passar por aquele caminho.²⁹ E puseram-seⁱ a gritar, dizendo: «Que há entre nós e ti, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?».

³⁰ Ora, a uma certa distância deles, andava a pastar uma grande vara de porcos.³¹ E os endemoniados suplicaram-lhe, dizendo: «Se nos expulsas, envia-nos para a vara dos

^a O grego acrescenta *que diz*.

^b Is 53,4.

^c A expressão *Filho do Homem* é o título com que Jesus normalmente se refere a si mesmo; evoca a simples figura humana e, de modo particular, a figura misteriosa de Dn 7,13 que, vinda do céu, tem a missão de julgar o mundo e de estabelecer um reino universal e eterno.

^d Sepultar os mortos era uma obrigação da religião judaica (cf. *mBer* 3,1). A afirmação de Jesus sublinha que o discipulado suplanta até tais deveres.

^e Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^f Estes elementos de agitação e de tremor integram os relatos apocalípticos e teofânicos (27,51-53; Ex 19,16-18; 1Sm 7,10; 1Rs 8,10; 2Cr 7,1; Jb 38,1; Sb 5,2-23; Is 6,4; Hab 3,3; Mc 1,10s; At 2,3).

^g O mar era visto como o lugar das forças do Mal (cf. v.32; Jb 7,12). Sobre esse lugar só Deus tem poder (cf. Jn 2,3-11), exercido agora por Jesus, o que manifesta a sua natureza divina.

^h Gádara era uma cidade helenista da Decápole, na Transjordânia, a 10 km ao sul do lago de Genesaré.

ⁱ O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^j *Que há entre nós e ti?* é uma expressão típica e literalmente semita.

porcos». ³²Ele disse-lhes: «Ide!». Eles saíram e foram para os porcos. Então a vara^k lançou-se toda ao mar, pelo precipício abaixo^l, e eles morreram nas águas. ³³Os que estavam a apascentar os porcos^m fugiram e foram para a cidade contar tudo o que tinha acontecidoⁿ, incluindo o que sucedera aos endemoniados^o. ³⁴Toda^p a cidade saiu, então, ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, suplicaram-lhe que se fosse embora do seu território.

9 Perdão e cura de um paralítico (Mc 2,1-12; Lc 5,17-26) – ¹Ele subiu para um barco, atravessou para a outra margem e foi para a sua cidade de Cafarnaum^q. ²Trouxeram-lhe^r um paralítico, deitado numa enxerga. Ao ver a fé daquela gente, Jesus disse ao paralítico: «Filho, tem coragem! Os teus pecados estão perdoados». ³Disseram^s, então, entre si alguns doutores da lei: «Este está a blasfemar!». ⁴Jesus, que conhecia os seus pensamentos, disse: «Porque tendes tão maus pensamentos nos vossos corações? ⁵O que é mais fácil: dizer “os teus pecados estão perdoados”, ou dizer “levanta-te e anda”? ⁶Mas para que saibais que o Filho do Homem tem, sobre a terra, autoridade para perdoar os pecados» – disse, então, ao paralítico –: «Levanta-te, toma a tua enxerga e vai para a tua casa». ⁷E ele levantou-se e foi para a sua casa. ⁸Ao ver isto, a multidão ficou cheia de temor e deu glória a Deus que dá uma tal autoridade aos homens.

Chamamento de Mateus. Os publicanos e pecadores (Mc 2,13-17; Lc 5,27-32) – ⁹Ao passar, Jesus viu um homem, chamado Mateus^s, sentado no posto de cobrança de impostos, e disse-lhe: «Segue-me». Ele levantou-se e seguiu Jesus^u.

¹⁰Ora, encontrando-se Jesus em casa, reclinado à mesa^v, muitos publicanos e pecadores foram também reclinar-se à mesa com Ele^w e com os seus discípulos. ¹¹Ao verem isto, os fariseus diziam aos discípulos de Jesus^x: «Por que razão come o vosso

^k O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^l Lit.: *e precipitou-se no mar*.

^m *Os porcos* é acresceto da tradução.

ⁿ *O que tinha acontecido* é acresceto da tradução.

^o Lit.: *e também as coisas dos endemoniados*.

^p O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^q Lit.: *para a sua própria cidade*, ou seja, Cafarnaum (cf. 4,13 nota).

^r O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^s O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^t Mc e Lc chamam-lhe *Levi* (a que Mc acrescenta *filho de Alfeu*). O nome Mateus integra a lista dos apóstolos (10,3).

^u Lit.: *seguiu-o*. Os publicanos eram funcionários do império romano para a cobrança dos impostos de mercadorias transportadas de uma província para outra. Na Palestina de então, havia dois postos fronteiriços: o de Cafarnaum, ao Norte, na passagem da Palestina para a Síria, e o de Jericó, ao Sul, na passagem para a Transjordânia. Os publicanos eram vistos pelos judeus ortodoxos como pecadores e gente impura não só tendo em conta o seu colaboracionismo com os romanos, e os seus abusos e desonestidade na cobrança de impostos.

^v Lit.: *e aconteceu estando Ele reclinado em casa*.

^w Lit.: *Jesus*.

^x Lit.: *dele*.

Mestre com os publicanos e os pecadores?». ¹²Mas Ele, ao ouvir isto, respondeu: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que têm alguma espécie de mal. ¹³Ide aprender o que significa: *Quero misericórdia e não sacrifícios*^a; pois não vim chamar os justos, mas os pecadores».

O jejum (Mc 2,18-20; Lc 5,33-35) – ¹⁴Vieram, então, ter com Ele os discípulos de João e perguntaram-lhe: «Por que razão nós e os fariseus jejuamos muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam?». ¹⁵Disse-lhes Jesus: «Poderão os convidados da boda^b lamentar-se, enquanto o noivo está com eles? Dias virão em que o noivo lhes será tirado, e nessa altura hão de jejuar».

O velho e o novo (Mc 2,21s; Lc 5,36-38) – ¹⁶«Ninguém põe um pedaço de tecido cru numa veste velha, pois o acrescento novo repuxa a veste e o rasgão torna-se pior. ¹⁷Nem se deita vinho novo em odres velhos; de outro modo, os odres rompem-se, o vinho derrama-se no chão e os odres perdem-se. Pelo contrário, põe-se vinho novo em odres novos, e ambas as coisas se conservam».

Cura da mulher que sofria de hemorragias e ressurreição de uma menina (Mc 5,21-43; Lc 8,40-56) – ¹⁸Enquanto Ele lhes falava, um chefe^c veio prostrar-se diante dele, dizendo: «A minha filha acaba de morrer! Mas vem impor sobre ela a tua mão, e viverá». ¹⁹Jesus levantou-se e seguiu-o, bem como os seus discípulos.

²⁰Entretanto, uma mulher^d, que há doze anos sofria de hemorragias, aproximou-se por trás e tocou na franja da veste de Jesus^e, ²¹pois dizia para consigo: «Se ao menos tocar na sua veste, serei salva». ²²Jesus voltou-se e, ao vê-la, disse: «Filha, tem coragem, a tua fé te salvou». E a mulher ficou salva a partir daquela hora.

²³Ao chegar à casa do chefe, e ao ver os tocadores de flauta e a multidão alvoroçada, Jesus ²⁴disse: «Retirai-vos, pois a menina não morreu; está a dormir». E começaram a rir-se dele. ²⁵Mas, depois de expulsa a multidão, Ele entrou, agarrou-lhe a mão, e a menina levantou-se. ²⁶E esta notícia divulgou-se por toda aquela terra.

Cura de dois cegos – ²⁷Quando Jesus saiu dali, começaram a segui-lo dois cegos, que gritavam^f: «Tem misericórdia de nós, filho de David!»^g. ²⁸Ao chegar a casa, os

^a Os 6,6.

^b Lit.: *os filhos do quarto nupcial* ou *os filhos da sala nupcial*. A expressão pode indicar quer os amigos do noivo, quer os convidados para as núpcias em sentido geral.

^c O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota). Em Mc 5,22, o pai da criança é apresentado como *um dos chefes da sinagoga, de nome Jairo* (cf. Lc 8,41). Sobre a mulher com o fluxo de sangue, cf. Lv 15,19-31. Jesus elimina o sistema estrutural da impureza legal, sobretudo quando ligado ao sangue.

^d O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^e Lit.: *da sua veste*. O fluxo de sangue menstrual, segundo Lv 15, tornava a mulher impura e também os que a tocassem.

^f Lit.: *gritando e dizendo*.

^g É a primeira vez em Mt que este título messiânico é aplicado a Jesus (15,22; 20,30s; 21,9.15).

cegos foram ter com Ele. Disse-lhes Jesus: «Acreditais que o posso fazer?». Eles responderam-lhe: «Sim, Senhor!». ²⁹Tocou-lhes, então, nos olhos, dizendo: «Que vos seja feito de acordo com a vossa fé». ³⁰E abriram-se o seus olhos. Jesus, porém, ordenou-lhes severamente^h: «Vede bem: que ninguém o saiba!». ³¹Mas, quando saíram, espalharam a fama de Jesusⁱ por toda aquela terra.

Cura de um endemoniado (Lc 11,14s) – ³²Estavam eles a sair, quando^j lhe trouxeram um homem mudo endemoniado. ³³E, depois de o demónio ter sido expulso, o mudo falou. A multidão estava admirada e dizia: «Nunca se viu em Israel uma coisa assim!». ³⁴Mas os fariseus diziam: «É pelo chefe dos demónios que Ele expulsa os demónios!».

Os trabalhadores da seara (Mc 6,6,34; Lc 8,1; 10,2) – ³⁵Jesus percorria todas as cidades e povoações, ensinando nas suas sinagogas, proclamando o evangelho do reino e curando toda a espécie de doenças e enfermidades^k. ³⁶Ao ver as multidões, compadeceu-se profundamente delas, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas que não têm pastor. ³⁷Disse, então, aos seus discípulos: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. ³⁸Pedi, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara».

DISCURSO MISSIONÁRIO (10,1-42)

10 Eleição dos Doze (Mc 3,13-19; 6,7; Lc 6,12-16; 9,1) – ¹Chamando, então, a si os seus doze^l discípulos, deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros, para que os expulsassem e curassem toda a espécie de doenças e enfermidades^m.

²São estes os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e o seu irmão André; Tiago, filho de Zebedeu, e o seu irmão João; ³Filipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus, o publicano, e Tiago, filho de Alfeu; Tadeu, ⁴Simão, o cananeu, e Judas Iscariotesⁿ, que foi quem o entregou^o.

^h O grego acrescenta *dizendo*.

ⁱ Lit.: *difundiram-no*.

^j Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^k Trata-se de um sumário de Mt (cf. 4,23-25), que faz a transição entre a missão de Jesus e a dos apóstolos (cap.10).

^l O número *doze* evoca as doze tribos de Israel (19,28), apresentando a Igreja, fundada sobre os apóstolos, como o novo Israel.

^m Neste segundo grande discurso, Jesus escolhe os Doze e envia-os, pedindo-lhes coragem e desprendimento.

ⁿ *Iscariotes* pode significar oriundo de Keriot (povoação da Palestina meridional: cf. Js 15,25; Am 2,2), mentiroso (raiz aramaica), ou sicário (transcrição semítica) que, no latim, é equivalente a zelote.

^o O verbo grego aqui empregue tem um duplo sentido (*entregar* e *trair*) que a tradução não consegue manter.

Missão dos Doze (Mc 6,8-11; Lc 9,1-5) – ⁵Foram estes os Doze que Jesus enviou, depois de lhes dar as seguintes instruções: «Não tomeis o caminho dos pagãos, nem entreis em cidade de samaritanos^b; ⁶ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel. ⁷Ide e proclamai^c que está próximo o reino dos céus. ⁸Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça. ⁹Não adquirais ouro, prata ou cobre para guardar nos vossos cintos, ¹⁰nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bastão; pois o trabalhador merece o seu sustento.

¹¹Quando entrardes numa cidade ou povoação, procurai saber se há nela alguém que seja digno, e permaneci em sua casa^d até sairdes desse lugar. ¹²Ao entrardes numa casa, saudai-a: ¹³se a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz, mas se não for digna, que volte para vós a vossa paz. ¹⁴E se alguém não vos acolher nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes dessa casa ou dessa cidade, sacudi o pó dos vossos pés. ¹⁵Em verdade^e vos digo: no dia do juízo, haverá mais tolerância para a terra de Sodoma e de Gomorra do que para essa cidade».

Perseguições futuras (24,9-14; Mc 13,9-13; Lc 10,3; 12,11s; 21,12-19) – ¹⁶«Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas^g. ¹⁷Tende cuidado com os homens, porque vos entregarão aos sinédrios e vos hão de chicotear nas suas sinagogas! ¹⁸Sereis levados à presença de governadores e reis por causa de mim, para lhes dar testemunho, a eles e aos pagãos^h. ¹⁹Quando vos entregarem, não vos preocupeis como haveis de falar ou com o que haveis de dizer: naquela hora ser-vos-á indicado o que deveis dizer, ²⁰pois não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai a falar em vós.

²¹O irmão entregará à morte o irmão, e o pai entregaráⁱ o filho; os filhos hão de levantar-se contra os pais e causar-lhes a morte. ²²Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas o que perseverar até ao fim, esse será salvo. ²³Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade^j vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel, antes de vir o Filho do Homem».

^a Ordenando-lhes e dizendo.

^b Os samaritanos tinham templo próprio no monte Garizim e, desde a queda da Samaria em 721 a.C. e do exílio assírio, eram vistos como judeus renegados, não totalmente fiéis à Torá (cf. 2Rs 17,24-41; Esd 4,2), embora aceitassem os seus cinco livros. Estas divergências agudizaram-se no período pós-exílico da Babilónia, pois a partir daí a clivagem atingiu o nível canónico, quando o Pentateuco samaritano se revestiu de algumas diferenças. No séc.II a.C. os judeus destruíram-lhes o templo.

^c O grego acrescenta *dizendo*.

^d *Em sua casa* é acrescento da tradução.

^e Alguns mss. acrescentam: *dizendo: «Paz a esta casa»* (Lc 10,5).

^f Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^g Trata-se, muito provavelmente, de um provérbio, pois também se encontra em *SbirR* 2,14.

^h Lit.: *para testemunho a eles e aos pagãos*.

ⁱ *Entregará* é acrescento da tradução.

^j Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

Confiança e recompensa dos apóstolos (Mc 9,41; Lc 12,2-9.51-53; 14,26s) – ²⁴«Um discípulo não está acima do mestre, nem um servo acima do seu senhor. ²⁵Ao discípulo basta ser como o seu mestre, e ao servo ser como o seu senhor. Se ao senhor da casa chamaram Belzebu^k, quanto mais aos da sua casa!

²⁶Portanto, não tendes medo deles, pois nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem escondido que não venha a conhecer-se. ²⁷O que eu vos digo às escuras, dizei-o às claras, e o que ouvís com os ouvidos, proclamai-o sobre os telhados. ²⁸Não tendes medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Tende, antes, medo de quem pode destruir a alma e o corpo na Geena. ²⁹Não se vendem dois passarinhos por uma moeda? E nem um deles cairá por terra sem o consentimento do vosso Pai^m. ³⁰Ora, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. ³¹Por isso, não tendes medo: vós valeis muito mais do que todos os passarinhos. ³²Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também Eu me hei de declarar por ele diante do meu Pai que está nos céus. ³³Aquele, porém, que me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus.

³⁴Não penseis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer a paz, mas a espadaⁿ.

³⁵Vim, de facto, separar:

um homem do seu pai,

a filha da sua mãe,

e a nora da sua sogra;

³⁶os inimigos do homem serão os da sua casa^o.

³⁷Quem ama o pai ou a mãe, mais do que a mim, não é digno de mim, e quem ama o filho ou a filha, mais do que a mim, não é digno de mim. ³⁸E aquele que não toma a sua cruz e segue atrás de mim, não é digno de mim.

³⁹Quem encontra a sua vida há de perdê-la, e quem perde a sua vida por causa de mim há de encontrá-la. ⁴⁰Quem vos acolhe, é a mim que acolhe; e quem me acolhe, acolhe Aquele que me enviou^p. ⁴¹Quem acolhe um profeta por ele ser profeta, terá uma recompensa de profeta, e quem acolhe um justo por ele ser justo, terá uma recompensa de justo. ⁴²Aquele que der a beber a um destes pequenos, nem que seja um copo de água fresca, por ele ser meu^q discípulo, em verdade^r vos digo: jamais perderá a sua recompensa».

^k O nome *Beelzebul*, do hebraico *Baal-Zebul*, significa *Senhor-príncipe*, divindade síria cujo nome foi popularmente atribuído em Israel ao chefe dos demónios (cf. 9,34; 12,24; 2Rs 1,2; Mc 3,22; Lc 11,15).

^l Lit.: *um asse*, antiga moeda romana de cobre.

^m Lit.: *sem o vosso Pai*.

ⁿ As afirmações de Jesus têm um sentido metafórico, na medida em que o discipulado pode conduzir a ruturas familiares (como a própria comunidade de Mt já parece experimentar).

^o Mq 7,6.

^p Na cultura antiga e também na judaica, acolher ou rejeitar o enviado é fazê-lo a quem o enviou (cf. *mBer* 5,5).

^q *Meu* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

ENSINAMENTOS SOBRE O REINO (11,1-12,50)

11¹Quando^a Jesus acabou de dar estas instruções^b aos seus doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas cidades da região^c.

Embaixada de João Batista a Jesus (Lc 7,18-23) – ²João, que estava no cárcere, ao ouvir falar das obras de Cristo, mandou, por intermédio dos seus discípulos, ³perguntar-lhe: «És tu o que está para vir, ou havemos de esperar outro?». ⁴Jesus respondeu-lhes^d: «Ide contar a João o que ouvís e vedes: ⁵*os cegos voltam a ver, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres*. ⁶E feliz é aquele que não encontrar em mim motivo de escândalo».

Juízo de Jesus sobre João Batista (Lc 7,24-28) – ⁷Quando eles partiram, Jesus começou a falar às multidões acerca de João: «Que fostes observar no deserto? Uma cana agitada pelo vento? ⁸Então que fostes ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas^e aqueles que trajam roupas finas encontram-se nas casas dos reis. ⁹Então que fostes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais do que profeta. ¹⁰É acerca dele que está escrito:

*Eis que Eu envio o meu mensageiro à tua frente,
que preparará o teu caminho diante de ti*⁸.

¹¹Em verdade^h vos digo: entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista; mas o mais pequeno no reino dos céus é maior do que ele. ¹²Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus sofre violência, e são os violentos que dele se apoderamⁱ. ¹³Todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. ¹⁴E, se estiverdes dispostos a admitir^j, ele era o Elias que estava para vir. ¹⁵Quem tem ouvidos, ouça.

¹⁶A quem hei de comparar esta geração? É semelhante às crianças sentadas nas praças públicas que, interpellando as outras, ¹⁷dizem:

“Tocámos flauta para vós e não dançastes,
entoámos lamentações e não batestes no peito”.

^a Lit.: e aconteceu que, quando...

^b Fórmula que indica o início de uma nova secção (cf. 7,28; 13,53; 19,1; 26,1). De facto, com ela tem início o terceiro bloco do núcleo central do evangelho (5,1-25,46), constituído pelos ensinamentos sobre o reino e sinais que manifestam a sua chegada (11,1-12,50) e pelo discurso em parábolas (13,1-52).

^c Lit.: deles.

^d Lit.: e respondendo Jesus disse-lhes.

^e Cf. Is 29,18 e 61,1.

^f Lit.: vê/eis (que) (cf. 2,13 nota).

^g Ex 23,20; Ml 3,1.

^h Lit.: amén (cf. 5,18 nota).

ⁱ Este v. é de difícil interpretação: de que violência se trata? Da violência dos zelotes contra os romanos? Das violências de grupos judaicos contra os cristãos? Ou, com maior probabilidade, da violência interior que a conversão pessoal requer?

^j Lit.: se quereis receber.

¹⁸Veio João, que não come nem bebe, e dizem: “Tem um demónio!” ¹⁹Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: “É um comilão^k e beberrão, amigo de publicanos e pecadores”. Mas, pelas suas obras, a sabedoria foi reconhecida como justa ».

Imprecações contra as cidades incrédulas (Lc 10,12-15) – ²⁰Começou, então, a censurar duramente as cidades em que tinha realizado a maior parte das suas ações poderosas, por não se terem convertido: ²¹«Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sídon se tivessem realizado as ações poderosas que entre vós se realizaram, há muito que se teriam convertido, vestindo-se de pano grosseiro e cobrindo-se de cinza^l. ²²Por isso vos digo: haverá mais tolerância para Tiro e Sídon, no dia do juízo, do que para vós. ²³E tu, Cafarnaum, *serás elevada até ao céu? Até ao inferno^m é que descerásⁿ!* Porque, se em Sodoma se tivessem realizado as ações poderosas que em ti se realizaram, ela teria durado até aos dias de hoje. ²⁴Por isso vos digo: haverá mais tolerância para Sodoma, no dia do juízo, do que para ti».

Revelação aos humildes (Lc 10,21s) – ²⁵Naquele tempo, Jesus tomou a palavra e disse: «Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e eruditos e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. ²⁷Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

O suave jugo de Jesus – ²⁸Vinde a mim, todos os que andais fatigados e oprimidos, e eu vos darei descanso. ²⁹Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, ³⁰pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve».

12 Espigas arrancadas ao sábado (Mc 2,23-28; Lc 6,1-5) – ¹Naquele tempo, Jesus caminhava a um sábado pelas searas. Os seus discípulos sentiram fome e começaram a arrancar espigas e a comê-las^o. ²Ao ver isto, os fariseus disseram a Jesus: «Vê como os teus discípulos fazem o que não é permitido^p ao sábado». ³Ele respondeu-

^k Lit.: *eis um homem comilão*.

^l Lit.: *em saco e cinza*. *Sákkos* é um tipo de pano rude, normalmente feito de pele de animais, que se usava em cima do corpo como se fosse um saco (daí o seu nome) e era normalmente usado como sinal de luto, penitência ou súplica. Na cultura judaica, era também costume atirar cinza à cabeça como sinal de luto (Jb 1,20; 2,12; Jr 6,26). Corazim, Betsaida e Cafarnaum constituíam o chamado «triângulo evangélico» onde Jesus realizou muitos prodígios e sinais, e que, no entanto, se recusaram a acreditar; daí serem comparadas às grandes cidades pecadoras de Sodoma e de Gomorra, de Tiro e de Sídon (cf. Gn 19,28s; Is 1,9; Ez 27,1-4.30-32; Am 1,9; Mc 7,24; Lc 10,12-14), estas duas últimas alvo da crítica severa dos profetas (cf. Is 23,1; Ez 26-28).

^m Lit.: *Hades*, o submundo da mitologia grega.

ⁿ Is 14,13.15.

^o Mt retoma a narrativa de Mc, que abandonara em 9,17.

^p O grego acrescenta *fazer*.

-lhes: «Não lestes o que fez David, quando ele e os que estavam com ele sentiram fome?»⁴ Como entrou na casa de Deus e comeram os pães da oferta^b, que não era permitido comer, nem a ele, nem àqueles que estavam com ele, mas apenas aos sacerdotes? ⁵Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam isentos de culpa? ⁶Digo-vos: está aqui Alguém que é maior do que o templo. ⁷Se tivésseis compreendido o que significa: *Quero misericórdia e não sacrifício*^c, não teríeis condenado aqueles que estão isentos de culpa. ⁸Pois o Filho do Homem é senhor do sábado».

Cura ao sábado. Decisão de matar Jesus (Mc 3,1-6; Lc 6,6-11) – ⁹Partindo dali, entrou na sinagoga deles. ¹⁰Ora, estava lá um homem^d que tinha uma mão paralisada^e. Perguntaram, então, a Jesus, a fim de o poderem acusar^f: «É permitido curar ao sábado?»¹¹Ele respondeu-lhes: «Haverá entre vós alguém que^g, tendo uma ovelha e ela cair numa cova ao sábado, não a vá apanhar e tirar de lá? ¹²Pois bem: um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, ao sábado é permitido fazer o bem». ¹³Disse, então, ao homem: «Estende a tua mão». Ele estendeu-a, e ela ficou curada, tão saudável como a outra. ¹⁴Depois de saírem dali^h, os fariseus reuniram-se em conselho contra Ele, a fim de o matar.

Jesus, o servo do Senhor (Mc 3,7-12; Lc 6,17-19) – ¹⁵Ao saber disto, Jesus retirou-se dali. Seguiram-no numerosas multidões, e Ele curou-os a todos; ¹⁶mas admoestou-osⁱ para que não o dessem a conhecer^j, ¹⁷para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta Isaías^k:

*¹⁸Eis o meu servo, Aquele que escolhi,
o meu amado em quem a minha alma se compraz.
farei repousar sobre ele o meu Espírito,
para que anuncie a justiça às nações.*

^a cf. 1Sm 21,2-7, em contraste com a lei sabática de Lv 24,5-9. Jesus serve-se da hermenêutica rabínica que defende uma doutrina mais recente com uma passagem bíblica contraposta a outra. Para Jesus o que está em questão é a defesa da pessoa, mesmo contra a norma legal de Lv 24,5-9. Não destrói ou sequer desconsidera o mandamento de sábado, que vem de Deus (cf. Ex 20,8), mas apenas o relativiza em favor de bens maiores, como no episódio seguinte (12,9-13).

^b São também chamados os *pães da proposição*, os doze pães doces de farinha que eram colocados no templo, como sinal de aliança perpétua com as doze tribos de Israel. Eram trocados durante o sacrifício do sábado (cf. Lv 24,5-9).

^c Os 6,6.

^d Lit.: e eis um homem.

^e Lit.: ressequida.

^f O grego acrescenta *dizendo*.

^g Lit.: *que homem há entre vós que*.

^h *Dali* é acréscimo da tradução.

ⁱ Em grego, o mesmo verbo utilizado por Jesus para mandar calar os demónios e as forças do Mal (cf., por ex., 17,18 ou Mc 1,25).

^j Lit.: *para que não o fizessem visível*.

^k O grego acrescenta *que diz*.

¹⁹*Não criará conflitos nem gritará,
ninguém ouvirá nas praças a sua voz.*

²⁰*Não quebrará a cana rachada¹,
nem apagará a mecha que fumega,
até que leve a justiça à vitória.*

²¹*E as nações colocarão a esperança^m no seu nomeⁿ.*

Exorcismos e sinais do reino (Mc 3,22-27; Lc 6,43-45; 11,14-23; 12,10) – ²²Trouxeram-lhe, então, um endemoniado cego e mudo, e Ele curou-o, de modo que o mudo ficou a falar e a ver. ²³E toda a multidão se espantava e dizia: «Não será Este o filho de David?». ²⁴Ao ouvir isto, os fariseus disseram: «É por Belzebu, o chefe dos demónios, que Ele expulsa os demónios!». ²⁵Mas Jesus^o, que conhecia os seus pensamentos, disse-lhes: «Todo o reino dividido contra si mesmo acaba transformado num deserto, e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não pode subsistir. ²⁶Se Satanás^p expulsa Satanás, divide-se contra si mesmo; como pode o seu reino subsistir? ²⁷Ora, se Eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso, serão eles os vossos juízes. ²⁸Mas, se Eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, então é porque chegou a vós o reino de Deus. ²⁹Ou como pode alguém entrar na casa daquele que é forte e roubar os seus bens, se não o^q amarrar primeiro? Só então lhe poderá roubar a casa. ³⁰Quem não está comigo está contra mim, e quem não recolhe comigo dispersa.

³¹Por isso vos digo: todo o pecado e blasfémia serão perdoados aos homens, mas a blasfémia contra o Espírito não será perdoada. ³²Aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoado; mas àquele que falar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado, nem neste tempo nem naquele que está a chegar.

³³Ou considerais que a árvore é boa e o seu fruto é bom, ou considerais que a árvore é má e o seu fruto é mau^r. É pelo fruto que se conhece a árvore. ³⁴Geração de víboras, como podeis dizer coisas boas, se sois maus? Pois a boca fala da abundância do coração. ³⁵O homem bom do seu bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau do seu mau tesouro tira coisas más. ³⁶Mas digo-vos: no dia do juízo, os homens prestarão contas de toda a palavra estéril que tiverem pronunciado. ³⁷Pois pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado».

¹ Segundo algumas interpretações, a *cana rachada* é uma metáfora do homem pecador, e, como tal, frágil (cf. 11,7), tal como a *mecha que fumega*.

^m Lit.: *esperarão*.

ⁿ Is 42,1-4. Trata-se do primeiro cântico do Servo de Javé. O Servo vem trazer a salvação messiânica com uma vida sem violência, aberta a judeus e não-judeus.

^o Lit.: *Ele*.

^p Satanás é a transliteração do hebraico *sātān* (*adversário*), figura que aparece personificada em Jb 1.

^q Lit.: *na casa do forte... amarrar o forte*. Sobre a expressão, cf. Mc 3,27 nota.

^r Lit.: *a árvore podre e o seu fruto podre*.

Jesus e o sinal de Jonas (Mc 8,11; Lc 11,16.29-32) – ³⁸Responderam-lhe, então, alguns dos doutores da lei e dos fariseus, dizendo: «Mestre, queremos ver um sinal da tua parte». ³⁹Mas Ele respondeu-lhes: «Geração má e adúltera! Procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. ⁴⁰Pois, assim como *Jonas esteve três dias e três noites no ventre do monstro marinho*^b, também o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. ⁴¹No dia do juízo^c, os homens de Nínive^d levantar-se-ão juntamente com esta geração e hão de condená-la, porque se converteram perante a pregação de Jonas, e eis aqui quem é maior que Jonas. ⁴²No dia do juízo, a rainha do sul^e levantar-se-á juntamente com esta geração e há de condená-la, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e eis aqui quem é maior que Salomão».

O espírito impuro pode voltar para o homem (Lc 11,24-26) – ⁴³«Quando o espírito impuro sai do homem, anda por lugares áridos em busca de repouso e não o encontra. ⁴⁴Então diz: “Vou regressar à minha casa, de onde sai”. Ao chegar, encontra-a vazia, varrida e em ordem. ⁴⁵Então vai, toma consigo outros sete espíritos piores do que ele, que entram e ali estabelecem a sua morada. A situação final desse homem torna-se pior que a primeira. Assim acontecerá a esta geração má».

A verdadeira família de Jesus (Mc 3,31-35; Lc 8,19-21) – ⁴⁶Ainda Ele falava às multidões, quando^f chegaram a sua mãe e os seus irmãos^g que, ficando do lado de fora, procuravam falar com Ele. ⁴⁷Disse-lhe, então, alguém: «A tua mãe^h e os teus irmãos estão lá fora e procuram falar contigo». ⁴⁸Mas Ele respondeu a quem lhe falava: «Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?»ⁱ. ⁴⁹E, estendendo a mão para os seus discípulos, disse: «Eis a minha mãe e os meus irmãos! ⁵⁰Pois todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe».

O DISCURSO DAS PARÁBOLAS DO REINO (13,1-52)

13 Parábola do semeador (Mc 4,1-9; Lc 8,4-8)^j – ¹Naquele dia, Jesus saiu de casa e sentou-se junto ao mar. ²E reuniram-se junto dele tão numerosas multidões que

^a Lit.: *Ele, porém, respondendo disse-lhes*.

^b Jn 2,1.

^c Lit.: *no juízo* (tal como no v.42).

^d Nínive foi a capital dos assírios, um dos piores inimigos de Israel. A sua destruição histórica (em 612 a.C.), segundo o relato bíblico, terá sido profetizada em Na 2,2-3,19, e os seus habitantes mostraram arrependimento em virtude da pregação do profeta Jonas (Jn 3,5-10).

^e A referência à *rainha do sul* evoca a visita ao rei Salomão da rainha de Sabá (1Rs 10,1-13; 2Cr 9,1-12), proveniente das atuais regiões da Etiópia e do Iémen.

^f Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^g Cf. Lc 8,19 nota.

^h O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

ⁱ Lit.: *Ele, porém, respondendo, disse ao que lhe dizia*.

^j Nesta famosa parábola do semeador, Jesus usa uma imagem do quotidiano: a da terra pedregosa da Palestina, onde é difícil encontrar terreno com terra boa, em que as raízes possam em profundidade

Ele teve de entrar num barco e sentar-se, enquanto toda a multidão permanecia de pé na margem. ³Falou-lhes, então, de muitas coisas em parábolas, dizendo: «Saiu^k o semeador a semear. ⁴E enquanto ele semeava, uma parte caiu à beira do caminho: vieram as aves e comeram-na. ⁵Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e imediatamente germinou, por a terra não ser profunda^l; ⁶mas quando despontou o sol, queimou-se e secou, por não ter raiz. ⁷Outra parte caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. ⁸Outra parte, porém, caiu em boa terra e deu fruto: ora cem, ora sessenta, ora trinta. ⁹Quem tem ouvidos, ouça».

Porque fala Jesus em parábolas (Mc 4,10-12; Lc 8,9s; 10,23s) – ¹⁰Os discípulos aproximaram-se e disseram-lhe: «Por que razão lhes falas em parábolas?». ¹¹Jesus respondeu-lhes^m: «Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do reino dos céusⁿ, mas a eles não^o. ¹²Pois àquele que tem, ser-lhe-á dado e acrescentado; mas àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. ¹³É por isso que lhes falo em parábolas: porque vendo, não veem, e ouvindo, não ouvem nem entendem. ¹⁴Assim, neles se cumpre plenamente a profecia de Isaías, que diz:

Com o ouvido, ouvireis, mas nunca haveis de entender,
e, de facto^p, olhareis, mas nunca haveis de ver.

¹⁵*Endureceu-se o coração deste povo:*

*eles escutaram com ouvidos endurecidos
e fecharam os seus olhos.*

*Não fosse acontecer que vissem com os olhos,
ouvissem com os ouvidos,
entendessem com o coração,
e voltassem atrás e Eu os curasse^q.*

¹⁶Felizes os vossos olhos porque veem, e os vossos ouvidos porque ouvem. ¹⁷Em verdade^r vos digo: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram».

Explicação da parábola (Mc 4,13-20; Lc 8,11-15) – ¹⁸«Portanto, escutai vós o significado^s da parábola do semeador. ¹⁹Quando alguém ouve a palavra do reino e não entende, vem o

alimentar-se e ganhar estabilidade. Assim, os leitores e os ouvintes ficam a saber que, para consolidar a relação pessoal com o Senhor Jesus, é preciso tempo, profundidade, é preciso refletir, pensar na palavra de Deus para que ela vá ganhando raízes.

^k O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^l Lit.: *não ter profundidade de terra*.

^m Lit.: Ele, porém, respondendo disse-lhes.

ⁿ Nos evangelhos, a expressão *os mistérios do reino dos céus* aparece apenas aqui.

^o O grego acrescenta *foi dado*.

^p Lit.: *olhando*.

^q Is 6,9s.

^r Lit.: *amém* (cf. 5,18 nota).

^s O significado de *de* é acrescento da tradução.

Maligno e apodera-se do que foi semeado no seu coração: este é aquele que foi semeado à beira do caminho. ²⁰O que foi semeado em terreno pedregoso é aquele que ouve a Palavra e imediatamente a recebe com alegria, ²¹mas, como não tem raiz em si mesmo, dura pouco tempo^a: ao surgir uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, sucumbe imediatamente^b. ²²O que foi semeado entre os espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas as preocupações do mundo e a sedução da riqueza acabam por sufocar a Palavra, e ela não produz fruto. ²³O que foi semeado em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende, e esse sim dá fruto e produz ora cem, ora sessenta, ora trinta».

Parábola do trigo e do joio – ²⁴Apresentou-lhes outra parábola, dizendo: «O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵Mas, enquanto os homens dormiam, veio o seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi-se embora. ²⁶Quando a planta começou a germinar e a dar fruto, apareceu também o joio. ²⁷Então os servos foram ter com o senhor da casa e disseram-lhe: “Senhor, não era boa a semente que semeaste no teu campo? De onde vem, então, o joio?”. ²⁸Ele respondeu-lhes: “Foi um inimigo^c que fez isso”. Disseram-lhe os servos: “Queres que o vamos apanhar?”. ²⁹Ele, porém, respondeu: “Não! Não aconteça que, ao apanhardes o joio, arranqueis também o trigo. ³⁰Deixai-os crescer juntos até à ceifa e, no tempo da ceifa, direi aos ceifeiros: ‘Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro’”».

Parábola do grão de mostarda (Mc 4,30-32; Lc 13,18s) – ³¹Apresentou-lhes outra parábola, dizendo: «O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. ³²É a mais pequena de todas as sementes, mas depois de crescer é maior que as plantas da horta; torna-se uma árvore, de tal modo que as aves do céu vêm fazer o ninho nos seus ramos».

Parábola do fermento (Lc 13,20s) – ³³Disse-lhes outra parábola: «O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas^d de farinha, até ficar tudo fermentado».

A razão das parábolas (Mc 4,33s) – ³⁴Jesus disse todas estas coisas às multidões em parábolas, e sem parábolas nada lhes dizia, ³⁵para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta^e:

*Abrirei a minha boca em parábolas,
proclamarei coisas escondidas desde a fundação do mundo^f.*

^a Lit.: é para *tempo oportuno*, i.e., *efêmero*.

^b Lit.: *escandalizam-se*, no sentido apresentado em 5,29 nota.

^c Lit.: *homem inimigo*.

^d Lit.: *três sata* (plural do grego *sáton*, uma medida que levava c. 10 litros).

^e O grego acrescenta *que diz*.

^f Sl 78,2.

Explicação da parábola do trigo e do joio – ³⁶Então, depois de despedir as multidões, foi para casa. Os seus discípulos aproximaram-se dele e disseram: «Explica-nos a parábola do joio do campo». ³⁷Ele respondeu: «Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem; ³⁸o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do Maligno; ³⁹o inimigo que o semeia é o Diabo; a ceifa é o fim dos tempos; e os ceifeiros são os anjos. ⁴⁰Assim como o joio é apanhado e queimado no fogo, assim será no fim dos tempos: ⁴¹o Filho do Homem enviará os seus anjos, que hão de recolher do seu reino todos os que são motivo de escândalo^h e os que praticam a iniquidade, ⁴²e lançá-los na fornalha ardente; aí haverá choro e ranger de dentes. ⁴³Então os justos brilharão como o sol no reino do seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça».

Parábola do tesouro escondido e da pérola – ⁴⁴«O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. O homem que o encontrou voltou a escondê-lo e, cheio de alegriaⁱ, vai vender tudo quanto tem e compra aquele campo.

⁴⁵O reino dos céus é também semelhante a um comerciante^j que procura belas pérolas. ⁴⁶Ao encontrar uma pérola de grande valor, foi vender tudo quanto tinha e comprou-a».

Parábola da rede lançada ao mar – ⁴⁷«O reino dos céus é também semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe todo o género de peixe^k. ⁴⁸Quando fica cheia, puxam-na para a margem e, sentado-se, recolhem o que é bom nos cestos e deitam fora o que não presta. ⁴⁹Assim será no fim dos tempos: os anjos sairão para separar os maus do meio dos justos ⁵⁰e lançá-los na fornalha ardente; aí haverá choro e ranger de dentes».

Conclusão do discurso sobre o reino – ⁵¹«Entendestes tudo isto?». Eles responderam-lhe: «Sim». ⁵²Então Ele disse-lhes: «Por isso, todo o doutor da lei que se torna discípulo do reino dos céus é semelhante a um pai de família^l, que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas».

OUTROS ENSINAMENTOS SOBRE O REINO (13,53-17,27)

Jesus desprezado em Nazaré (Mc 6,1-6a; Lc 4,16-30) – ⁵³Quando^m Jesus acabou de dizer estas parábolasⁿ, partiu dali. ⁵⁴Tendo ido para a sua terra natal, ensinava-os nas suas

^g Lit.: *Ele, porém, respondendo disse.*

^h Lit.: *todos os escândalos.*

ⁱ Lit.: *e da sua alegria.*

^j Lit.: *homem comerciante.*

^k *Peixe* é acrescento da tradução.

^l Lit.: *senhor da casa*, expressão que se refere ao chefe de família, entendida em sentido alargado.

^m Lit.: *e aconteceu que, quando...*

ⁿ Fórmula que indica o início de uma nova secção (cf. 7,28; 11,1; 19,1; 26,1). De facto, com ela tem início o quarto bloco do núcleo central do evangelho (5,1-25,46), constituído por outros ensinamentos sobre o reino e sinais da sua chegada (13,53-17,27) e pelo discurso eclesial (18,1-35).

sinagogas, de tal modo que eles ficavam perplexos e diziam: «De onde lhe vem esta sabedoria e estes poderes? ⁵⁵Não é Este o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria, e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? ⁵⁶E as suas irmãs não estão todas entre nós? De onde lhe vem, então, tudo isto?». ⁵⁷E escandalizavam-se com Ele. Jesus, porém, disse-lhes: «Um profeta não é desprezado senão na sua terra e na sua casa»⁴. ⁵⁸E não realizou ali muitas ações poderosas, por causa da falta de fé deles.

14 **Martírio de João Batista** (Mc 6,14-29; Lc 3,19s; 9,7-9) – ¹Naquele tempo, o tetrarca Herodes^b ouviu falar da fama de Jesus² e disse aos seus servos: «Esse homem^c é João Batista! Ele ressuscitou dos mortos, e é por isso que nele atuam tais poderes». ³De facto, Herodes tinha mandado prender João, acorrentá-lo e metê-lo na prisão por causa de Herodíade^d, a mulher do seu irmão Filipe, ⁴pois João dizia-lhe: «Não te é permitido tê-la por mulher». ⁵Herodes queria matá-lo, mas temia a multidão, porque esta o considerava um profeta.

⁶Entretanto, no aniversário de Herodes, a filha de Herodíade dançou no meio de todos os presentes^e e agradou a Herodes, ⁷de tal modo que ele lhe prometeu sob juramento dar-lhe o que ela pedisse. ⁸Instigada pela mãe, ela disse: «Dá-me aqui mesmo, numa bandeja, a cabeça de João Batista». ⁹O rei entristeceu-se, mas, por causa dos juramentos e daqueles que estavam com ele à mesa, ordenou que lhe dessem ¹⁰e mandou decapitar João na prisão. ¹¹A cabeça dele foi, então, trazida numa bandeja e dada à jovem, que a levou à mãe. ¹²Os discípulos de João^f foram buscar o cadáver e sepultaram-no; depois, foram dar a notícia a Jesus.

Primeira multiplicação dos pães (Mc 6,31-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13) – ¹³Ao ouvir isto, Jesus retirou-se dali num barco e foi a sós para um lugar deserto. Quando ouviram isto, as multidões, vindas das cidades, começaram a segui-lo a pé. ¹⁴Ao sair do barco^g, Ele viu uma numerosa multidão, compadeceu-se profundamente deles e curou os seus enfermos. ¹⁵Ao cair da tarde, os discípulos foram ter com Ele, e disseram: «O lugar é deserto e a hora já vai avançada. Manda embora a multidão para que vá às povoações comprar alimentos^h». ¹⁶Mas Jesus respondeu-lhes: «Não têm necessidade

^a Lc 4,16-30 coloca a rejeição de Jesus na sua terra, no início da narração da vida pública.

^b Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, que herdou as províncias da Galiléia e da Pereia, um estado que era uma quarta parte do reino do pai (cf. Lc 3,1.19; 9,7; At 13,1). Daí o título *tetrarca*, atribuído ao líder de cada um dos quatro (em grego *tetra*) estados, todos eles sob o domínio romano.

^c *Homem* é acrescento da tradução.

^d Herodíade, filha de Aristobulo e Berenice, mulher de Herodes Filipe, foi desposada por Herodes Antipas, ao arrepio da lei judaica. Herodes Antipas tinha repudiado a primeira mulher, filha do rei nabateu Aretas (cf. Flávio Josefo, *Bell. Jud.* 1,8.9; I,28.4; II,11.6; *Ant. Jud.* XVII,7.3; XVIII,5.4). Sobre este assunto, cf. Mc 6,22 nota.

^e Lit.: *dançou do meio*.

^f Lit.: *dele*.

^g *Do barco* é acrescento da tradução.

^h O grego acrescenta *para si*.

de se ir embora. Dai-lhes vós de comer». ¹⁷Eles, porém, disseram-lhe: «Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes». ¹⁸Ele respondeu: «Trazei-mos cá». ¹⁹Depois de ordenar à multidão que se reclinasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênção; depois, partiu os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos deram-nos à multidão. ²⁰Todos comeram e ficaram saciados. Recolheram, então, os pedaços que sobraram: doze cestas cheias.ⁱ ²¹Os que comeram eram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

Jesus caminha sobre as águas (Mc 6,45-52; Jo 6,15-21) – ²²E obrigou imediatamente os discípulos a entrar no barco e a ir à sua frente para a outra margem, enquanto Ele despedia as multidões. ²³Depois de as ter despedido^j, subiu ao monte a sós para rezar. Ao cair da tarde, Ele estava ali sozinho. ²⁴Entretanto, o barco encontrava-se já a uma grande distância^k da terra, fustigado pelas ondas, pois o vento era contrário. ²⁵Pela quarta vigília da noite^l Jesus^m foi ter com eles, caminhando sobre o mar. ²⁶Mas, ao vê-lo caminhar sobre o mar, os discípulos ficaram transtornados e disseram: «É um fantasma!». E começaram a gritar com medo. ²⁷Mas Jesus falou-lhes imediatamente, dizendo: «Tende coragem, sou Eu; não tendes medo!».

²⁸Pedroⁿ respondeu-lhe^o: «Senhor, se és Tu, manda-me ir ter contigo sobre as águas». ²⁹Ele disse: «Vem». Pedro desceu, então, do barco e começou a caminhar sobre as águas, para ir ter com Jesus. ³⁰Mas, ao sentir o vento forte, teve medo e, começando a afundar-se, gritou, dizendo: «Salva-me, Senhor!». ³¹Jesus estendeu-lhe imediatamente a mão, agarrou-o e disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?». ³²E, depois de eles terem subido para o barco, o vento amainou. ³³Então os que estavam no barco prostraram-se diante dele, dizendo: «És verdadeiramente Filho de Deus!».

Curas em Genesaré (Mc 6,53-56) – ³⁴Feita a travessia, chegaram a terra, em Genesaré. ³⁵Ao reconhecê-lo, os homens daquele lugar espalharam a notícia^p por toda aquela região. Trouxeram-lhe, então, todos os que tinham alguma espécie de mal ³⁶e supli-

ⁱ Esta primeira multiplicação dos pães evoca o alimento do maná dado por Deus a Israel no deserto (cf. Ex 16,4s.15-36; Sl 78,24-30; Sb 16,20s) e a recolha nos cestos evoca um outro episódio do AT passado com Eliseu e o seu servo (2Rs 4,42-44). São ainda claras, neste relato e nos outros cinco dos evangelhos, as afinidades com os da última Ceia de Jesus e a celebração da Eucaristia desde os primórdios da Igreja.

^j Lit.: *depois de ter despedido as multidões*.

^k Lit.: *a muitos estádios*.

^l A quarta vigília da noite corresponde ao último período de três horas antes da madrugada, i.e., ao período entre as três e as seis da manhã, antes de o sol se levantar, quando no horizonte já se começa a entrever o tom rosa da aurora. Esta referência é significativa, porque indica que Jesus, a nova luz, vem ao encontro dos discípulos com o seu poder divino, já que só Deus podia assim dominar o mar, onde habitam as forças do Mal (cf. 8,26 nota).

^m Jesus é acrescentado da tradução.

ⁿ Os vv.28-31 sobre a pessoa de Pedro são exclusivos de Mt.

^o O grego acrescenta *dizendo*.

^p Lit.: *enviaram* (subentende-se *notícia*).

cavam-lhe que os deixasse tocar, ao menos, na franja da sua capa. E todos quantos lhe tocaram foram salvos.

15 Jesus e as tradições farisaicas (Mc 7,1-13) – ¹De Jerusalém vieram, então, ter com Jesus uns fariseus e doutores da lei, que disseram: ²«Por que razão violam os teus discípulos a tradição dos antigos? É que não lavam as mãos quando comem pão»^a. ³Ele respondeu-lhes^b: «E por que razão violais vós o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? ⁴Pois Deus disse: “Honra o pai e a mãe” e “Quem amaldiçoar o pai ou a mãe seja punido com a morte”^c. ⁵Mas vós dizeis: “Quem disser ao pai ou à mãe: ‘aquilo com que poderias ser ajudado por mim foi dado como oferta a Deus’^d, ⁶esse já não está obrigado a honrar o seu pai”^e. Tornastes inválida a palavra de Deus por causa da vossa tradição. ⁷Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vós, quando disse:

⁸*Este povo honra-me com os lábios,
mas o seu coração está longe de mim;*

⁹*é em vão que me prestam culto,*

pois ensinam doutrinas que são mandamentos humanos^f.

Ensinamento sobre o puro e o impuro (Mc 7,14-23) – ¹⁰E, chamando a si a multidão, disse-lhes: «Ouvi e entendei: ¹¹não é o que entra pela boca que torna o homem impuro; pelo contrário, o que sai da boca é que torna o homem impuro^g».

¹²Então os discípulos aproximaram-se e disseram-lhe: «Sabes que os fariseus se escandalizaram ao ouvir tais palavras?»^h. ¹³Mas Ele respondeu-lhesⁱ: «Toda a planta que não foi plantada pelo meu Pai celeste será arrancada pela raiz. ¹⁴Deixai-os: são cegos, guias de cegos. E, se um cego guiar outro cego, acabarão ambos por cair numa cova».

¹⁵Tomando a palavra, Pedro disse-lhe: «Explica-nos esta parábola». ¹⁶Ele respondeu: «Será que também vós estais privados de inteligência? ¹⁷Não compreendeis que tudo o que entra pela boca passa para o ventre e é expelido para uma fossa? ¹⁸Mas o que sai da boca provém do coração e é isso que torna o homem impuro. ¹⁹Pois é

^a Em 15,1-20 fica claro que a Igreja judeo-cristã de Mt vivia tempos de tensão com as tradições dos judeus, em defesa da sua identidade e doutrina.

^b Lit.: *Ele, porém, respondendo disse-lhes.*

^c Lit.: *que com morte pereça.*

^d Lit.: *é oferta o que de mim te aproveitaria.* Os bens que os filhos ofereciam no templo tornavam-se sagrados (Nm 30,2-4), o que impedia os pais de os reclamarem. Esta prática evoluiu para uma estratégia legal, usada pelos filhos para se ilibarem da responsabilidade de sustentar os progenitores.

^e Lit.: *não honrará o pai dele.*

^f Is 29,13.

^g As preocupações com as prescrições para preservar as regras de pureza (cf. Gn 7,2; Lv 11-16; Os 9,4; Am 7,17) estavam muito vinculadas no judaísmo palestinese do tempo de Jesus, ao ponto de se tornarem um tratado autónomo sobre as leis de impureza (*teborót*) na *Mishná*.

^h Lit.: *Ele, porém, respondendo disse.*

do coração que saem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, promiscuidades, roubos, difamações, calúnias.²⁰ São estas coisas que tornam o homem impuro; comer sem lavar as mãos não torna o homem impuro».

A fé da mulher cananea e cura da sua filha (Mc 7,24-30) – ²¹Ao sair dali, Jesus retirou-se para as regiões de Tiro e Sídon.ⁱ ²²E eis que uma mulher cananea, que tinha vindo daquelas regiões, se pôs a gritar, dizendo: «Tem misericórdia de mim, Senhor, Filho de David! A minha filha está terrivelmente endemoniada». ²³Mas Ele não lhe respondeu nem uma palavra. Então os seus discípulos aproximaram-se e começaram a pedir-lhe: «Manda-a embora, porque vem a gritar atrás de nós». ²⁴Ele, porém, respondeu^k: «Fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel». ²⁵Mas ela veio prostrar-se diante dele, dizendo: «Senhor, ajuda-me!». ²⁶Ele respondeu: «Não está bem tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos». ²⁷Mas ela retorquiu: «Sim, Senhor; mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos». ²⁸Então Jesus respondeu-lhe^l: «Ó mulher, é grande a tua fé! Faça-se como desejas». E a sua filha ficou curada a partir daquela hora.

Muitos outros são curados – ²⁹Ao partir dali, Jesus foi para o mar da Galileia e, subindo ao monte, aí se sentou. ³⁰Vieram ter com Ele numerosas multidões, que tinham consigo coxos, cegos, estropiados, mudos e muitos outros; colocavam-nos aos seus pés e Ele curava-os, ³¹de tal modo que a multidão se admirava ao ver os mudos falar, os estropiados ficarem curados, os coxos andar e os cegos ver; e todos^m davam glória ao Deus de Israel.

Segunda multiplicação dos pães (Mc 8,1-10) – ³²Chamando a si os seus discípulos, Jesus disse: «Estou profundamente compadecido da multidão, porque há já três dias que eles permanecem junto de mim e não têm o que comer. E não quero despedi-los em jejum, não vão eles desfalecer no caminho». ³³Os discípulos disseram-lhe: «Onde iremos nós, num deserto, buscar pãesⁿ suficientes para saciar tão grande multidão?». ³⁴Perguntou-lhes Jesus: «Quantos pães tendes?». Eles responderam: «Sete e alguns peixes pequenos». ³⁵Ordenou, então, à multidão que se reclinasse sobre a terra. ³⁶Depois tomou os sete pães e os peixes, deu graças, partiu-os e deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão. ³⁷Todos comeram e ficaram saciados. Dos pedaços que sobraram, ainda recolheram sete cestos cheios. ³⁸Os que comeram eram quatro mil

ⁱ Nestes vv., Jesus faz uma incursão pelas regiões pagãs de Tiro e de Sídon.

^j O grego acrescenta *dizendo*.

^k Lit.: *Ele, porém, respondendo disse* (o mesmo no início do v.26)

^l Lit.: *respondendo Jesus disse-lhe*.

^m *Todos* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *de onde a nós [vêm] pães num deserto*.

homens^a, sem contar mulheres e crianças.³⁹ Depois de despedir as multidões, subiu para o barco e foi para a região de Magadan^b.

16 Jesus e o sinal de Jonas (Mc 8,11-13) – ¹Vieram ter com Ele os fariseus e saduceus para o porem à prova e pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal do céu. ²Ele respondeu-lhes: «Ao cair da tarde dizeis: “Vai estar bom tempo, porque o céu está avermelhado”; ³e de manhã cedo dizeis: “Hoje vai haver temporal, porque o céu está vermelho escuro”. Sabeis distinguir o aspeto do céu, mas não sois capazes de distinguir os sinais dos tempos? ⁴Geração má e adúltera! Procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas»^d. E, deixando-os, foi embora.

Fermento dos fariseus e saduceus. Incompreensão dos discípulos (Mc 8,14-21) – ⁵Quando os discípulos foram para a outra margem, esqueceram-se de levar pão. ⁶Disse-lhes Jesus: «Vede bem e tende cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus!». ⁷Mas eles discutiam entre si, dizendo: «Não trouxemos pão!». ⁸Apercebendo-se disso, Jesus disse: «Porque discutis entre vós, homens de pouca fé, por não terdes pão? ⁹Ainda não compreendeis? Não vos lembrais dos cinco pães para os cinco mil, e de quantas cestas recolhestes? ¹⁰Nem dos sete pães para os quatro mil, e de quantos cestos recolhestes? ¹¹Como não compreendeis que não era de pães que vos falava? Tende cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus!» ¹²Entenderam, então, que não lhes tinha dito para terem cuidado com o fermento do pão, mas com o ensinamento dos fariseus e saduceus.

Confissão messiânica de Pedro (Mc 8,27-30; Lc 9,18-21) – ¹³Jesus foi para a região de Cesareia de Filipe^e e perguntou aos seus discípulos^f: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?». ¹⁴Eles responderam: «Uns que é^g João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas». ¹⁵Ele perguntou-lhes: «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?». ¹⁶Simão Pedro tomou a palavra e disse: «Tu és o Cristo, o Filho

^a O número parece ter um carácter simbólico: o quatro fará referência aos pontos cardeais, ou seja, o mundo inteiro, e o mil aponta para uma dimensão incontável. Assim, o pão que Jesus oferece destina-se a todos.

^b Região desconhecida. É possível que se trate de uma corruptela de *Magdala*.

^c Lit.: *Ele, porém, respondendo, disse-lhes*.

^d A expressão parece fazer referência não apenas à pregação de Jonas, mas também ao facto de este profeta ter estado durante três dias e três noites na barriga de um grande peixe, num sinal prefigurativo da sepultura e ressurreição de Jesus.

^e Cesareia de Filipe (atualmente Bânias) era uma povoação construída perto da nascente do Jordão por Herodes Filipe, em honra de César Augusto, no ano 2 a.C., na zona mais a norte da terra de Canaã. Os filhos de Herodes, tal como o pai, para agradar a Roma, deram o nome do César a cidades que construíram.

^f O grego acrescenta *dizendo*.

^g *Que é* é acrescento da tradução.

do Deus vivo»^h. ¹⁷Jesus respondeu-lhe: «És feliz, Simão, filho de Jonas^l, porque não foram a carne e o sangue^k que to revelaram, mas o meu Pai que está nos céus. ¹⁸Também Eu te digo: tu és Pedro^l, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja^m, e as portas do infernoⁿ não prevalecerão contra ela. ¹⁹Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus»^o. ²⁰Admoestou, então, os discípulos para que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo.

Primeiro anúncio da paixão e ressurreição, e reação de Pedro (Mc 8,31-33; Lc 9,22) –

²¹Desde então, Jesus começou a fazer ver aos seus discípulos que era necessário Ele partir para Jerusalém, sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da lei, ser morto e ao terceiro dia ressuscitar^p. ²²Então Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo severamente^q, dizendo: «Longe de ti tal coisa, Senhor! Isso nunca te há de acontecer!». ²³Mas Ele voltou-se e disse a Pedro: «Vai para trás de mim, Satanás! És para mim motivo de escândalo, porque não tens em mente as coisas de Deus, mas as dos homens».

Condições para seguir Jesus (Mc 8,34-9,1; Lc 9,23-27) –

²⁴Jesus disse, então, aos seus discípulos: «Se alguém quer vir atrás de mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. ²⁵Pois aquele que quiser salvar a sua vida há de perdê-la, mas aquele que perder a sua vida por causa de mim há de encontrá-la. ²⁶De facto, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou que poderá o homem dar em troca da sua vida? ²⁷De facto, o Filho do Homem há de vir na glória do seu Pai

^h Diferentemente dos paralelos de Mc (8,29) e Lc (9,20), que apenas afirmam a messianidade de Jesus, Mt afirma também a fé na filiação divina (já conhecida dos leitores desde 1,18-25; 3,17; 11,27 e 14,33), razão da resposta de Jesus a Pedro.

ⁱ Lit.: *mas respondendo Jesus disse-lhe*.

^j Lit.: *Barioná*, assim transliterado para grego a partir do aramaico e que significa *filho de Jonas* (nome do pai).

^k O binómio *carne e sangue* é um semitismo para indicar a natureza humana. A pessoa de Pedro, sem a revelação, nunca poderia confessar a filiação divina de Jesus.

^l Mudar de nome indica uma nova missão, inferida a partir da etimologia do nome atribuído. Simão é, agora, *Kefa'* (*pedra* em aramaico), traduzido em grego por *Pétros* (*pedra*, Pedro: cf. Is 28,14-22; 51,1s; *IQH* 3,13-18; 6,25-27). Apenas Jo 1,42 estabelece explicitamente esta ligação. Todavia, ela está subjacente nas referências que Paulo faz de Pedro quando significativamente o apresenta como Cefas no encontro em Jerusalém em Gl 1,18, no incidente de Antioquia em Gl 2,11-14, e no querigma (pregação na Igreja primitiva) de 1Cor 15,5.

^m Só em Mt Jesus usa a palavra *Igreja*, e por duas vezes, aqui e em 18,17.

ⁿ Lit.: *Hades*, o submundo da mitologia grega.

^o *Ligar* e *desligar* significava respetivamente, na linguagem rabínica, *permitir* e *proibir* em relação à interpretação e aplicação da Lei, nos campos doutrinário e disciplinar. Este poder é transmitido por Jesus a Pedro (e aos outros discípulos em 18,18) no que toca à interpretação e ensino do evangelho e à disciplina da vida comunitária (cf. 18,1-35).

^p Lit.: *ser ressuscitado*. Trata-se de um passivo teológico (forma passiva em grego em que o agente não está expresso, e que pelo contexto subentende uma ação de Deus).

^q Em grego, o mesmo verbo utilizado por Jesus para mandar calar os demónios e as forças do Mal.

com os seus anjos, e então *retribuirá a cada um segundo as suas ações*.²⁸ Em verdade^b vos digo: alguns dos que estão aqui presentes não provarão a morte, sem que vejam chegar o Filho do Homem no seu reino.

17 *Transfiguração de Jesus* (Mc 9,2-10; Lc 9,28-36) – ¹Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e o seu irmão João, e fê-los subir, só a eles, a um alto monte^c. ²Transfigurou-se^d, então, diante deles: o seu rosto ficou brilhante como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. ³Nisto^e apareceram-lhes Moisés e Elias, que conversavam com Ele. ⁴Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: «Senhor, que bom é estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias». ⁵Ainda ele falava, quando^f uma nuvem^g luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz, vinda da nuvem, disse^h: «Este é o meu Filho amado, no qual me comprazo: escutai-o!».

⁶Ao ouvir isto, os discípulos caíram de rosto por terra e ficaram cheios de medo. ⁷Mas Jesus aproximou-se e, tocando-lhes, disse: «Levantai-vos e não tendes medo!». ⁸Ao erguerem os olhosⁱ, não viram mais ninguém, a não ser Jesus sozinho. ⁹E, ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes: «Não faleis a ninguém desta visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos».

O regresso de Elias (Mc 9,11-13) – ¹⁰Os discípulos perguntaram-lhe^k: «Porque dizem os doutores da lei que é necessário que Elias venha primeiro?».¹¹ Ele respondeu: «Elias, de facto, vem para restaurar todas as coisas. ¹²Digo-vos, porém, que Elias já veio e não o reconheceram; pelo contrário, fizeram com ele tudo o que quiseram. Assim também o Filho do Homem está prestes a sofrer às suas mãos». ¹³Então os discípulos entenderam que se estava a referir^m a João Batista.

^a Sl 62,13.

^b Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^c Depois de anunciar pela primeira vez o seu fim em Jerusalém, Jesus antecipa aos discípulos a ressurreição, pois a morte não é a última palavra. Esta antecipação dá-se num monte, o lugar onde o novo Moisés – tal como Jesus é entendido por Mt, à luz de Dt 18,15 – recebe de Deus a revelação definitiva que consuma a do AT. É neste sentido que é apresentado a conversar com Moisés (que representa a Lei) e Elias (representante dos Profetas).

^d A forma verbal grega, aqui traduzida com sentido reflexo, pode também ser interpretada como um passivo teológico (*foi transfigurado* por Deus; cf. 16,6 nota).

^e Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^f Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^g A nuvem é sinal de teofania: no Sinai (cf. Ex 19,16-18; 1Rs 8,10), na *tenda da reunião* (cf. Ex 27,21; 40,34s; Nm 1,1), no templo (1Rs 8,10-12).

^h Lit.: *e eis uma voz da nuvem dizendo*.

ⁱ Lit.: *ao erguerem os olhos deles*.

^j O grego acrescenta *dizendo*.

^k O grego acrescenta *dizendo*.

^l Lit.: *Ele, porém, respondendo disse*.

^m Lit.: *disse acerca de*.

Cura de um jovem endemoniado (Mc 9,14-29; Lc 9,37-42) – ¹⁴ Quando regressaram para junto da multidão, veio ter com Ele um homem que caiu de joelhos diante dele, ¹⁵ dizendo: «Senhor, tem misericórdia do meu filho, porque é dementeⁿ e sofre de uma forma terrível, pois cai com frequência no fogo e muitas vezes na água. ¹⁶ Trouxe-o aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo». ¹⁷ Jesus respondeu: «Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos hei de suportar? Trazei-mo aqui». ¹⁸ Jesus repreendeu-o severamente e o demônio saiu dele. O menino ficou curado a partir daquela hora. ¹⁹ Os discípulos aproximaram-se, então, de Jesus e disseram-lhe em particular: «Por que razão não conseguimos nós expulsá-lo?». ²⁰ Ele respondeu-lhes: «Por causa da vossa pouca fé. Em verdade^p vos digo: se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda^q, direis a este monte: “Vai daqui para ali”, e ele irá. Nada vos será impossível». ^{(21)^r}

Segundo anúncio da paixão e ressurreição (Mc 9,30-32; Lc 9,43b-45) – ²² Enquanto percorriam juntos a a Galileia, Jesus disse-lhes: «O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens; ²³ vão matá-lo, mas ao terceiro dia ressuscitará». E eles ficaram profundamente entristecidos.

O imposto do templo – ²⁴ Quando eles chegaram a Cafarnaum, os que recebiam os impostos^s do templo foram ter com Pedro e perguntaram-lhe: «O vosso Mestre não paga o imposto do templo?». ²⁵ Ele respondeu: «Paga^t, sim». Quando ele chegou a casa, Jesus antecipou-se-lhe, dizendo: «Que te parece, Simão? De quem é que os reis da terra recebem tributos ou impostos? Dos seus filhos ou dos outros^u?». ²⁶ Ele respondeu: «Dos outros». Jesus, então, disse-lhe: «Portanto, os filhos estão isentos. ²⁷ Mas, para que não sejamos para eles motivo de escândalo, vai ao mar, lança o anzol e apanha o primeiro peixe que vier; ao abrir-lhe a boca, encontrarás uma moeda^v. Pega nela e paga-lhes por mim e por ti».

ⁿ Lit.: *lunático*. Denominação que era dada aos epiléticos, por se pensar que a doença era influenciada pela lua.

^o Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

^p Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^q Lit.: *como um grão de mostarda*.

^r Este v. está ausente nos principais mss.; alguns leem: *este género não se vai embora senão pela oração e pelo jejum*, uma clara influência de Mc 9,29.

^s Lit.: *as didracmas* (unidade monetária do mundo antigo). Estas duas dracmas (c. meio ciclo, c. 6 a 7 gramas de prata) constituíam um imposto ou contributo para o culto do templo. Deveriam ser pagas por todos os judeus a partir dos vinte anos, habitassem ou não a terra de Canaã. Assim se compreende a presença de cambistas e de mercadores no templo (cf. 21,12; Jo 2,15).

^t *Paga* é acrescento da tradução.

^u Lit.: *estranhos* (*assim como no início do v. seguinte*).

^v Lit.: *estáter*, moeda grega usada em diversas regiões da Grécia, ou o seu equivalente na moeda local.

O DISCURSO ECLESIAL (18,1-35)

18 ¹Discussão entre os discípulos: quem é o maior? (Mc 9,33b-37; Lc 9,46-48) – Naquela hora, os discípulos aproximaram-se de Jesus e disseram: «Quem é o maior no reino dos céus?»^a. ²Chamando a si uma criança, Ele colocou-a no meio deles ³e disse: «Em verdade^b vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, jamais entrareis no reino dos céus. ⁴Por isso, aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. ⁵E quem acolher uma criança como esta em meu nome é a mim que acolhe».

A gravidade dos escândalos (Mc 9,42-47; Lc 17,1s) – ⁶«Mas aquele que for motivo de escândalo para um destes pequeninos que acreditam em mim, seria preferível para ele que lhe prendessem uma mó de moinho^c à volta do pescoço e fosse atirado para o fundo do mar. ⁷Ai do mundo por causa dos escândalos! De facto, é inevitável que surjam escândalos, mas ai daquele que os provoca^d!

⁸Se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de pecado^e, corta-os e lança-os para longe de ti; é melhor para ti entrares na vida estropiado ou coxo do que teres as duas mãos e os dois pés e seres lançado no fogo. ⁹E se o teu olho é para ti ocasião de pecado, tira-o e lança-o para longe de ti; é melhor para ti entrares na vida com um só olho do que teres os dois olhos e seres lançado na Geena do fogo.

¹⁰Vede bem: não desprezeis nenhum destes pequeninos, pois digo-vos que os seus anjos, nos céus, veem continuamente o rosto do meu Pai que está nos céus». ^[11]^f

Parábola da ovelha perdida (Lc 15,4-7) – ¹²«Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, não deixará as noventa e nove nos montes para ir à procura da que se tresmalhou? ¹³E se chegar a encontrá-la, em verdade^g vos digo: alegra-se mais por ela do que pelas noventa e nove que não se tresmalharam. ¹⁴Do mesmo modo, não é da vontade do vosso Pai que está nos céus que se perca nem um destes pequeninos».

O perdão na comunidade – ¹⁵«Se o teu irmão pecar contra ti, vai ter com ele e repreende-o a só^h. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. ¹⁶Mas se não te ouvir,

^a Neste quarto grande discurso, Jesus apresenta alguns ensinamentos sobre a própria comunidade eclesial no seu todo, sobre aqueles que não fazem parte dela, sobre os membros da comunidade e sobre os seus líderes.

^b Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^c Lit.: *uma mó de jumento*.

^d Lit.: *mas ai do homem por meio do qual o escândalo vem*.

^e Lit.: *escandaliza-te* (o mesmo no v.9; cf. 5,29 nota).

^f *Pois o Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido*: este v. não aparece nos principais mss.; parece provir de Lc 19,10.

^g Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^h Lit.: *repreende-o entre ti e ele só*.

toma contigo uma ou duas pessoas, para que *toda a questão seja confirmada pela boca de duas ou três testemunhas*.¹⁷ Se, porém, não as quiser escutar, di-lo à Igreja. Mas, se também não escutar a Igreja, considera-o um pagão ou um publicano.¹⁸ Em verdade^j vos digo: tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu, e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu.^k ¹⁹Em verdade vos digo ainda: se dois de vós, na terra, se puserem de acordo para pedir alguma coisa, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus.²⁰ Pois onde dois ou três estão reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles».

Parábola sobre o perdão sem limites – ²¹Pedro aproximou-se, então, e perguntou-lhe: «Se o meu irmão pecar contra mim, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» ²²Jesus respondeu-lhe: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.²³ Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei^l que quis acertar contas com os seus servos.²⁴ Quando as começou a acertar, trouxeram-lhe um homem^m que lhe devia dez mil talentos.ⁿ ²⁵Como ele não tinha com que pagar, o senhor ordenou que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto tinha, para assim pagar a dívida.^o ²⁶Então o servo caiu a seus pés e prostrado diante dele, disse: “Tem paciência comigo, e tudo te pagarei”. ²⁷Profundamente compadecido, o senhor daquele servo deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida.²⁸ Mas, ao sair, aquele servo encontrou um outro servo, seu companheiro, que lhe devia cem denários. Agarrou-o pelo pescoço^q e começou a sufocá-lo, dizendo: “Paga o que deves”. ²⁹O companheiro, caindo a seus pés^r, suplicava-lhe, dizendo: “Tem paciência comigo, e pagar-te-ei”. ³⁰Mas ele não quis ouvi-lo^s; pelo contrário, foi lançá-lo na prisão, até que pagasse o que devia.

³¹Ao verem isto, os outros servos, seus companheiros, ficaram profundamente entristecidos e foram contar ao seu senhor tudo o que tinha acontecido. ³²Então o senhor mandou chamá-lo e disse-lhe: “Servo mau, perdoei-te toda aquela dívida, porque assim me suplicaste. ³³Não devias^t também tu ter misericórdia do outro

ⁱ Dt 19,15.

^j Lit.: *amén*, assim como no v.19 (cf. 5,18 nota).

^k A imagem sobre o poder de *ligar* e *desligar* apareceu em 16,19 aplicada apenas ao apóstolo Pedro.

^l Lit.: *homem rei*.

^m *Homem* é acrescento da tradução.

ⁿ Um denário correspondia ao salário de um dia de trabalho, ou o equivalente a c. 6 gramas de prata no sistema grego. Um talento (ou *kikkar*) corresponderia a c. 6000 denários. Trata-se, pois, de um valor exorbitante.

^o *A dívida* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *caindo, então, o servo prostrou-se-lhe, dizendo*.

^q *Pelo pescoço* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *a seus pés* é acrescento da tradução.

^s *Ouvi-lo* é acrescento da tradução.

^t O grego emprega aqui uma forma verbal (*def*, é necessário) utilizada noutros contextos para referir uma necessidade teológica (cf. por ex. 16,21), o que enquadra a afirmação aqui feita no contexto da vontade de Deus.

servo, teu companheiro, como eu tive misericórdia de ti?».³⁴ E, irado, o senhor entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que devia.³⁵ Assim também procederá convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão».

SUBIDA E MINISTÉRIO EM JERUSALÉM (19,1-25,46)

A caminho de Jerusalém (19,1-20,34)

19 **Ida para a Judeia** (Mc 10,1; Lc 9,51) – ¹Quando^a Jesus acabou de dizer estas palavras^b, partiu da Galileia e foi para a região da Judeia, na outra margem do Jordão. ²Seguiram-no numerosas multidões e ali curou os seus doentes^c.

Matrimónio, divórcio e celibato (Mc 10,2-12; Lc 16,18) – ³Vieram ter com Ele uns fariseus para o porem à prova, e disseram: «É permitido a um homem repudiar a sua esposa por qualquer motivo?». ⁴Ele respondeu^d: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, *os fez homem e mulher*?^e ⁵E disse: *Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unir-se-á à sua esposa, e serão os dois uma só carne*,⁶ de modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, não separe o homem». ⁷Eles retorquiram: «Então porque ordenou Moisés *dar-lhe uma declaração de divórcio e repudiá-la*?»^f. ⁸Ele respondeu-lhes: «Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar as vossas esposas, mas não foi assim desde o princípio. ⁹E Eu digo-vos: aquele que – a não ser em caso de promiscuidade – repudiar a sua esposa e casar com outra, comete adultério»^g.

¹⁰Disseram-lhe os seus discípulos: «Se é assim a condição do homem em relação à mulher^h, não é conveniente casar-se». ¹¹Ele respondeu-lhes: «Nem todos aceitam esta palavra, mas apenas aqueles a quem foi concedido. ¹²Pois há eunucos que nas-

^a Lit.: *E aconteceu que, quando...*

^b Fórmula que indica o início de uma nova secção (cf. 7,28; 11,1; 13,53; 26,1). De facto, com ela tem início o quinto bloco do núcleo central do evangelho (5,1-25,46), constituído pela narração da subida e do ministério em Jerusalém (19-23) e pelo discurso escatológico (24-25).

^c Lit.: *e ali os curou*.

^d Lit.: *Ele, porém, respondendo disse*.

^e Lit.: *macho e fêmea*.

^f Dt 24,1.

^g Mt apresenta o mesmo princípio de 1Cor 7,14s (o chamado privilégio paulino) e aqui repete os ensinamentos de Jesus, que coloca a esposa numa situação paritária face ao esposo, o que é uma enorme novidade para o judaísmo palestinese do primeiro séc.. As exigências, os direitos e os deveres matrimoniais são os mesmos para eles e para elas. Além disso, mesmo sendo objetivamente contra o divórcio, Jesus assume uma postura pastoral, pois concede que existem situações e exceções em que não se trata de adultério.

^h Lit.: *se assim é a causa do homem com a mulher*.

ceram assim do ventre da sua mãe, outrosⁱ que foram feitos eunucos pelos homens, e outros que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda».

Jesus e as crianças (Mc 10,13-16; Lc 18,15-17) – ¹³Trouxeram-lhe, então, algumas crianças para que Ele lhes impusesse as mãos e rezasse por elas, mas os discípulos repreenderam-nas severamente. ¹⁴Jesus, porém, disse: «Deixai-as; não impeçais as crianças de vir a mim; pois o reino dos céus é dos que são como elas». ¹⁵E, depois de lhes impor as mãos, partiu dali.

O jovem rico (Mc 10,17-22; Lc 18,18-23) – ¹⁶Aproximou-se^j dele um jovem que lhe perguntou: «Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?». ¹⁷Ele respondeu-lhe: «Porque me perguntas sobre o que é bom? Bom é um só. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos». ¹⁸Ele perguntou: «Quais?». Jesus respondeu: «*Não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho;* ¹⁹*honra o pai e a mãe; e amarás o teu próximo como a ti mesmo*»^k. ²⁰Disse-lhe o jovem: «Tudo isso tenho observado. Que me falta ainda?». ²¹Jesus respondeu-lhe: «Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. Então vem e segue-me». ²²Quando ouviu estas palavras, o jovem foi-se embora triste, porque tinha muitos bens.

Os ricos e o reino de Deus (Mc 10,23-27; Lc 18,24-27) – ²³Jesus disse, então, aos seus discípulos: «Em verdade^l vos digo: dificilmente um rico entrará no reino dos céus. ²⁴Digo-vos ainda: é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus». ²⁵Ao ouvir isto, os discípulos ficaram ainda mais perplexos e disseram: «Quem pode, então, ser salvo?». ²⁶Fixando neles^m o olhar, Jesus respondeu-lhes: «Aos homens isso é impossível, mas a Deus tudo é possível».

Recompensa pelo desprendimento (Mc 10,28-31; Lc 18,28-30) – ²⁷Pedro tomou, então, a palavra e disse-lhe: «Olha que nós deixámos tudo para te seguir! Que recompensa teremos?». ²⁸Respondeu-lhes Jesus: «Em verdadeⁿ vos digo: no dia da regeneração de todas as coisas^o, quando o Filho do Homem se sentar no trono da sua glória, vós, que me seguistes, sentar-vos-eis também em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. ²⁹E todo aquele que tenha deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e, como

ⁱ Lit.: *há eunucos*, tal como na frase seguinte.

^j O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^k Ex 20,12-16; Dt 5,16-20. Mt não cita os mandamentos na ordem em que surgem no Sinai.

^l Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^m *Neles* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^o Lit.: *na regeneração*.

herança, a vida eterna. ³⁰Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos serão primeiros».

20 **A parábola dos trabalhadores da vinha** – ¹«O reino dos céus é semelhante a um proprietário^a que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. ²Depois de acordar com os trabalhadores um denário por dia, enviou-os para a sua vinha. ³Ao sair por volta das nove horas^b, viu outros que estavam parados na praça pública sem fazer nada ⁴e disse-lhes: “Ide também vós para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo”. ⁵E eles foram. Voltou a sair por volta do meio-dia e pelas três horas da tarde^c, e fez o mesmo. ⁶Saindo por volta das cinco da tarde^d, encontrou ainda outros que estavam parados e disse-lhes: “Porque estais aqui parados o dia inteiro sem fazer nada?”. ⁷Eles responderam-lhe: “Porque ninguém nos contratou”. Ele disse-lhes: “Ide também vós para a vinha”.

⁸Ao cair da tarde, o senhor da vinha disse ao seu capataz: “Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, a começar pelos últimos e a acabar nos primeiros”. ⁹Vieram os da cinco horas da tarde e receberam um denário cada um. ¹⁰Quando vieram os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam também eles um denário cada um. ¹¹Quando o receberam, puseram-se a murmurar contra o proprietário, ¹²dizendo: “Estes últimos trabalharam apenas uma hora, e trataste-os como a nós^e, que suportámos o peso do dia e o calor ardente”. ¹³Mas ele respondeu a um deles: “Amigo, não estou a ser injusto contigo. Não foi um denário que acordaste comigo? ¹⁴Leva o que é teu e vai-te embora. Quero dar a este último o mesmo que a ti. ¹⁵Não me será permitido fazer o que quero com aquilo que é meu? Ou estás com inveja^f por eu ser bom?”. ¹⁶Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos».

Terceiro anúncio da paixão e ressurreição (Mc 10,32-34; Lc 18,31-33) – ¹⁷Enquanto subia para Jerusalém, Jesus tomou consigo, a sós, os doze discípulos e, no caminho, disse-lhes: ¹⁸«Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da lei. Hão de condená-lo à morte ¹⁹e entregá-lo aos pagãos para o escarnecerem, chicotearem e crucificarem; mas ao terceiro dia ressuscitará».

Pedido da mãe dos filhos de Zebedeu (Mc 10,35-40) – ²⁰A mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se dele com os seus filhos e prostrou-se para lhe fazer um pedido. ²¹Ele

^a Lit.: *senhor da casa* (assim como no v.11).

^b Lit.: *hora terceira*.

^c Lit.: *por volta da sexta e da nona hora*.

^d Lit.: *por volta da décima primeira* (o mesmo no v.9).

^e Lit.: *fizeram uma hora e fizeste-os iguais a nós*.

^f Lit.: *ele, porém, respondendo a um deles disse*.

^g Lit.: *ou o teu olho é mau*.

perguntou-lhe: «Que queres?». Ela disse-lhe: «Ordena^h que, no teu reino, estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e outro à tua esquerda». ²²Jesus respondeu: «Não sabeis o que estais a pedir! Podeis beber o cálice que Eu estou prestes a beber?». Eles disseram-lhe: «Podemos». ²³Ele respondeu-lhes: «Ireis, de facto, beber o meu cáliceⁱ, mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me cabe a mim concedê-lo; é para aqueles para quem foi reservado^k por meu Pai». ²⁴Ao ouvir isto, os outros^l dez indignaram-se com os dois irmãos.

Os chefes devem servir (Mc 10,41-45; Lc 22,24-27) – ²⁵Mas Jesus chamou-os a si e disse: «Sabeis que os chefes das nações têm domínio sobre elas e os grandes exercem sobre elas o seu poder. ²⁶Não será assim entre vós. Pelo contrário, aquele que quiser entre vós tornar-se grande será vosso servidor, ²⁷e aquele que quiser entre vós ser o primeiro será vosso servo. ²⁸Será como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos».

Cura dos cegos de Jericó (Mc 10,46-52; Lc 18,35-43) – ²⁹Quando eles saíram de Jericó, seguiu-o uma numerosa multidão. ³⁰E eis que dois cegos, que estavam sentados sentados à beira do caminho, ao ouvir dizer que Jesus estava a passar por perto, começaram a gritar, dizendo: «Tem misericórdia de nós, Senhor, Filho de David!». ³¹A multidão repreendeu-os severamente para que se calassem, mas eles gritaram ainda mais, dizendo: «Tem misericórdia de nós, Senhor, Filho de David!». ³²Jesus parou, chamou-os e disse: «Que quereis que vos faça?». ³³Eles responderam-lhe: «Senhor, que os nossos olhos se abram!». ³⁴Profundamente compadecido, Jesus tocou-lhes nos olhos, e imediatamente voltaram a ver e começaram a segui-lo.

Ministério em Jerusalém (21,1-23,39)

21 **Entrada messiânica em Jerusalém** (Mc 11,1-10; Lc 19,29-38; Jo 12,12-19) – ¹Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé^m, no Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo-lhes: «Ide à povoação que está na vossa frente, e encontrareis imediatamente uma jumenta presa e, com ela, um jumentinho. Soltai-os e trazei-mos. ³E se alguém vos disser alguma coisa, respondereis: “O Senhor

^h Lit.: *diz*.

ⁱ Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

^j Jesus profetiza aqui o martírio de Tiago em Jerusalém por volta do ano 44 (cf. At 12,2).

^k Lit.: *preparado*.

^l *Outros* é acrescento da tradução.

^m Betfagé (*Casa dos figos*), povoação situada na vertente oriental do Monte das Oliveiras, hoje Kefret-Tûr, está distante de Jerusalém *um dia de sábado*, i.e., c. 2000 côvados, a distância máxima permitida a um judeu percorrer ao sábado.

tem necessidade deles”. E ele imediatamente os deixará vir». ⁴Isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta:

⁵*Dizei à filha de Sião:*

*“Eis que o teu rei vem ao teu encontro,
manso e montado numa jumenta
e num jumentinho, filho de uma jumenta^b”.*

⁶Os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes ordenara. ⁷Trouxeram a jumenta e o jumentinho, puseram sobre eles as suas capas, e Jesus sentou-se sobre elas. ⁸A numerosa multidão estendia as suas capas pelo caminho, e outros cortavam ramos das árvores e estendiam-nos pelo caminho. ⁹E tanto a multidão que ia à sua frente como a que o seguia gritavam, dizendo: «*Hossana^c ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!*»^d.

¹⁰Quando Ele entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou em alvoroço e perguntava: «Quem é Este?». ¹¹E a multidão respondia: «Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia».

Expulsão dos vendedores do templo (Mc 11,15-19; Lc 19,45-48; Jo 2,13-16) – ¹²Jesus entrou no templo e começou a expulsar todos os que no templo vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos que vendiam pombas^e. ¹³E disse-lhes: «Está escrito: *A minha casa será chamada casa de oração*, mas vós fazeis dela um *antro de salteadores*»^f.

¹⁴Foram, então, ter com Ele, ao templo, alguns cegos e coxos, e Ele curou-os. ¹⁵Ao verem as maravilhas que Jesus fazia e as crianças que gritavam no templo, dizendo: «Hossana ao Filho de David!», os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei indignaram-se ¹⁶e disseram-lhe: «Ouves o que eles dizem?». Jesus respondeu-lhes: «Sim. Nunca lestes: *Da boca dos pequeninos e dos meninos de peito fizeste sair o louvor?*»^g. ¹⁷E, deixando-os, saiu^h da cidade para Betâniaⁱ e aí passou a noite.

A figueira seca e o poder da oração (Mc 11,12-14.20-25) – ¹⁸De manhã cedo, enquanto regressava à cidade, sentiu fome. ¹⁹Ao ver uma figueira^j perto do caminho, foi até junto dela, mas nada encontrou nela senão folhas. Então disse-lhe: «Que nunca

^a O grego acrescenta *que diz*.

^b Is 62,11; Zc 9,9. Lit.: [*de um animal*] *sujeito a jugo*.

^c Lit. significa *salva-nos*; cf. 2Rs 19,19; Sl 118,25s. Sobre a expressão hebraica, cf. Mc 11,9 nota.

^d Sl 118,25s.

^e Pombas para os sacrifícios no templo.

^f Is 56,7 e Jr 7,11.

^g Sl 8,3.

^h Lit.: *saiu fora*.

ⁱ Povoação na encosta oriental do Monte das Oliveiras que fica no caminho de Jericó para Jerusalém (cf. 26,6).

^j A figueira é figura de Israel que, tal como esta, secou às portas de sexta-feira santa.

mais nasça de ti fruto algum^k!». E subitamente a figueira secou. ²⁰Ao verem isto, os discípulos admiraram-se, dizendo: «Como é que a figueira secou tão subitamente?». ²¹Jesus respondeu^l: «Em verdade^m vos digo: se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que eu fiz à figueiraⁿ, como direis a este monte: “Levanta-te e lança-te ao mar”, e assim acontecerá. ²²Tudo quanto na oração pedirdes com fé^o, haveis de recebê-lo».

Controvérsia sobre a autoridade de Jesus (Mc 11,27-33; Lc 20,1-8) – ²³Jesus^p foi ao templo e, enquanto ensinava, foram ter com Ele os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo, que lhe disseram: «Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu tal autoridade?». ²⁴Jesus respondeu-lhes^q: «Vou fazer-vos também Eu uma pergunta. Se ma disserdes, também Eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. ²⁵O batismo de João, de onde era? Do céu ou dos homens?». Eles começaram a discutir entre si, dizendo: «Se dissermos: “do céu”, Ele dir-nos-á: “Então por que razão não acreditastes nele?”; ²⁶se dissermos: “dos homens”, temos medo da multidão, pois todos consideram João um profeta». ²⁷E responderam a Jesus^r: «Não sabemos». E Ele, por sua vez, disse-lhes: «Nem Eu vos digo com que autoridade faço estas coisas».

Parábola dos dois filhos – ²⁸«Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: “Filho, vai hoje trabalhar na vinha”. ²⁹Mas ele respondeu: “Não quero”. Depois, porém, arrependeu-se e foi. ³⁰O homem^t foi ter com o outro e disse-lhe o mesmo. Ele respondeu^u: “Eu vou, senhor”. Mas não foi. ³¹Qual dos dois fez a vontade do pai?». Eles responderam: «O primeiro». Disse-lhes Jesus: «Em verdade^v vos digo: os publicanos e as prostitutas irão à vossa frente para o reino de Deus, ³²pois João veio ter convosco no caminho da justiça, e não acreditastes nele; mas os publicanos e as prostitutas acreditaram. E vós, que vistes isto, nem mesmo assim vos arrependestes, acreditando nele».

Parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12,1-12; Lc 20,9-19) – ³³«Ouvi outra parábola. Havia um proprietário^w que *plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela*

^k Lit.: *nunca de ti surja fruto até ao século.*

^l Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse-lhes.*

^m Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

ⁿ Lit.: *isto da figueira.*

^o Lit.: *acreditando.*

^p Lit.: *Ele.*

^q Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse-lhes.*

^r Lit.: *e respondendo a Jesus disseram.*

^s Lit.: *Ele, porém, respondendo disse.*

^t *O homem* é acrescento da tradução.

^u Lit.: *Ele, porém, respondendo disse.*

^v Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^w Lit.: *havia um homem, senhor da casa.*

um lagar, edificou uma torre^a. Depois arrendou-a a uns agricultores e partiu de viagem. ³⁴Quando se aproximou o tempo da colheita^b, enviou os seus servos aos agricultores para receber os seus frutos. ³⁵Mas os agricultores agarraram nos servos, espancaram um, mataram outro e a outro apedrejaram. ³⁶Enviou de novo outros servos, em maior número do que os primeiros. E eles fizeram-lhes o mesmo. ³⁷Por fim, enviou-lhes o seu filho, dizendo: “Hão de respeitar o meu filho”. ³⁸Mas, ao verem o filho, os agricultores disseram entre si: “Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e fiquemos com a sua herança”. ³⁹E, apoderando-se dele, lançaram-no para fora da vinha e mataram-no. ⁴⁰Ora, quando vier o senhor da vinha, que fará àqueles agricultores?». ⁴¹Eles responderam-lhe: «Destruirá de forma atroz esses malvados^c e arrendará a vinha a outros agricultores que lhe entreguem os frutos no tempo oportuno». ⁴²Disse-lhes Jesus: «Nunca lestes nas Escrituras:

*A pedra que rejeitaram os construtores
tornou-se pedra angular;
ela veio do Senhor
e é admirável aos nossos olhos*^d?

⁴³Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos. ⁴⁴Quem cair sobre esta pedra ficará despedaçado, e ela esmagará aquele sobre o qual cair»^e.

⁴⁵Ao ouvirem as suas parábolas, os chefes dos sacerdotes e os fariseus perceberam que falava deles ⁴⁶e procuravam prendê-lo, mas tiveram medo das multidões, que o consideravam profeta^f.

22 Parábola do banquete da boda (Lc 14,15-24) – ¹Tomando a palavra, Jesus falou-lhes de novo em parábolas, dizendo: ²«O reino dos céus é semelhante a um rei, que preparou as bodas para o seu filho. ³Enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, mas estes não quiseram vir. ⁴Enviou de novo outros servos, dizendo: “Dizei aos convidados: ‘Eis que preparei o meu banquete, os meus bois e as reses gordas foram abatidas; tudo está preparado. Vinde às bodas!’”. ⁵Mas os convidados^g não fizeram caso: um foi para o seu campo, outro para o seu negócio, ⁶e os restantes agarraram nos servos^h, insultaram-nos e mataram-nos.

^a Cf. cântico da vinha de Is 5,1-7, usado aqui como parábola da história da salvação.

^b Lit.: *dos frutos*.

^c Lit.: *aos maus de forma má os destruirá*.

^d Sl 118,22s, frequentemente aplicado no NT à morte e ressurreição de Jesus.

^e Este v., ausente de vários mss., inspira-se em Dn 2,34.44b e alude possivelmente à destruição de Jerusalém em 70 d.C..

^f A doutrinação em parábolas (a dos dois filhos em 21,28-32, a dos vinhateiros em 21,33-46, e a do banquete da boda em 22,1-14) visa o Israel infiel do tempo de Jesus. A prova de que os responsáveis entenderam que as parábolas lhes eram destinadas está no facto de quererem condenar Jesus à morte.

^g Lit.: *eles*.

^h Lit.: *nos servos dele*.

⁷O rei ficou irado: enviou os seus exércitos, destruiu aqueles assassinos e queimou a sua cidade. ⁸Disse, então, aos seus servos: “A boda está preparada, mas os convidados não eram dignos. ⁹Ide, pois, às encruzilhadas dos caminhos e chamai para as bodas aqueles que encontrardes”. ¹⁰E, saindo pelos caminhos, os servos reuniram todos os que encontraram, maus e bons, e a sala do banquete ficou cheia de convivas. ¹¹Mas, quando o rei entrou para observar os convivas, viu ali um homem que não estava vestido com o traje nupcial. ¹²E disse-lhe: “Amigo, como entraste aqui sem teres o traje nupcial?”. Mas ele ficou calado. ¹³O rei disse, então, aos serventes: “Atai-lhe os pés e as mãos e lançai-o para as trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes”. ¹⁴Pois muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos».

O imposto a César (Mc 12,13-17; Lc 20,20-26) – ¹⁵Os fariseus foram, então, reunir-se em conselho para ver como haveriam de apanhar Jesus em falso nas suas afirmações.ⁱ ¹⁶E enviaram-lhe os seus discípulos juntamente com os herodianos^j, que lhe disseram: «Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus com verdade, e que não tens preferência por ninguém, pois não olhas para as aparências^k. ¹⁷Diz-nos, pois, o que te parece: é lícito ou não pagar imposto a César?». ¹⁸Mas Jesus, percebendo a sua maldade, respondeu: «Porque me pondeis à prova, hipócritas? ¹⁹Mostrai-me a moeda do imposto». Eles apresentaram-lhe um denário. ²⁰Jesus^l perguntou-lhes: «De quem é esta imagem e a inscrição?». ²¹Eles responderam-lhe: «De César». Então Ele disse-lhes: «Devolvei, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus». ²²Ao ouvirem isto, ficaram admirados e, deixando-o, foram-se embora.

Os saduceus e a ressurreição (Mc 12,18-27; Lc 20,27-38) – ²³Naquele dia, foram ter com Ele uns saduceus – que dizem não haver ressurreição – e perguntaram-lhe^m: ²⁴«Mestre, Moisés disse: *Se um homem morrer sem ter filhos, o seu irmão desposará a viúva para dar descendência ao irmão*ⁿ. ²⁵Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou e morreu e, por não ter descendência, deixou a sua esposa ao irmão. ²⁶E o mesmo aconteceu ao segundo, ao terceiro, e assim até ao sétimo. ²⁷Por fim, depois de todos eles, morreu a mulher. ²⁸Na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? É que todos a tiveram por mulher^o». ²⁹Jesus respondeu-lhes^p: «Andais enganados, por não conhecerdes as Escrituras nem o poder de Deus. ³⁰Pois na ressurreição nem eles

ⁱ Lit.: *como o apanhariam em palavra*.

^j Ou seja, os partidários de Herodes que, ao contrário dos fariseus, aceitavam o domínio romano.

^k Lit.: *e não te importas acerca de ninguém, pois não olhas para o rosto de homens*.

^l Jesus é acrescento da tradução.

^m O grego acrescenta *dizendo* no início do v. seguinte.

ⁿ Lit.: *desposa a mulher e levanta semente*. Dt 25,5s; Gn 38,8. A prática do levirato foi instituída para permitir que a família tivesse descendência, quando a mulher ficava viúva e sem filhos. O cunhado (*levir*) desposava a cunhada viúva e dava continuidade à descendência.

^o *Como mulher* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

se casam, nem elas são dadas em casamento; pelo contrário, são como anjos no céu. ³¹E, quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que vos foi dito por Deus^a: ³²*Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob*^b? Ele não é Deus de mortos, mas de vivos». ³³Ao ouvirem isto, as multidões ficaram impressionadas com o seu ensinamento.

O primeiro mandamento (Mc 12,28-31; Lc 10,25-28) – ³⁴Quando os fariseus ouviram dizer que Ele tinha feito calar os saduceus, reuniram-se em grupo^c, ³⁵e um deles, que era doutor da lei, perguntou a Jesus^d para o pôr à prova: ³⁶«Mestre, qual é o maior^e mandamento da Lei?». ³⁷Ele respondeu-lhe: «*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento*». ³⁸Este é o maior e o primeiro mandamento. ³⁹O segundo, porém, é semelhante a este: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*^f. ⁴⁰Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas».

O Messias, Senhor de David (Mc 12,35-37; Lc 20,41-44) – ⁴¹Continuando os fariseus ali reunidos, Jesus perguntou-lhes^h: ⁴²«O que pensais vós acerca do Cristo? De quem é filho?». Eles responderam-lhe: «De David». ⁴³Disse-lhes Ele: «Então como é que David, sob a ação do Espíritoⁱ, lhe chama “Senhor”, ao afirmar:

⁴⁴*Disse o Senhor ao meu Senhor: “Senta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”?*

⁴⁵Portanto, se David lhe chama “Senhor”, como pode ser seu filho?». ⁴⁶E ninguém era capaz de lhe responder uma palavra. A partir daquele dia, ninguém mais ousava interrogá-lo.

23 Crítica aos doutores da lei e fariseus (Mc 12,38-40; Lc 11,39-52; 13,34s; 20,45-47) – ¹Jesus falou, então, às multidões e aos seus discípulos, ²dizendo: «Na cadeira de Moisés sentaram-se os doutores da lei e os fariseus. ³Por conseguinte, fazei e guardai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis as suas obras^k, pois eles dizem, mas não fazem. ⁴Atam fardos pesados, difíceis de suportar, e põem-nos aos ombros dos homens, mas eles nem sequer com o dedo os querem mover. ⁵Fazem todas as

^a O grego acrescenta *que diz*.

^b Ex 3,6.

^c A expressão grega aqui traduzida é de difícil interpretação (lit.: *sobre o mesmo*), que se poderá aplicar a um mesmo grupo (a tradução apresentada), a um mesmo lugar ou a uma intenção comum.

^d A Jesus é acrescento da tradução.

^e Lit.: *grande*, tal como no v.38.

^f Jesus cita aqui a parte inicial do *Shemá*' (Dt 6,4s), que ainda hoje é a principal oração dos judeus.

^g Lv 19,18.

^h O grego acrescenta *dizendo* no início do v. seguinte.

ⁱ Lit.: *em Espírito*, no sentido de *inspirado pelo Espírito Santo* (cf. Mc 12,36).

^j Sl 110,1.

^k Lit.: *não façais segundo as obras deles*.

suas obras para serem vistos pelos homens: alargam os seus filactérios e aumentam as franjas do manto;⁶ gostam dos primeiros lugares nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas,⁷ das saudações nas praças públicas e de serem chamados “rabi”^m pelos homens.⁸ Vós, porém, não deixeis que vos chamem “rabi”, pois um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos.⁹ E, na terra, não chameis a ninguém vosso pai, pois um só é o vosso Pai, Aquele que está nos céus”.¹⁰ Nem deixeis que vos chamem “guias”, porque o vosso guia é um só, o Cristo.¹¹ O maior entre vós será vosso servidor.¹² Quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado.¹³ Ai de vós^p, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens^q o reino dos céus: vós não entrais nem deixais entrar os que o querem fazer!^{(14)s}

¹⁵ Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque atravessais o mar e a terra para fazer um prosélito^t, mas, quando tal acontece, fazeis dele um filho da Geena duas vezes pior do que vós!

¹⁶ Ai de vós, guias cegos, que dizeis: “Se alguém jurar pelo templo, isso não tem importância”, mas, se alguém jurar pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o juramento”^u! ¹⁷ Insensatos e cegos! O que é mais importante: o ouro ou o templo que santifica o ouro? ¹⁸ Dizeis ainda: “Se alguém jurar pelo altar, isso não tem importância, mas, se alguém jurar pela oferenda que está sobre ele, fica obrigado a cumprir o juramento”. ¹⁹ Cegos! O que é mais importante: a oferta ou o altar que santifica a oferta? ²⁰ Assim, quem jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele; ²¹ e quem jura pelo templo, jura por ele e por quem nele habita; ²² e quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por Aquele que sobre ele está sentado.

¹ *Do manto* é acrescento da tradução. Os filactérios são pequenos estojos ou caixas que contêm palavras essenciais da Lei, colocados pelos judeus no braço esquerdo e sobre a fronte para os momentos de oração (cf. Ex 13,9; Dt 6,8s; 11,18-20), querendo com isto significar que estão sob a presença e orientação da palavra de Deus. Semelhante é a função das orlas ou franjas, colocadas nas quatro extremidades do manto (*tallit*) que o judeu piedoso coloca aos ombros para a oração (cf. Nm 15,37-41).

^m O título *rabi* significa *meu mestre* e representa, no judaísmo palestinese, aquele que é seguido por um grupo de discípulos e assim tratado. Em Mt é um título aplicado a Jesus (cf. 26,25), e que Ele reclama em exclusividade (v.8).

ⁿ Lit.: *o celeste*.

^o O grego emprega uma expressão derivada de um verbo que significa não só *guiar* ou *indicar o caminho*, como também *ensinar, ser o preceptor de*. Neste v. estão as duas únicas ocorrências deste termo no NT.

^p Começa aqui um conjunto de invetivas contra os fariseus com o estilo muito incisivo e condenatório dos «ais» usados pelos profetas em Israel.

^q Lit.: *diante dos homens*.

^r Lit.: *os que entram*.

^s Este v. está ausente nos principais mss.; alguns leem: *Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque devorais as casas das viúvas, usando longas orações como pretexto! Por causa disto, recebereis uma condenação mais severa* (Lc 20,47); provém provavelmente de Mc 12,40.

^t Ou seja, para converter alguém.

^u Lit.: *nada é* (assim como no v.18).

^v *A cumprir o juramento* é acrescento da tradução (assim como no v.18).

²³ Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque pagais o dízimo da hortelã^a, do endro e do cominho, e deixais de lado o mais importante da Lei: a justiça^b, a misericórdia e a fidelidade. Estas coisas é que é necessário praticar, embora sem deixar as outras! ²⁴ Guias cegos, que filtrais o mosquito, mas engolis o camelo!

²⁵ Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque purificais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e intemperança! ²⁶ Fariseu cego! Purifica primeiro o interior do copo, para que também o exterior fique purificado.

²⁷ Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes a túmulos caídos, que por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de tudo o que é impuro! ²⁸ Assim sois vós também: por fora pareceis justos aos olhos dos homens^c, mas por dentro estais repletos de hipocrisia e iniquidade.

²⁹ Ai de vós, doutores da lei e fariseus hipócritas, porque edificais os túmulos dos profetas e ornamentais os sepulcros dos justos, ³⁰ e dizeis: “Se tivéssemos vivido nos dias dos nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no derramamento do sangue dos profetas^d!” ³¹ Dais assim testemunho contra vós próprios, de que sois filhos daqueles que mataram os profetas. ³² Terminai vós o que os vossos pais iniciaram! ³³ Serpentes, geração de víboras! Como podereis fugir à condenação da Geena? ³⁴ É por isso que Eu^f vos envio profetas, sábios e doutores da lei. Haveis de matar e crucificar alguns deles, e a outros de chicotear nas vossas sinagogas e de perseguir de cidade em cidade, ³⁵ para que venha sobre vós todo o sangue dos justos^g derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar^h. ³⁶ Em verdadeⁱ vos digo: tudo isto recairá sobre esta geração.

³⁷ Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos, como uma galinha reúne os seus pintainhos debaixo das asas, e vós não quisestes! ³⁸ Pois bem^j, *a vossa casa vos é deixada deserta*^k. ³⁹ Com efeito, digo-vos que, a partir de agora, não voltareis a ver-me, até que digais: *Bendito o que vem em nome do Senhor!*»^l.

^a A Lei exigia que se consagrasse ao templo um décimo dos produtos especificados em Dt 14,23, como o vinho ou azeite. Aqui, criticam-se os fariseus por, num excesso de zelo religioso (interpretando literalmente Lv 27,30), consagrarem o dízimo até de produtos como a hortelã, o endro e o cominho.

^b *Justiça* traduz aqui *krisis*, que diz respeito ao exercício da justiça (*dikaioσύνη*), ou seja, ao julgamento. Por essa razão, a mesma palavra é traduzida no v.33 por *condenação*.

^c Lit.: *aos homens*.

^d Lit.: *cúmplices no sangue dos profetas*.

^e Lit.: *e vós completai a medida dos vossos pais*.

^f O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^g Lit.: *sangue justo*.

^h Ou seja, no espaço entre o altar e o Santo dos Santos.

ⁱ Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^j Lit.: *vê/eis* (*que*) (cf. 2,13 nota).

^k Jr 12,7; 22,5; Sl 69,26.

^l Sl 118,26.

DISCURSO ESCATOLÓGICO (24,1-25,46)

24 **Destruição do templo** (Mc 13,1s; Lc 21,5s) – ¹Quando Jesus saiu do templo e se afastava, os seus discípulos aproximaram-se dele e chamaram-lhe a atenção para os edifícios do templo^m. ²Mas Ele respondeu-lhesⁿ: «Vedes tudo isto? Em verdade^o vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra; tudo será destruído[!]!».

Sinais antecedentes do fim: falsos messias, guerras e perseguições (Mc 13,3-13; Lc 21,7-19) – ³Estando Ele sentado no Monte das Oliveiras, os discípulos aproximaram-se dele, e disseram-lhe em particular: «Diz-nos: quando acontecerá isso e qual o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?». ⁴Jesus respondeu-lhes[!]: «Tende cuidado para que ninguém vos engane! ⁵Pois muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e hão de enganar a muita gente. ⁶Haveis de ouvir falar de guerras e de rumores de guerras. Vede bem, não vos assusteis; é necessário que isto aconteça, mas ainda não é o fim. ⁷Pois há de levantar-se povo contra povo e reino contra reino; haverá fome e terremotos por todo o lado^r. ⁸Todas estas coisas serão o princípio das dores de parto. ⁹Hão de sujeitar-vos a tribulações^s e matar-vos; sereis odiados por todos os povos por causa do meu nome. ¹⁰Então muitos hão de sucumbir^t, atraíçoar-se^u e odiar-se uns aos outros. ¹¹Hão de surgir muitos falsos profetas e enganarão a muitos. ¹²E a iniquidade multiplicar-se-á de tal modo que o amor de muitos se esfriará. ¹³Mas o que perseverar até ao fim, esse será salvo. ¹⁴Este evangelho do reino será proclamado em todo o mundo habitado, para que seja dado testemunho^v a todos os povos. E então será o fim».

Sinais antecedentes do fim: destruição de Jerusalém (Mc 13,14-20; Lc 21,20-24) – ¹⁵«Quando virdes *a abominação da desolação*, de que falou o profeta Daniel^w, colocada *no lugar santo*^x – quem lê que compreenda! –, ¹⁶então os que estiverem na

^m Lit.: [para] *lhe mostrar os edifícios do templo*.

ⁿ Lit.: *Ele, porém, respondendo disse-lhes*.

^o Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^p Lit.: *que não venha a ser destruída*.

^q Lit.: *e respondendo Jesus disse-lhes*.

^r Estes são sinais tradicionais da apocalíptica judaica (cf. 2Cr 15,6; Is 19,2-6; *1Hen* 99,4). Lá como aqui, não estamos perante uma descrição histórica de acontecimentos nem do percurso até ao final dos tempos. O objetivo não é informar, mas fortalecer a fé e a esperança dos crentes, tantas vezes em situações difíceis.

^s Lit.: *entregar-vos-ão à tribulação*.

^t Lit.: *muitos se escandalizarão* (cf. 5,29 nota).

^u O grego acrescenta *uns aos outros*.

^v Lit.: *para testemunho*.

^w Lit.: *a dita por meio de Daniel, o profeta*.

^x Esta abominação é, no livro de Daniel (Dn 8,13; 9,27; 11,31; 12,11), a profanação do templo de Jerusalém por Antíoco IV Epifânio em 167 a.C. (cf. 1Mac 1,54), quando coloca lá uma estátua do

Judeia fujam para os montes, ¹⁷quem estiver no terraço não desça para apanhar nada da sua casa, ¹⁸e quem estiver no campo não volte atrás para apanhar a sua capa. ¹⁹Ai daquelas que tiverem um filho no ventre e das que andarem a amamentar naqueles dias!

²⁰Rezai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem ao sábado. ²¹É que haverá, então, *uma grande tribulação, como nunca aconteceu desde o princípio do mundo até agora*^a, nem jamais acontecerá. ²²E, se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém^b seria salvo. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados.

Sinais antecedentes do fim: os falsos messias (Mc 13,21-23) – ²³Então, se alguém vos disser: “Eis aqui o Cristo” ou “Ei-lo acolá”, não acrediteis, ²⁴pois hão de surgir falsos cristos e falsos profetas que oferecerão grandes sinais e prodígios, de modo a enganar, se possível, até os eleitos. ²⁵Eu já vo-lo tinha predito. ²⁶Assim, se vos disserem: “Ei-lo, está no deserto”, não saiais; ou se vos disserem^d: “Ei-lo no interior das casas”, não acrediteis. ²⁷Pois assim como o relâmpago surge do oriente e é visível até ao ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. ²⁸Onde estiver o cadáver, aí se reunirão os abutres».

Vinda gloriosa do Filho do Homem (Mc 13,24-27; Lc 21,25-28) – ²⁹«Imediatamente depois da tribulação daqueles dias, *o sol ficará escuro, a lua não dará o seu brilho, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados*^c. ³⁰Aparecerá, então, o sinal do Filho do Homem no céu, e nessa altura *baterão no peito todas as tribos da terra*, ao verem *o Filho do Homem a vir sobre as nuvens do céu* com poder e grande glória.^f ³¹Ele enviará os seus anjos com uma grande trombeta, e eles reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade à outra dos céus».

Parábola da figueira (Mc 13,28-32; Lc 21,29-33) – ³²«Aprendei com a parábola da figueira: quando os seus ramos ficam tenros e brotam as folhas, ficais a saber que o verão está próximo. ³³Assim também, quando verdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, mesmo à porta. ³⁴Em verdade^e vos digo: não passará esta geração, sem que todas estas coisas aconteçam. ³⁵O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.

deus dos céus – Zeus (deus equivalente na mitologia síria a *Baal Shamayim, senhor dos céus*). Poderá também evocar um gesto semelhante por parte do imperador Calígula (por volta do ano 40 d.C.).

^a Dn 12,1; Jl 2,2.

^b Lit.: *nenhuma carne*.

^c Lit.: *vêeis (que)* (cf. 2,13 nota).

^d *Ou se vos disserem* é acrescento da tradução.

^e Is 13,9s; 34,4.

^f Dn 7,13s; Zc 12,10.12.

^g Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

³⁶Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho; apenas o Pai».

Necessidade de estar vigilante (Mc 13,35; Lc 17,26-35) – ³⁷«Pois assim como foram os dias de Noé, assim será a vinda do Filho do Homem. ³⁸De facto, naqueles dias antes do dilúvio, comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, ³⁹e não se aperceberam, até que veio o dilúvio e a todos levou. Assim também será a vinda do Filho do Homem. ⁴⁰Então de dois que estarão no campo, um será levado e outro deixado; ⁴¹e de duas mulheres^h que estarão a moer no moinho, uma será levada e outra deixada.

⁴²Portanto, estai vigilantes, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. ⁴³Pensai nisto: se o dono da casa soubesse a que horasⁱ da noite viria o ladrão, estaria vigilante e não deixaria arrombar a sua casa. ⁴⁴Por isso, estai vós também preparados, porque, à hora em que menos pensais, virá o Filho do Homem».

Parábola do servo fiel e do servo infiel (Lc 12,42-46) – ⁴⁵«Quem é, portanto, o servo fiel e prudente que o senhor colocou à frente da sua casa para lhes dar o alimento no tempo oportuno? ⁴⁶Feliz aquele servo que o seu senhor, quando vier, o encontrar a proceder assim. ⁴⁷Em verdade^j vos digo: colocá-lo-á à frente de todos os seus bens. ⁴⁸Mas se aquele servo for mau e disser no seu coração: “O meu senhor tarda em vir”, ⁴⁹e começar a bater nos outros servos, seus companheiros, e a comer e a beber com os bêbados, ⁵⁰o seu senhor^k virá no dia em que menos espera e na hora que não conhece: ⁵¹há de castigá-lo severamente^l e dar-lhe a sorte dos hipócritas^m; aí haverá choro e ranger de dentes».

25 Parábola das dez virgens – ¹«O reino dos céus é semelhante a dez virgens que, tomando as suas candeias, saíram ao encontro do noivo. ²Cinco delas eram insensatasⁿ e cinco eram prudentes. ³As insensatas, ao tomarem as suas candeias, não levaram azeite consigo, ⁴enquanto as prudentes, juntamente com as candeias, levaram azeite nas vasilhas. ⁵Como o noivo tardava, ficaram todas com sono e adormeceram. ⁶A meio da noite surgiu um grito: “Eis o noivo! Saí ao seu encontro!”. ⁷Então todas aquelas virgens se levantaram e começaram a preparar as suas candeias. ⁸As insensatas disseram às prudentes: “Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas

^h *Mulheres* é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *vigília*.

^j Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^k Lit.: *o senhor daquele servo*.

^l Lit.: *parti-lo-á ao meio*. Embora obscuro, o sentido do verbo grego parece ser o de castigar tão severamente que tal é comparável ao ato de desmembrar (cf. 1Sm 15,33); neste contexto, alguns interpretam-no simbolicamente, ou seja, com o significado de arrancar o servo do meio dos outros para lhe dar a mesma sorte dos hipócritas.

^m Lit.: *e colocará a parte dele com a dos hipócritas*.

ⁿ O adjetivo em grego tem muitas traduções possíveis: *estúpidas, loucas, tolas, insensatas*.

candeias estão a apagar-se”.⁹ Mas as prudentes responderam^a: “Para que não aconteça que não chegue para nós e para vós, o melhor é irdes comprá-lo^b aos vendedores”.¹⁰ Enquanto elas o foram comprar, veio o noivo, e as que estavam preparadas entraram com ele para a sala do banquete e a porta foi fechada.¹¹ Mais tarde, vieram também as outras virgens e disseram: “Senhor, senhor, abre-nos a porta!”^c.¹² Mas ele respondeu^d: “Em verdade^e vos digo: não vos conheço”.¹³ Portanto, estai vigilantes, porque não sabeis nem o dia nem a hora».

Parábola dos talentos (Lc 19,11-27) – ¹⁴«O reino dos céus^f é como um homem que, ao partir de viagem, chamou os seus servos e entregou-lhes os seus bens.¹⁵ A um confiou cinco talentos^g, a outro dois, a outro um, conforme a capacidade de cada qual, e partiu de viagem. Imediatamente,¹⁶ o que recebera cinco talentos usou-os para negociar e ganhou outros cinco.¹⁷ Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois.¹⁸ Mas o que recebera apenas um foi fazer uma cova na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.¹⁹ Muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e pôs-se a ajustar as contas com eles.²⁰ O que recebera cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco^h, dizendo: “Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco que eu ganhei”.²¹ Disse-lhe o seu senhor: “Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel no pouco, muito te hei de confiarⁱ; entra na alegria do teu senhor”.²² Aproximou-se, então, o que recebera dois talentos e disse: “Senhor, entregaste-me dois talentos; eis aqui outros dois que eu ganhei”.²³ Disse-lhe o seu senhor: “Muito bem, servo bom e fiel! Porque foste fiel no pouco, muito te hei de confiar; entra na alegria do teu senhor”.²⁴ Aproximou-se também o que tinha recebido um talento e disse: “Senhor, por saber que tu és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste,²⁵ tive medo e fui esconder o teu talento na terra. Eis aqui o que é teu”.²⁶ O seu senhor respondeu-lhe^k: “Servo mau e preguiçoso! Sabias que ceifo onde não semei e recolho onde não espalhei.²⁷ Devias, portanto, ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, teria recuperado com juros o que era meu.²⁸ Por isso, tirai-lhe o talento e dai-o àquele que tem dez.²⁹ Pois a todo aquele que tem ser-lhe-á dado ainda mais, mas, àquele que não tem, até o

^a O grego acrescenta *dizendo*.

^b O grego acrescenta *para vós*.

^c *A porta* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *ele, porém, respondendo disse*.

^e Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^f *O reino dos céus* é acrescento da tradução.

^g Um talento corresponderia a c. 6000 denários (um denário correspondia ao pagamento de um dia de trabalho; cf. 18,24 nota).

^h O grego acrescenta *talentos*, tal como no fim do v. e na construção semelhante do v.22 e do v.28.

ⁱ Lit.: *sobre coisas poucas foste fiel, sobre muitas coisas colocar-te-ei* (o mesmo no v.23).

^j Lit.: *vê/eis (que) tens o teu*.

^k Lit.: *respondendo, porém*.

que tem lhe será tirado.³⁰ E quanto a esse servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes».

O juízo final – ³¹«Quando o Filho do Homem vier na sua glória e, com Ele, todos os anjos, sentar-se-á no trono da sua glória. ³²Reunir-se-ão diante dele todos os povos, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴O rei dirá, então, aos da sua direita: “Vinde, benditos do meu Pai; recebi como herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. ³⁵Pois tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e acolhestes-me; ³⁶estava nu, e vestistes-me; estava doente, e visitastes-me; estava na prisão, e fostes ter comigo”. ³⁷Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando é que te vimos com fome e te alimentámos, ou com sede e te demos de beber? ³⁸Quando é que te vimos estrangeiro e te acolhemos, ou nu e te vestimos? ³⁹Quando é que te vimos doente ou na prisão e fomos ter contigo?” ⁴⁰E o rei lhes responderá: “Em verdadeⁿ vos digo: quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes”. ⁴¹Dirá, então, aos do lado esquerdo: “Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e para os seus anjos. ⁴²Pois tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; ⁴³era estrangeiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; estava doente e na prisão, e não me visitastes”. ⁴⁴Então também eles hão de responder: “Senhor, quando é que te vimos com fome ou sede, estrangeiro ou nu, doente ou na prisão e não te servimos?” ⁴⁵E ele lhes responderá: “Em verdadeⁿ vos digo: quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, foi a mim que não o fizestes”. ⁴⁶Estes partirão para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna».

IV PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS (26,1-28,20)

26 Determinação em matar Jesus (Mc 14,1s; Lc 22,1s; Jo 11,47-53) – ¹Quando^r Jesus acabou de dizer todas estas palavras^s, disse aos seus discípulos: ²«Sabeis que

¹ O grego acrescenta *dizendo*.

^m Lit.: *e respondendo o rei dir-lhes-á*.

ⁿ Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^o O grego acrescenta *dizendo*.

^p O grego acrescenta *dizendo*.

^q Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^r Lit.: *e aconteceu que, quando*.

^s Com esta fórmula Mt inicia uma nova secção narrativa (cf. 7,28; 11,1; 13,53; 19,1), de carácter conclusivo, como a expressão *todas estas palavras* sublinha. A fórmula evoca a conclusão do discurso de Moisés no final do Pentateuco (Dt 31,1.24; 32,45), dentro do enquadramento próprio de Mt, que vê

daqui a dois dias é a Páscoa, e o Filho do Homem vai ser entregue para ser crucificado». ³Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás^a, ⁴e concordaram em prender Jesus à traição e dar-lhe a morte. ⁵Mas diziam: «Durante a festa não, para que não haja alvoroço entre o povo».

Unção em Betânia (Mc 14,3-9; Lc 7,36-50; Jo 12,1-8) – ⁶Encontrando-se Jesus em Betânia, em casa de Simão^b, o leproso, ⁷enquanto estava reclinado à mesa, veio ter com Ele uma mulher que trazia um frasco de alabastro com um bálsamo muito valioso e derramou-lho sobre a cabeça. ⁸Ao ver isto, os discípulos indignaram-se, dizendo: «Para que foi este desperdício? ⁹Podia vender-se por um bom preço e dar-se aos pobres». ¹⁰Apercebendo-se disto, Jesus disse-lhes: «Porque estais a importunar esta mulher? De facto, ela praticou uma boa ação para comigo. ¹¹Pois pobres sempre o tereis convosco, mas a mim nem sempre tereis. ¹²Ao derramar este bálsamo sobre o meu corpo, ela fê-lo preparando-me para a sepultura^c. ¹³Em verdade^d vos digo: em qualquer parte do mundo em que este evangelho seja proclamado, também se há de contar, em sua memória, o que ela acabou de fazer.».

Traição de Judas (Mc 14,10s; Lc 22,3-6) – ¹⁴Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os chefes dos sacerdotes ¹⁵e disse: «Que estais dispostos a dar-me, se eu vo-lo entregar?». *Eles estabeleceram com ele trinta moedas de prata^e*. ¹⁶E, a partir de então, ele pôs-se à procura do momento oportuno para o entregar.

Preparação da ceia pascal (Mc 14,12-16; Lc 22,7-13) – ¹⁷No primeiro dia dos Ázimos, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram: «Onde queres que te façamos os preparativos para comer a Páscoa?»^f. ¹⁸Ele respondeu: «Ide à cidade, ter com tal pessoa, e dizei-lhe: “O Mestre diz: o meu tempo está próximo. É em tua casa que

em Jesus o novo Moisés (cf. 17,1 nota). De facto, tal como a Lei é constituída por cinco livros, também em Mt são cinco os discursos de Jesus, que Ele entrega como legado aos discípulos com o mandato de ensinar *a observar tudo quanto vos mandei* (28,20).

^a Caifás, genro de Anás, foi o sumo sacerdote e presidente do sinédrio nos anos 18 a 36 d.C.. O seu palácio ficava junto à muralha ocidental de Jerusalém, não longe da porta de onde começava a estrada para Jafa.

^b Como em Mc 14,3-9, Mt insere aqui a cena da unção em casa de Simão, que Jo coloca seis dias antes da Páscoa (Jo 12,1-8). Jo 12,1-8 identifica a mulher com Maria, irmã de Lázaro, embora ali o episódio seja colocado em casa de Lázaro, e não de Simão, como nestes vv., o que leva alguns autores a ter dificuldade em considerar os dois episódios como referentes ao mesmo acontecimento. O episódio narrado em Lc 7,36-50 é diferente, pois passa-se na Galileia, em casa de um fariseu, e a protagonista é uma pecadora.

^c Lit.: *para o sepultar-me*.

^d Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^e Zc 11,12. Trinta moedas de prata correspondem ao preço de um escravo em Ex 21,32.

^f A Festa da Páscoa durava uma semana e era, na origem, uma festa de pastores que, na noite da lua cheia do primeiro mês do ano (pastoril), imolavam e comiam um cordeiro ou cabrito (cf. Ex 12,8.11.15.27; Lv 23,5-8; 2Cr 35,1-19). Foi associada, séculos depois da fixação na Palestina, à Festa dos Ázimos (cf. Dt 16,1-8; 2Rs 23,22; Esd 6,19-22), os pães sem fermento dos agricultores (cf. Ex 23,14s), usados na

vou fazer a Páscoa com os meus discípulos”». ¹⁹Os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

A ceia do Senhor (Mc 14,17-25; Lc 22,14-23; Jo 13,2.21-26; 1Cor 11,23-25) – ²⁰Ao cair da tarde, reclinou-se à mesa com os Doze ²¹e, enquanto comiam, disse: «Em verdade^g vos digo: um de vós me há de entregar». ²²Profundamente entristecidos, começou cada um a perguntar-lhe: «Não sou eu, Senhor, pois não?». ²³Ele respondeu^h: «O que meteui comigo a mão no pratoⁱ, é esse que me entregará. ²⁴De facto, o Filho do Homem parte, tal como está escrito acerca dele, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido». ²⁵Disse, então, Judas, aquele que o ia entregarⁱ: «Não sou eu, pois não, Rabi?». Ele respondeu-lhe: «Tu o disseste!».

²⁶Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: «Tomai e comei: isto^k é o meu corpo». ²⁷Depois tomou um cálice^l, deu graças e deu-lho, dizendo: «Bebei todos dele, ²⁸pois isto é o meu sangue da aliança, derramado por muitos^m para o perdão dos pecados. ²⁹Digo-vos que, a partir de agora, não mais beberei do fruto da videira, até àquele dia em que convosco o hei de beber, novo, no reino do meu Pai».

Anúncio da negação de Pedro (Mc 14,26-31; Lc 22,31-34; Jo 13,36-38) – ³⁰Depois de terem entoado o hinoⁿ, saíram para o Monte das Oliveiras. ³¹Disse-lhes, então, Jesus: «Esta noite todos vós caireis escandalizados, por causa de mim, pois está escrito: *Hei de ferir o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas*^o. ³²Mas, depois de ressuscitar, irei à vossa frente para a Galileia». ³³Pedro tomou a palavra e disse-lhe: «Ainda que todos caíam escandalizados por causa de ti, eu nunca cairei^p». ³⁴Jesus respondeu-lhe:

celebração do *séder* judaico (ritual da celebração da ceia pascal). No tempo de Jesus começava, no início da tarde, com a imolação dos cordeiros pascais no templo de Jerusalém.

^g Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^h Lit.: *Ele, porém, respondendo disse*.

ⁱ Lit.: *molha comigo no prato*. A mesa compartilhada é a mais alta expressão da hospitalidade, pela comunhão e intimidade que implica. Neste sentido, a traição de Judas significa o máximo da traição.

^j Lit.: *respondendo, porém, Judas ... disse*.

^k Ou *este* (tal como no v.28).

^l Este cálice será provavelmente o terceiro, de um conjunto de quatro cálices (*mPes* 10), correspondendo cada um a uma das quatro partes do *séder* judaico. Este terceiro cálice é repartido antes de recitada a narrativa de carácter homilético e exortativo (*baggadâb*) e de se comerem os pães ázimos com as ervas amargas embebidas no molho (*barôset*), a que se refere a expressão *põe a mão no prato*.

^m Cf. Mc 14,24 nota.

ⁿ A ceia pascal terminava com a recitação dos salmos do *hallel* (Sl 113-118). Segundo a tradição judaica do *tgNeofEx* 12,42, quatro grandes acontecimentos da história da salvação terão lugar na noite da Páscoa: a criação do mundo, o enfaixamento (*bâaqedâb*) de Isaac de Gn 22,1-19, o êxodo do Egito e a vinda do Messias.

^o Zc 13,7.

^p Lit.: *serei escandalizado*.

«Em verdade^a te digo: nesta mesma noite, antes de o galo cantar, três vezes me negarás». ³⁵Disse-lhe Pedro: «Mesmo que seja necessário eu morrer contigo, jamais te negarei». E o mesmo disseram todos os discípulos.

Oração de Jesus no Getsémani (Mc 14,32-42; Lc 22,39-46) – ³⁶Jesus foi, então, com eles para uma propriedade chamada Getsémani^b e disse aos discípulos: «Sentai-vos aqui, enquanto vou ali rezar». ³⁷E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. ³⁸Disse-lhes, então: «*A minha alma está numa tristeza* de morte^c. Permanecei aqui e ficai vigilantes comigo». ³⁹E, indo um pouco mais adiante, caiu com o rosto por terra e, enquanto rezava, dizia: «Meu Pai, se é possível, que se aparte de mim este cálice! No entanto, não se faça como Eu quero, mas como Tu queres». ⁴⁰Veio, então, ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Nem uma hora fostes capazes de ficar vigilantes comigo? ⁴¹Estai vigilantes e rezai para não cairdes^d em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca». ⁴²Afastou-se, de novo, pela segunda vez, e rezou, dizendo: «Meu Pai, se não é possível apartar este cálice sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade». ⁴³Quando regressou, encontrou-os de novo a dormir, pois os seus olhos estavam pesados. ⁴⁴Deixando-os, de novo se afastou e rezou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁵Foi, então, ter com os discípulos e disse-lhes: «Ireis dormir e descansar o resto da noite^e? Eis que se aproxima a hora em que o Filho do Homem é entregue nas mãos dos pecadores. ⁴⁶Levantai-vos! Vamos! Já^f se aproxima aquele que me vai entregar».

Prisão de Jesus (Mc 14,43-50; Lc 22,47-53; Jo 18,3-12) – ⁴⁷Ainda Ele falava, quando^g chegou Judas, um dos Doze e, com ele, uma numerosa multidão com espadas e varapaus, vinda da parte dos chefes dos sacerdotes e anciãos do povo. ⁴⁸Aquele que o ia entregar tinha combinado com eles um sinal^h, dizendo: «É aquele que eu beijar; prendei-o». ⁴⁹Foi, então, imediatamente ter com Jesus, e disse: «Salve, Rabi!». E beijou-o efusivamenteⁱ. ⁵⁰Jesus respondeu-lhe: «Amigo, a que vieste?». Então avançaram, deitaram as mãos a Jesus e prenderam-no. ⁵¹Nisto^j, um dos que estavam com Jesus levou a mão à espada, puxou-a, atacou o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha. ⁵²Jesus

^a Lit.: *amén* (cf. 5,18 nota).

^b Getsémani (em aramaico *Lagar de Azeite*) situa-se no sopé do Monte das Oliveiras, sobranceiro ao vale do Cédron.

^c Sl 42,5.12; 43,5; Jo 12,27.

^d Lit.: *para que não entreis* (cf. 6,13).

^e Lit.: *dormis o resto e descansais?* ou *dormi o resto e descansai!* Cf. Mc 14,41 nota.

^f Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^g Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^h Lit.: *deu-lhes sinal*.

ⁱ Este ambivalente beijo recorda outros ósculos de outros pretensos «amigos» do AT (cf. Sl 41,10; 55,13s; Pr 27,6; 2Rs 5,25; 2Sm 3,27; 20,8-10).

^j Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

disse-lhe: «Volta a pôr a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam na espada, pela espada hão de morrer.⁵³ Ou pensas que não posso apelar a meu Pai, que poria agora mesmo à minha disposição mais de doze legiões de anjos?⁵⁴ Mas, então, como se cumpririam as Escrituras, segundo as quais é necessário que assim aconteça?».⁵⁵ De seguida^k, Jesus disse à multidão: «Viestes com espadas e varapaus para vos apoderardes de mim, como se eu fosse um salteador? Durante estes dias sentei-me no templo a ensinar, e não me prendestes!⁵⁶ Porém, tudo isto aconteceu para se cumprirem as Escrituras dos profetas». Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

Jesus diante do sinédrio (Mc 14,53-65; Lc 22,54s.66-71; Jo 18,13-24) –⁵⁷ Os que prenderam Jesus levaram-no a Caifás, o sumo sacerdote, ao lugar onde os doutores da lei e os anciãos se tinham reunido.⁵⁸ Pedro foi-o seguindo de longe, até ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, sentou-se com os guardas para ver como tudo aquilo acabaria^l.

⁵⁹ Entretanto, os chefes dos sacerdotes e todo o sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus para lhe darem a morte,⁶⁰ mas não encontraram nenhum, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Por fim, apresentaram-se duas,⁶¹ que disseram: «Este afirmou: “Posso destruir o templo de Deus e edificá-lo em três dias”». ⁶² Então o sumo sacerdote levantou-se e perguntou-lhe: «Não respondes nada? Que dizes aos que testemunham contra ti?»^m. ⁶³ Mas Jesus mantinha-se calado. Disse-lhe o sumo sacerdote: «Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus». ⁶⁴ Jesus respondeu-lhe: «Tu o disseste. Digo-vos ainda mais: a partir de agora, vereis o *Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderosoⁿ a vir sobre as nuvens do céu*»^o.

⁶⁵ Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, exclamando: «Blasfemou^p! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Eis que agora ouvistes a blasfémia. ⁶⁶ Que vos parece?». Eles responderam^q: «É réu de morte!».

⁶⁷ Cuspiram-lhe, então, no rosto e deram-lhe murros, e outros esbofetearam-no, ⁶⁸ dizendo: «Ora profetiza lá para nós, ó Cristo: quem é que te bateu?».

Pedro renega Jesus (Mc 14,66-72; Lc 22,56-62; Jo 18,15-18.25-27) –⁶⁹ Entretanto, Pedro estava sentado no lado de fora, no pátio. Uma jovem serva aproximou-se dele e disse: «Tu também estavas com Jesus da Galileia». ⁷⁰ Mas ele negou diante de todos, dizendo: «Não sei o que dizes!». ⁷¹ E quando ia a sair, em direção ao portão, uma outra viu-o e disse aos que ali estavam: «Este estava com Jesus, o Nazareno!». ⁷² E de novo ele negou com juramento: «Não conheço esse homem!». ⁷³ Pouco depois, aqueles que

^k Lit.: *naquela bora*.

^l Lit.: *para ver o fim*.

^m Lit.: *que coisa estes testemunham de ti?*

ⁿ Lit.: *do poder*.

^o Dn 7,13; Sl 110,1.

^p A blasfémia era punível com a morte (cf. Lv 24,16).

^q Lit.: *eles, porém, respondendo disseram*.

estavam por ali aproximaram-se e disseram a Pedro: «É verdade que também tu és um deles, pois até o teu modo de falar te denuncia^a». ⁷⁴Ele começou, então, a praguejar e a jurar: «Não conheço esse homem!». E imediatamente um galo cantou. ⁷⁵Pedro recordou-se, então, daquilo que Jesus dissera: «Antes de o galo cantar, três vezes me negarás». E, saindo para fora, chorou amargamente.

27 Jesus é entregue a Pilatos (Mc 15,1; Lc 23,1; Jo 18,28) – ¹Ao romper da manhã, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram em conselho contra Jesus, para o entregar à morte. ²E, depois de o atarem, levaram-no e entregaram-no ao governador Pilatos^b.

Judas arrepende-se e enforca-se – ³Então Judas, aquele que o tinha entregado, ao ver que Ele tinha sido condenado, arrependeu-se e devolveu as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos, ⁴dizendo: «Pequei, ao entregar sangue inocente». Mas eles responderam: «Que temos nós com isso? É lá contigo!»^c. ⁵Ele atirou, então, as moedas para o templo e, saindo dali, foi enforcar-se. ⁶Os chefes dos sacerdotes apanharam as moedas e disseram: «Não é permitido lançá-las no tesouro do templo, uma vez que são preço de sangue». ⁷E, depois de se terem reunido em conselho, compraram com elas o Campo do Oleiro, para sepultura dos estrangeiros. ⁸Por isso, aquele campo é chamado, ainda hoje, «Campo de Sangue». ⁹Assim se cumpriu o que foi dito por meio do profeta Jeremias^d: «*E apanharam as trinta moedas de prata, o valor estabelecido para aquele cujo preço foi fixado pelo povo de Israel*»; ¹⁰e pagaram com elas o Campo do Oleiro, como o Senhor me tinha ordenado^e^f.

Jesus perante Pilatos (Mc 15,2-15; Lc 23,2-5.13-25; Jo 18,29-19,1) – ¹¹Jesus foi levado à presença^g do governador, e o governador interrogou-o, dizendo: «Tu és o rei dos judeus?». Jesus respondeu: «Tu o dizes». ¹²Mas, ao ser acusado pelos chefes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondia. ¹³Disse-lhe, então, Pilatos: «Não ouves quantas coisas testemunham contra ti?». ¹⁴Mas Ele não lhe respondeu nem uma palavra, de tal forma que o governador ficou muito admirado.

¹⁵Ora, por ocasião da festa, era costume o governador libertar um preso, aquele que a multidão quisesse. ¹⁶Havia, nessa altura, um preso famoso, chamado Jesus Barrabás^h. ¹⁷Pilatos disse, então, àqueles que se tinham ali juntado: «Quem quereis

^a Lit.: *te faz evidente*.

^b Só Pilatos, como governador romano, dispunha do *ius gladii*, i.e., do poder de sentenciar à morte.

^c Lit.: *Tu verás!*

^d O grego acrescenta *que diz*.

^e Lit.: *a avaliação do que foi avaliado, que [os] dos filhos de Israel avaliaram*.

^f Embora atribuído a Jeremias, o texto é uma combinação de Zc 11,12s; Jr 18,2s; 19,1s; 32,8s; Ex 9,12 (LXX).

^g Lit.: *foi feito estar diante de*.

^h Barrabás é a transliteração do aramaico *bar-‘abbas* (filho do pai). Muitos mss. não apresentam *Jesus*, possivelmente para evitar associar esse nome a um criminoso. O facto de ambos terem o mesmo nome

que vos liberte: Jesus Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?»¹⁸ – pois sabia que o tinham entregado por inveja.

¹⁹Enquanto ele estava sentado no tribunal, a sua mulher mandou dizer-lhe: «Não te envolvas na causa desse justoⁱ, pois hoje sofri muito num sonho por causa dele!».

²⁰Mas os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram a multidão a pedir Barrabás e a exigir a morte de Jesus^k. ²¹Tomando a palavra, o governador perguntou-lhes: «Qual dos dois quereis que vos liberte?». Eles responderam: «Barrabás». ²²Disse-lhes Pilatos: «Então que hei de fazer de Jesus, chamado Cristo?». Responderam todos: «Seja crucificado!». ²³Pilatos retorquiu: «Mas que mal fez Ele?». Eles, porém, gritavam ainda mais, dizendo: «Seja crucificado!».

²⁴Pilatos, ao ver que nada conseguia e que, pelo contrário, o alvoroço se tornava cada vez maior, mandou vir água e lavou as mãos diante da multidão, dizendo: «Estou inocente do sangue deste homem! Isso é lá convosco»^m. ²⁵E todo o povo respondeuⁿ: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!». ²⁶Libertou-lhes, então, Barrabás e, depois de ter mandado flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Os soldados ridicularizam Jesus (Mc 15,16-20; Jo 19,2s) – ²⁷Então os soldados do governador levaram Jesus para o pretório, e reuniram à volta dele toda a coorte^o. ²⁸Depois de o despirem, cobriram-no com um manto escarlata. ²⁹Colocaram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, que tinham entrelaçado, e puseram-lhe uma cana na mão direita. Ajoelhando-se diante dele, começaram a escarnecê-lo, dizendo: «Salve, ó rei dos judeus!». ³⁰E, cuspido-lhe, pegaram na cana e batiam-lhe com ela^p na cabeça. ³¹Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto, vestiram-lhe as suas vestes e levaram-no para ser crucificado.

Crucificação de Jesus (Mc 15,21-32; Lc 23,26.33-43; Jo 19,17-19) – ³²Ao saírem, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão^q, e obrigaram-no a levar-lhe a cruz.

(*Jesus* significa *Salvador*) pode ter uma leitura irónica: Pilatos, de facto, apresenta ao povo dois tipos de salvação, a que pretensamente vem pela força e pelas armas (a que Barrabás parece oferecer), e a que vem de Deus (que apenas Jesus pode dar).

ⁱ Lit.: *nada para ti e para esse justo*.

^j Só Mt apresenta o temor sagrado da mulher de Pilatos – uma pagã romana – em contraposição com a atitude dos chefes dos judeus.

^k Lit.: *e destruirém Jesus*.

^l Lit.: *do sangue deste*.

^m Lit.: *vós vereis*.

ⁿ Lit.: *e respondendo todo o povo disse*.

^o O pretório era a residência do Pretor, e nele se instalava o Procurador romano, quando se deslocava de Cesareia marítima a Jerusalém, por altura das grandes festas, para vigiar e manter segura a cidade, devido ao afluxo de peregrinos. A coorte era a décima parte da legião e compreendia c. quinhentos homens. Era chamada a guarda pretoriana.

^p Com *ela* é acrescento da tradução.

^q Cirene era uma cidade da Líbia, e Simão um judeu dessa colónia grega no norte de África.

³³Quando chegaram a um lugar chamado Gólgota – que significa “Lugar da Caveira” –, ³⁴*deram-lhe a beber* vinho misturado com fel^a; mas, ao provar, Ele não quis beber. ³⁵Depois de o terem crucificado, *repartiram entre si^b as suas vestes, tirando-as à sorte^c*, ³⁶e ficaram ali sentados a guardá-lo. ³⁷Por cima da sua cabeça puseram escrita a causa da sua condenação: «Este é Jesus, o rei dos judeus». ³⁸E com Ele foram crucificados dois salteadores, um à direita e outro à esquerda. ³⁹Os que passavam insultavam-no, *abanando a cabeça^d* ⁴⁰e dizendo: «Tu, que destruías o templo e em três dias o edificavas, salva-te a ti mesmo! Se és Filho de Deus, desce da cruz!». ⁴¹Da mesma forma, também os chefes dos sacerdotes, escarnecendo juntamente com os doutores da lei e os anciãos, diziam: ⁴²«Salvou outros, mas a si mesmo não se pode salvar. É rei de Israel; que desça agora da cruz e acreditaremos nele. ⁴³*Confiou em Deus; Ele que o livre agora, se lhe quer bem^e*, visto que disse: “Sou Filho de Deus”». ⁴⁴Até os salteadores que tinham sido crucificados com Ele o insultavam.

Morte de Jesus (Mc 15,33-41; Lc 23,44-49; Jo 19,25.28-30) – ⁴⁵A partir do meio-dia^f fizeram-se trevas sobre toda a terra, até às três horas da tarde^g. ⁴⁶Pelas três horas da tarde, Jesus bradou com voz forte, dizendo: «*Elí, Elí, lemá sabakhtáni?*», isto é, «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*»^h. ⁴⁷Alguns dos que ali estavam, ao ouvirem isto, diziam: «Está a chamar por Elias». ⁴⁸E um deles foi imediatamente a correr apanhar uma esponja e, depois de a embeber em *vinagre*, pô-la numa cana e *dava-lhe de beberⁱ*. ⁴⁹Os outros, porém, diziam: «Deixa! Vejamos se Elias o vem salvar». ⁵⁰Mas Jesus, bradando de novo com voz forte, entregou o espírito^j.

⁵¹Então^k o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo; a terra tremeu e as rochas fenderam-se. ⁵²Os sepulcros abriram-se e muitos corpos de santos que já tinham adormecido ressuscitaram ⁵³e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus^l, entraram na cidade santa e apareceram a muitos^m. ⁵⁴O centurião e os que com ele guardavam Jesus, ao verem o terramoto e o que estava a acontecer, ficaram cheios de medo e disseram: «Ele era verdadeiramente Filho de Deus!».

^a Sl 69,22.

^b *Entre si* é acrescento da tradução.

^c Sl 22,19. Lit.: *lançando sortes*.

^d Sl 22,8.

^e Sl 22,9.

^f Lit.: *a partir da hora sexta*.

^g Lit.: *até a hora nona*.

^h Sl 22,2.

ⁱ Sl 69,22.

^j Ou *expirou* (lit.: *deixou ir o espírito*), no sentido de dar o último suspiro, visto que, em grego, *pneúma* tanto se refere a *espírito* como a *sopro*, ou ao *hálito da respiração*.

^k Lit.: *vêeis (que)* (cf. 2,13 nota).

^l Lit.: *dele*.

^m Os vv.51-53 apresentam uma sugestiva moldura imagética apocalíptica dos novos tempos: rasgão do véu do templo, tremor de terra, túmulos abertos e mortos ressuscitados a aparecerem aos vivos. Comparar com Ez 37,12 e Dn 12,13.

⁵⁵ Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia para o servirem. ⁵⁶Entre elas encontravam-se Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

Sepultura de Jesus (Mc 15,42-47; Lc 23,50-56; Jo 19,38-42) – ⁵⁷Ao cair da tarde, veio um homem rico, de Arimateiaⁿ, chamado José, que se tinha tornado, também ele, discípulo de Jesus. ⁵⁸Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos ordenou, então, que lho entregassem. ⁵⁹José tomou o corpo, envolveu-o num lençol puro ⁶⁰e pô-lo num sepulcro novo que era seu, e que ele tinha mandado escavar na rocha. Depois rolou uma grande pedra contra a entrada do sepulcro e foi-se embora. ⁶¹Estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, sentadas em frente do túmulo.

O sepulcro é guardado – ⁶²No dia seguinte, isto é, depois da Preparação^o, os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram-se, foram ter com Pilatos, ⁶³e disseram: «Senhor, lembrámo-nos de que aquele impostor, quando ainda estava vivo, disse: “Depois de três dias ressuscitarei”. ⁶⁴Ordena, portanto, que o túmulo seja guardado até ao terceiro dia, não aconteça que os seus discípulos venham roubá-lo e digam ao povo que ressuscitou dos mortos. Esta última impostura seria pior do que a primeira». ⁶⁵Pilatos respondeu-lhes: «Tendes os guardas. Ide embora e guardai-o como entenderdes». ⁶⁶Eles foram e guardaram o túmulo, selando a pedra e montando a guarda.

28 Ressurreição de Jesus (Mc 16,1-8; Lc 24,1-12; Jo 20,1-18) – ¹Depois do sábado, ao raiar do primeiro dia da semana^p, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. ²Nisto^q houve um grande terramoto: um anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, rolou a pedra e sentou-se em cima dela. ³O seu aspeto era como o de um relâmpago, e a sua roupa branca como a neve. ⁴Os guardas começaram a tremer com medo dele e ficaram como mortos. ⁵O anjo tomou a palavra e disse às mulheres: «Não tendes medo! Sei que procurais Jesus, o crucificado. ⁶Não está aqui, pois ressuscitou como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde jazia. ⁷E ide rapidamente dizer aos seus discípulos: “Ele ressuscitou dos mortos e vai^r à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis”. É isto o que tinha para vos dizer^s». ⁸Elas afastaram-se rapidamente do sepulcro, com medo e uma grande alegria, e correram para o irem anunciar aos seus discípulos. ⁹Mas Jesus^t veio ao seu encontro e disse-lhes: “Salve!”.

ⁿ Arimateia, povoação de Judá, a nordeste de Lida. José pede o corpo para cumprir o preceituado em Dt 21,22s.

^o I.e., o dia antes do sábado.

^p Após o pôr-do-sol de sábado, recomeça a vida (e a semana) no judaísmo.

^q Lit.: *vê/eis (que)* (cf. 2,13 nota).

^r O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^s Lit.: *vê/eis (que) vos disse*.

^t O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

Elas aproximaram-se, abraçaram-se-lhe aos pés e adoraram-no. ¹⁰Disse-lhes, então, Jesus: «Não tenhais medo! Ide, anunciai aos meus irmãos que partam para a Galileia. Lá me verão».

Embuste dos sacerdotes – ¹¹Enquanto elas iam a caminho, alguns^a dos guardas foram à cidade contar aos chefes dos sacerdotes tudo o que tinha acontecido. ¹²Estes reuniram-se, então, com os anciãos e, em conselho, concordaram dar aos soldados uma considerável soma de dinheiro, ¹³com esta indicação^b: «Direis o seguinte^c: “Os seus discípulos vieram de noite roubá-lo, enquanto nós estávamos a dormir”. ¹⁴E, se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e faremos com que não tenhais problemas^d». ¹⁵Eles receberam o dinheiro e fizeram como lhes tinha sido ensinado. E este boato espalhou-se entre os judeus, até ao dia de hoje.

Jesus aparece aos onze – ¹⁶Os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha designado. ¹⁷Quando o viram, adoraram-no; mas alguns ainda duvidaram. ¹⁸Jesus aproximou-se e falou-lhes, dizendo: «Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. ¹⁹Ide, fazei discípulos todos os povos, batizando-os no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ²⁰ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. Eu^e estou convosco^f todos os dias, até ao fim dos tempos».

^a O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^b Lit.: *dizendo*.

^c *O seguinte* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *e far-vos-emos despreocupados*.

^e O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. 2,13 nota).

^f O evangelho está emoldurado com uma grande inclusão: a presença inicial de Deus em Jesus – como *Emanuel: Deus conosco* (Mt 1,23) – é retomada na promessa conclusiva – *Eu estou convosco*.